

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

VIVIANE FREITAS DA SILVA

**MEMÓRIAS DA EDUCADORA OLIVINA OLIVIA CARNEIRO
DA CUNHA: práticas educativas e envolvimento político e social na
Paraíba (1886-1977)**

João Pessoa/PB
2012



VIVIANE FREITAS DA SILVA

**MEMÓRIAS DA EDUCADORA OLIVINA OLIVIA CARNEIRO
DA CUNHA: práticas educativas e envolvimento político e social na Paraíba
(1886-1977)**

João Pessoa/PB
2012



VIVIANE FREITAS DA SILVA

**MEMÓRIAS DA EDUCADORA OLIVINA OLÍVIA CARNEIRO
DA CUNHA: práticas educativas e envolvimento político e social na Paraíba
(1886-1977)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE (*Stricto Sensu*), do Centro de Educação-CE, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: História da Educação

João Pessoa/PB
2012



S586m Silva, Viviane Freitas da.

Memórias da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha: práticas educativas e envolvimento político e social na Paraíba (1886-1977) / Viviane Freitas da Silva.-- João Pessoa, 2012.

141f. : il.

Orientador: Charliton José dos Santos Machado

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

1. Olivina Olívia Carneiro da Cunha. 2. Educação. 3. Mulher. 4. Memórias.

UFPB/BC

CDU: 37(043)



VIVIANE FREITAS DA SILVA

**MEMÓRIAS DA EDUCADORA OLIVINA OLIVIA CARNEIRO
DA CUNHA: práticas educativas e envolvimento político e social na Paraíba
(1886-1977)**

Dissertação aprovada em 22/08/2012.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado
Orientador – CE /UFPB

Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Examinador interno – CE /UFPB

Prof. Dr. José Rogério Santana
Examinador externo – PPGE /UFC



DEDICATÓRIA

*A toda pessoa envolvida em contar histórias e preservar
vivas memórias para as gerações futuras.*

Viviane Freitas



AGRADECIMENTO

Abro as páginas da emoção para escrever nessas linhas sobre a satisfação que sinto pela realização deste trabalho, que só foi possível com a participação de diferentes sujeitos e instâncias com quem partilho agradecimentos, seja por minhas palavras, seja por versos de poesias ou trechos de músicas que aprecio.

Beti Isabel: Você é amor! Você é calor! Você é brisa da manhã!

Valdemar: As coisas simples são as mais extraordinárias.

Valdênia: O esplendor de Deus está sempre em cada criatura.

Valdízia: O amor é a poesia dos sentidos.

German Vinuesa: Você é um raio de sol em minha vida.

Jonas Romero: A grandeza de um homem encontrar-se em servir a Deus.

Solange: Obrigada por sua amizade e orações.

Márcia Mendes: Sua amizade é preciosa como o ouro.

Cristina Ferreira Mendes: Fica sempre um pouco de perfume nas mãos de quem semeia flores.

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado: A grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las. Agradeço pelo incentivo, dedicação e paciência que me conduziu ao crescimento intelectual, desde a graduação até o presente momento.

Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes: O que sacia a alma não é o muito saber, mas o sentir.

Profa. Dra. Adelaide Alves Dias: Ninguém é lembrado por aquilo que fez por si mesmo, mas por aquilo que fez pelos outros. Obrigada por acreditar em mim!

Rose: Sorrisos e gentilezas são atributos de pessoas especiais!

Meus familiares: presentes de Deus!

Aos irmãos e irmãs da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Valentina I: Obrigada pelo carinho e orações! Desejo que o Senhor abençoe a todas vocês e agradeço a Ele por fazerem parte da minha história.



Aos professores do Centro de Educação/UFPB: Quem não ama os seres inacabados não é capaz de educar.

Aos colegas da turma 30: pelos momentos vividos juntos e por partilharem de conhecimentos.

Às Companheiras Grupo de Estudos “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX”: pelas fontes pesquisadas e gentilmente cedidas.

Tatiana Medeiros e Rosangela Lima: Obrigada pelas orientações e amizade!

Cristiano Ferronato e Verônica Fragoso: pelos trabalhos e fontes disponibilizadas.

Entrevistados: Obrigado por compartilharem histórias e memórias da educação paraibana.

À família Abiahy: Álbuns de família, histórias misturadas com sorrisos, memórias que expressam sentimentos.

Ao Instituto Histórico Geográfico da Paraíba – IHGP e a Fundação Espaço Cultural - FUNESC: escondem os carvões acesos de brilho singular!

À Universidade Federal da Paraíba-UFPB: Por ter sido, durante esses 6 anos a minha segunda casa.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudos para a pesquisa.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho de Dissertação.

*Por fim, agradeço ao meu Deus que sempre esteve comigo em todos os momentos sendo meu amigo, mestre e salvador. No **Salmo 16:1-11** a seguir expressam um pouco da gratidão que sinto em meu ser.*

Guarda-me, ó Deus, porque em ti confio.

A minha alma disse ao SENHOR: Tú és o meu Deus outro bem não possuo, além de ti.

As dores se multiplicarão àqueles que fazem oferendas a outro deus; eu não oferecerei as suas libações de sangue, nem tomarei os seus nomes nos meus lábios.

O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice; tu sustentas a minha sorte.



As sortes me caíram em lugares deliciosos; sim, coube-me uma formosa herança.

Louvarei ao SENHOR que me aconselhou; até o meu coração me ensina de noite.

Tenho posto o SENHOR continuamente diante de mim; por isso que ele está à minha mão direita, nunca vacilarei.

Portanto está alegre o meu coração e se regozija a minha glória; também a minha carne repousará segura.

Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.

Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há fartura de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente.



RESUMO

Esta dissertação de mestrado investigou e analisou, historicamente, a trajetória da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, focando, fundamentalmente, suas práticas educacionais no cenário político, cultural e social paraibano. O recorte temporal no presente estudo compreendeu os anos de 1886-1977, ou seja, entre o ano de nascimento e morte da educadora. O referencial teórico-metodológico foi construído respaldado na abordagem da Nova História Cultural, com ênfase no território das memórias e da História Oral através de uma perspectiva histórico-biográfica, utilizando como fonte a imprensa e as narrativas orais de seus familiares, amigos, historiadores paraibanos e seus ex-alunos, que apresentaram as reminiscências e as histórias em torno da origem familiar, de sua formação educacional, e seu legado profissional, colaborando na montagem do quebra-cabeça biográfico dessa professora. As fontes documentais coletadas permitiram conhecer suas contribuições no campo literário, suas lutas em torno da causa feminista, bem como, sua atuação para além dos muros escolares, na política, na música, e nos movimentos beneficentes. Por fim, na análise em torno das suas práticas e concepções educativas que segundo a interpretação dos documentos disponíveis se constituíram em práticas conservadoras em alguns momentos e em outros difundidora de novos métodos pedagógicos, baseados nos pressupostos da Escola Ativa, coerentes com os processos de modernização implementados na sociedade paraibana. Assim, consciente da transitoriedade da conclusão deste trabalho, devido as peculiaridades dos estudos biográficos, fechamos uma etapa no que se refere à memória da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, etapa em que puxamos fios da existência de uma mulher de grande inquietude intelectual e de presença marcante na educação de sua época. Acreditamos, portanto, que nossa pesquisa servirá de bússola, indicando o caminho para novas pesquisas, retirando do porão da história, as memórias de outras educadoras que fizeram parte da historiografia da educação paraibana.

Palavras-chave: Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Educação. Mulher. Memórias.



ABSTRACT

This Master thesis investigated and analyzed, historically, the trajectory of the educator Olivina Olívia Carneiro da Cunha, focusing, basically, her educational practices in the politician, cultural and social scenario paraibano. The time frame in the present study comprehends the years of 1886-1977, that is, it enters the year of birth and death of the educator. The theoretician-methodological reference was constructed endorsed in the approach of New Cultural History, with emphasis in the territory of the memories and Verbal History through a historic-biographical perspective. Using as source the press and verbal narratives of her familiar, friends and historians paraibanos, and her former-pupils, who had presented the remaining and the histories around the familiar origin, of her educational formation, and its professional legacy collaborating in the assembly of the biographical puzzle of this teacher. The analysis and the interpretation of the collected documentary sources allowed us to know her contributions in the literary field, her fights around the feminist cause, as well as, her performance to beyond to school walls, in the politics, music, and the beneficent movements. Finally, we enter in analyzes around her practical and educative conceptions that as our interpretation of available documents if had according to constituted in practical conservatives at some moments and other spreader of new pedagogical methods, based in the estimated of the Active School, coherent with procedural of modernizations implemented in the paraibana society. Thus, conscientious of the transience to the conclusion of this work, due the peculiarities of the biographical studies, we close a stage for the memory of the teacher Olivina Olívia Carneiro da Cunha, stage where we pull wires of the woman existence of great intellectual inquietude and outstanding presence in the education of her time. We believe, therefore, that our research will serve of compassing, indicating the way for new research, removing of the bilge of history, the memories of other educators who had been part of the historiography of the paraibana education.

Keywords: Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Education. Woman. Memories.



LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Silvino Elvídio Carneiro da Cunha (1831-1892) e Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti (1854-1935).....	39
Figura 02: Olivina Olívia Carneiro da Cunha em entrevista ao jornal “O Norte”.....	41
Figura 03: Palacete localizado na Rua das Trincheiras.....	46
Figura 04: Praça Venâncio Neiva e Pavilhão do Chá. Ao fundo, o palacete do Barão do Abiahy.....	47
Figura 05: Palacete Abiahy.....	50
Figura 06: Igreja Nossa Senhora de Lourdes fundada em 1817.....	51
Figura 07: Prédio da Igreja Nossa Senhora de Lourdes.....	52
Figura 08: Olivina Olívia Carneiro da Cunha com suas irmãs: Julita Julieta Carneiro da Cunha e Rita Ricardina Carneiro da Cunha.....	54
Figura 09: Residência de Olivina Olívia da Praça Venâncio Neiva, nº 38.....	55
Figura 10: Olivina Olívia com a família do seu sobrinho Osíris do Abiahy.....	56
Figura 11: Olivina Olívia com Helionora de Araújo Abiahy.....	56
Figura 12: Prédio da Escola Normal Parahyba do Norte.....	59
Figura 13: Grupo Escolar Dr. Thomáz Mindello em 1920.....	60
Figura 14: Antigo Prédio onde funcionou o Lyceu Parahybano, 1936.....	62
Figura 15: Santa Casa de Misericórdia.....	65



Figura 16: "Campanha da Solidariedade".....	66
Figura 17: Instituto Histórico Geográfico Paraibano-IHGP.....	67
Figura 18: Academia Paraibana de Poesia.....	67
Figura 19: Patrona Olivina Olívia Carneiro da Cunha.	68
Figura 20: Olivina Olívia Carneiro da Cunha e Ofélia Lucena Osias.....	72
Figura 21: O Natalício de Olivina Olívia Carneiro da Cunha.....	86
Figura 22: Placa de bronze Jazigo Perpétuo da Baroneza do Abiahy.....	90
Figura 23: Jazigo Perpétuo da Baroneza do Abiahy.....	91
Figura 24: Escola Estadual Olivina Olívia Carneiro da Cunha.....	92
Figura 25: Primeiro Prédio Escolar da Província da Parahyba.....	99
Figura 26: Professores que participaram da 2ª Semana Pedagógica.....	103



LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Capa do livro <i>Barão do Abiaí</i> de Olivina Olívia Carneiro da Cunha.....	128
Anexo B: Capa do livro de poesia <i>Migalhas de Inspiração</i> de Olivina Olívia Carneiro da Cunha a obra não tem o ano de publicação.....	129
Anexo C: Título de Barão do Abiahy.....	130
Anexo D: Entrevista de Olivina Olívia Carneiro da Cunha ao Jornal O Norte.....	131
Anexo E: Terras do Barão do Abiaí localizado no atual Município do Conde.....	132
Anexo F: Casarão do Barão do Abiaí, localizadas no atual município do Conde.....	133
Anexo G: Atual prédio da Delegacia Regional do Trabalho, local onde se situava o Palacete onde Olivina Olívia Carneiro da Cunha residiu.....	134
Anexo H: Artigo sobre a “Obrigatoriedade do Ensino”	135
Anexo I: Artigo sobre a publicação do Livro “Barão do Abiaí”	138
Anexo J: Título de “Barão do de Armas” recebido por Silvino Elvídio Carneiro da Cunha.....	139
Anexo L: Decreto de Criação da Escola Estadual Olivina Olívia Carneiro da Cunha.....	140
Anexo M: Carta reposta ao Sr. Dr. Irineo Joffily.....	141



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA.....	17
1.1 Da trajetória de pesquisa à construção do objeto de estudo	17
1.2 Os procedimentos metodológicos da investigação.....	21
1.3 Aportes teórico-metodológicos da pesquisa: os estudos biográficos e as vozes que os sustentam.....	27
CAPÍTULO 2 – REMINISCÊNCIAS DE UMA INTELLECTUAL.....	38
2.1 A família como espelho.....	38
2.2 Formação e atuação no cenário educacional, político e social.....	58
2.3 Uma mulher entre letras e papéis.....	69
2.4 Uma feminista comportada e de carteirinha.....	80
2.5 “A morte não apaga uma existência, quando é esta preciosa, reacende-a”.....	89
CAPÍTULO 3 – UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA PROFESSORA OLIVINA OLÍVIA CARNEIRO DA CUNHA.....	93
3.1 Aspectos históricos da educação na Parahyba.....	93
3.2 Rememorando as práticas educativas de Olivina Olívia Carneiro da Cunha.....	107



PALAVRAS FINAIS	117
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS	128



CAPÍTULO 1

CAMINHOS DA PESQUISA

1.1 Da trajetória de pesquisa a construção do objeto de estudo

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo principal analisar a trajetória da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, focando, fundamentalmente, as suas práticas educacionais no cenário político, cultural e social paraibano.

O recorte temporal no presente estudo compreende os anos de 1886-1977, ou seja, entre o ano de nascimento e morte da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Justifica-se esse recorte pela necessidade de trazer à baila a vida da educadora desde o nascimento, no berço da aristocracia paraibana, aos movimentos de suas primeiras aprendizagens, da sua formação educacional e do seu efetivo envolvimento cultural, social e político ao longo de toda uma trajetória na sociedade paraibana. Logo, esta dissertação tem como título: *MEMÓRIAS DA EDUCADORA OLIVINA OLIVIA CARNEIRO DA CUNHA (1886-1977): práticas educativas e envolvimento político e social na Paraíba*.

O interesse em investigar a memória de Olivina Olívia Carneiro da Cunha emergiu de reflexões, questionamentos e recortes, revelados no transcorrer da pesquisa PIBIC¹, intitulada: “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações”, financiada pelo CNPQ² e coordenado pelo professor Dr. Charliton José dos Santos Machado, da qual participei na condição de bolsista, no período de agosto de 2008 a agosto de 2009. A finalidade do projeto, inicialmente, era levantar fontes que explicitassem as práticas, as representações e as leituras das educadoras paraibanas e a educação no estado da Paraíba no decorrer do século XX, bem como discutir as relações de gênero que perpassavam esses processos, ou seja, contribuir efetivamente para a construção da história da educação, da mulher e da leitura na Paraíba.

¹ PIBIC- Programa de Iniciação Científica

² CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Rosemberg (2002, p. 203) constatou em sua pesquisa realizada a partir de dados da ANPED³, informações estatísticas que remetem á escassez de produção acadêmica voltada para a temática mulher e relações de gênero associada á questão da educação. A autora lamenta que os acadêmicos da educação não tenham se dedicado a aprofundar o estudo de seu objeto específico associado à questão das relações de gênero:

[...] se no campo da educação não ignora a existência de um debate sobre gênero na academia, a produção discente pós-graduada em seu conjunto não mostra indícios de conformar um campo de conhecimentos estabelecido na disciplina. Considera-se, mencionar, refere-se à ‘questão’ mulher/relação de gênero, mas a perspectiva de análise, por sua generalidade, pouco tem contribuindo para compreender dilemas da educação brasileira.

Nesse sentido, o projeto conseguiu em seus resultados parciais trazer esse debate para dentro do espaço acadêmico da Universidade Federal da Paraíba, possibilitando diversos estudos sobre a referida temática, inclusive, o nosso trabalho monográfico, sobre o qual discorreremos mais adiante neste estudo.

Através das fontes levantadas na citada pesquisa foi possível trazer à tona cerca 150 nomes de mulheres, envolvidas em diversos âmbitos da sociedade paraibana no início do século XX, como na educação, na literatura, manifestações sindicais, movimentos sociais, movimentos feministas, participação em eventos festivos e filantrópicos, dentre outros, destacando práticas culturais diversas que por si só já justificavam romper o silêncio histórico. Entre alguns nomes femininos, citamos as seguintes intelectuais: Catharina Moura Amsteim, Eudésia Vieira, Francisca Moura, Juanita Borel Machado, Julia Ramos, Tércia Bonavides Lins, Albertina Correia de Lima, Anayde Beiriz, Alice de Azevedo Monteiro, Argentina Pereira Gomes e Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Segundo os documentos localizados e analisados, tratam-se de mulheres que ingressaram no universo letrado, pois, publicaram artigos, crônicas e poesias, tanto em jornais como em revistas de circulação da época.

³ ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação



A pesquisa também nos permitiu observar que muitas das mulheres elencadas acima, eram educadoras de renome e lecionavam em instituições educativas de tradição na Paraíba, tais como, o Liceu paraibano, a Escola Normal e o Colégio Nossa Senhora das Neves, dedicando-se durante anos ao magistério, contribuindo, assim, para a formação de gerações paraibanas.

Por meio dos decretos emitidos pela Secretária Estadual de Educação do Estado da Paraíba, constatamos que, logo após a morte, algumas dessas educadoras foram homenageadas como patronesses de instituições escolares, como forma de manter viva a sua memória e contribuição para educação. No entanto, com o passar do tempo, essas educadoras foram apenas lembradas através de escassas iniciativas oficiais, a exemplo das fachadas desbotadas das referidas instituições, sem que, com isso houvesse uma preocupação institucional com a organização do registro memorialístico das suas lutas e atuações como educadoras na história da educação paraibana. Acerca dessa questão, em seus estudos, Perrot (2005) afirma que, por muito tempo, as mulheres foram excluídas da história, esta por sua vez, voltou-se, especificamente, para os grandes acontecimentos públicos e, conseqüentemente, para a história dos grandes homens.

Assim, ainda na graduação, optamos por contribuir com a ruptura desse silêncio histórico. Considerando a impossibilidade de perscrutar a trajetória das inúmeras educadoras num estudo de Trabalho de Conclusão de Curso, escolhemos pela investigação específica da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Salientamos que a opção por essa educadora foi se consolidando desde o início, no contato com as fontes escritas, em especial, de autoria da própria Olivina Olívia Carneiro da Cunha, algo que nos revelou se tratar de uma personagem engajada na cultura intelectual da sua época. Respalhada nas concepções de Lopes e Galvão (2001) mesmo quando a ideia de um tema vem de uma descoberta arquivista, somente quando o historiador faz perguntas se inicia a produção da História. “O documento em si não é História, não faz História” (LOPES e GALVÃO, 2001, p.92). É importante o pesquisador fazer perguntas ao material encontrado para nascer a pesquisa. Partindo desse pensamento realizamos os seguintes questionamentos: quem foi essa educadora e quais foram as suas contribuições para



educação paraibana no século XX? Por que se destacou como professora e intelectual, através de publicações em jornais e revistas, num cenário adverso, em que as mulheres tinham escasso acesso ao espaço público? Quais as razões históricas do atual silêncio acerca das suas contribuições educacionais? Como revigorar ou recompor a memória das suas práticas educacionais, sociais e políticas?

Diante dessas indagações centrais norteamos o nosso TCC⁴ de graduação em Pedagogia, concluído pela UFPB⁵, em 2009, sobre a memória da referida educadora, sendo intitulado: *OLIVINA OLÍVIA CARNEIRO DA CUNHA (1886 – 1977): histórias e memórias da educação na Paraíba*. Este estudo, também, resultou em um capítulo do volume 1 do Livro: *Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações* além de diversas outras publicações em anais de eventos⁶ nacionais e internacionais.

Sobre Olivina Olívia Carneiro da Cunha, as fontes escritas e orais⁷ foram nos indicando que a mesma não havia apenas dedicado a vida à docência, mas, também exerceu uma significativa influência com as suas práticas de escrita, tendo publicado três livros⁸ de poesia: *Pérolas esparsas* (s/ano), *Migalhas de inspiração* (s/ano), *Paisagem da minha terra* (s/ano), e um livro referente à memória familiar paterna, intitulado *Barão do Abiahy* (1940), dentre muitos outros artigos relacionados à educação, cultura e política publicados em revistas e jornais de circulação no período.

⁴ TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

⁵ UFPB - Universidade Federal da Paraíba

⁶

- ❖ IX CIHELA IX Congresso IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA: educação, autonomia, e identidades na América Latina (2009)
- ❖ II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: culturas, leituras e representações (2009)
- ❖ 19º EPENN (Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste: educação, direitos humanos e inclusão social) 2009

⁷ Livros publicados por Olivina Olívia da Cunha e as entrevistas com ex-alunos, familiares e ex-colegas asseguram esta afirmação.

⁸ Os livros *Pérolas esparsas*, *Migalhas de inspiração* e *Paisagem da minha terra* estão sem data porque ainda não tivemos acesso a essa informação.



Durante a pesquisa monográfica conseguimos ter acesso aos livros, *Barão do Abiahy*⁹ (ver Anexo A) e *Migalhas de Inspiração* (ver Anexo B), como também muitos artigos e poesias publicados pela citada educadora. Além dessas fontes escritas, realizamos o contato com a fonte oral em nosso trabalho, através das entrevistas com ex-alunos e familiares da mesma, objetivando nos aproximar da problemática de pesquisa. Todavia, pelo limitado tempo destinado à conclusão do TCC, além da necessidade do refinamento teórico-metodológico, não foi possível analisar todas as fontes disponíveis, uma vez que o documento biográfico é instigante, não só do personagem que se tem pesquisado, mas de outras categorias de análise como questões de gênero, classe, raça e cultura.

1.2 Os procedimentos metodológicos da investigação

Nesta dissertação dialogamos com as fontes de que já dispúnhamos e com as novas fontes encontradas, no sentido de alcançar um maior aprofundamento teórico-metodológico em torno da tessitura biográfica de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, objetivando através das suas práticas educativas e do seu envolvimento político e social, nos aproximar dos acontecimentos educacionais no cenário investigado.

Parafraseando Ginzburg (1991), é preciso fazer uma reinterpretação das informações e dos sinais dos documentos escritos e dos depoimentos orais, trabalhados anteriormente. Também apoiados em Le Goff (2004, p. 163), ao destacar que o “[...] passado é uma construção e uma interpretação constante a partir do presente”, sob a ótica dos sujeitos que dela fizeram parte. Nesse sentido, retomamos e realizamos novas entrevistas com familiares e ex-alunos da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, intencionando assim, obter outras informações sobre a história da professora, já que, como escreveu Cecília Meireles:

⁹Utilizaremos nesse trabalho as duas possibilidades de escrita da palavra Abiahy /Abiaí conforme encontramos nas fontes escritas.



[...] as memórias são como florestas densas que escurecem; seus testemunhos exigem o olhar para o que está por debaixo das mesas e das cadeiras: recortes, parafusos, encaixes, pedaços de cola... as coisas naturais e verdadeiras. Os dados não estão a priori construídos, as informações nem sempre na superfície [...] e exigem um trabalho de combinação, recomposição, montagem, cruzamento, complementação e análise (MEIRELES apud LACERDA, 2003, p. 29).

De forma poética, a citação acima nos traz as facetas da memória e as táticas para lidar com as narrativas desta como fonte. Ressalta, ainda, a importância de o pesquisador estar atento aos detalhes de cada informação, ao fazer suas análises, pois, os dados não estão a priori construídos.

Seguindo nessa perspectiva e pela necessidade de realizar uma “releitura dos principais registros históricos” e um alargamento de fontes através do levantamento de outros documentos escritos (BURKE, 1992), retornamos aos seguintes arquivos: setor de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba; Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP); Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego (FUNESC), em João Pessoa/PB; Cúria Metropolitana; Fundação Casa de José Américo; Arquivo das Escolas Extintas da Secretária de Educação do Estado; Cemitério da Boa Sentença, onde Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi sepultada, visando confirmar a data do seu nascimento e morte e fotografar seu túmulo. Um trabalho que exigiu, antes de tudo, paciência e controle da ansiedade que é uma das principais inimigas do historiador (LOPES, GALVÃO, 2001).

Na retomada da pesquisa nos citados arquivos, consolidamos ao nosso alcance a diversidade de fontes acerca da história e memória da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, o que acreditamos tornar o nosso trabalho mais rico e mais confiável pela possibilidade de selecionar as fontes, explorá-las, compreendê-las e produzir conhecimentos sobre o tema da pesquisa. Dessa forma, apoiamo-nos em Reis (1994, p. 18-19), ao destacar a importância das fontes documentais para tentar vencer as lacunas e silêncios históricos:



Os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças coletivas, às suas diversas formas de organização social.[...] Todos os meios são tentados para se vencer lacunas e silêncios das fontes, mesmo, e não sem risco, os considerados antiobjetivos.

Nesse viés, consultamos o banco de documentos disponibilizados pelo projeto de pesquisa Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – (HISTEDBR-GT/PB) com o qual tivemos a oportunidade de entrar em contato com outras fontes escritas, inclusive, de autoria da própria Olivina Olívia Carneiro da Cunha, como poesias, artigos sobre questões educacionais, políticas e sociais dentre outros assuntos e fontes icnográficas nos dando um vislumbre da vida dessa educadora em outros momentos.

Além da necessidade de revisitarmos os arquivos também percebemos a importância de realizarmos uma revisão bibliográfica em relação às produções sobre a temática investigada, ou seja, as biografias produzidas referentes às práticas educativas de professoras e as relações de gênero que perpassam essas instâncias, com a intenção de verificar a repercussão do nosso tema, no âmbito das pesquisas acadêmicas já realizadas.

A revisão aconteceu no sítio da CAPES¹⁰, através do banco de teses e dissertações, e em periódicos de renome na área da educação. Também pesquisamos no sítio da ANPED, no GT de História da Educação.

Ao realizar esta atividade no banco de dados de periódicos da CAPES obedecemos a alguns critérios como: a seleção de periódicos com o conceito A no *QUALIS da CAPES em Educação*, e demarcamos o período de 2005-2010. Utilizamos estes critérios por acreditar que os periódicos que possui o referido conceito consolidariam um amplo reconhecimento na comunidade científica, devido a qualidade de suas publicações. Por sua vez, seria mais provável encontrar estudos ligados, direto ou indiretamente a temática em questão, e também circunscrevemos esse período por concentrar uma vasta produção de periódicos referentes à nossa pesquisa.

¹⁰CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



A pesquisa foi realizada nos seguintes periódicos: *Revista Brasileira de Educação (A1)* e *Educação & Pesquisa (A1)*. Na *Revista Brasileira de Educação* pesquisamos 180 artigos, onde pudemos encontrar 07 trabalhos que abordavam a temática em discussão relatada acima. Já no periódico *Educação & Pesquisa* localizamos 208 artigos que tratavam de diversos temas e áreas do conhecimento, mas, apenas 16 desses artigos em nossa percepção se aproximavam do nosso tema.

O levantamento referente ao banco de teses e dissertações da CAPES, onde são apresentados os resumos das produções acadêmicas (teses e dissertações) foi delimitado pelos trabalhos defendidos de 2005-2010. Para a realização da pesquisa tínhamos três alternativas: na primeira, a pesquisa poderia ser realizada informando o nome do autor da produção investigada; na segunda informando o nome do assunto caso não se soubesse o nome do(s) autor (es) de tais produções e nem as instituições onde elas poderiam ser encontradas, e na terceira e última alternativa, era o nome da instituição que deveria ser informado, caso houvesse a certeza de que nela se encontraria a produção desejada. Como não tínhamos informações suficientes para escolhermos a primeira e terceira alternativa, optamos pela segunda.

A partir dessa escolha para realização da pesquisa começamos o levantamento elencando os assuntos como: mulher e educação, biografias de educadoras, memórias de educadoras e práticas educativas de professoras, por acreditarmos que aumentariam as possibilidades de encontrarmos um maior número de trabalhos.

Considerando tais assuntos, identificamos no total 136 produções de dissertações das diversas áreas do conhecimento. Deste número, 22 trabalhos tinham uma abordagem geral no que se refere ao assunto pesquisado e mais especificamente 15 tinham uma abordagem mais próxima da nossa temática de pesquisa. A conclusão que podemos tirar deste breve levantamento no site da CAPES é que ainda existem poucos estudos realizados nessa área específica reforçando a importância do nosso trabalho.

Continuamos a nossa revisão pesquisando no site da ANPED, evento que ocorre anualmente, reunindo pesquisadores da pós-graduação de todo o país e até mesmo de países vizinhos ao Brasil, para discutir questões relacionadas à educação. O levantamento foi



realizado através dos GT- História da Educação, referente ao período de 2005-2010. Escolhemos propositalmente o GT de História da Educação por pensar que haveria mais possibilidade de localizarmos um maior número de trabalhos sobre a mulher, a educação e as relações de gênero. Entretanto, de 78 trabalhos inscritos na categoria de comunicação oral, apenas 2 se aproximavam do tema da nossa pesquisa, já na categoria de pôster, onde foram inscritos 23 trabalhos percebemos que 03 eram relacionados ao nosso objeto. No GT de História da Educação segundo o nosso levantamento, foram, ao todo, inscritos, nos últimos 05 anos, cerca de 101 trabalhos segundo os dados que constam no site da ANPED, mas, desses apenas 5 no total abordam sobre o assunto de pesquisa, vigorando a relevância das construções biográficas para contribuir com a historiografia da educação brasileira.

Vale salientar que, durante esse processo foi de grande valia para a escolha da fundamentação teórica-metodológica da nossa dissertação a participação nos encontros do Grupo de Estudos HISTEDBR-GT/PB vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Federal da Paraíba. O referido grupo foi criado em 1992 na Paraíba. É formado por docentes, pesquisadores e discentes de Pós-graduação e da iniciação científica do campo da Educação e da História. O objetivo do HISTEDBR-GT/PB é fomentar a pesquisa e a produção acadêmica para o campo da História da Educação no Brasil e, em especial, da Paraíba.

O fato de participar desses encontros nos auxiliou em nossa investigação através de leituras, discussões e reflexões direcionadas para o campo da pesquisa em História da Educação, além de instrumentalizar o estudo com o aporte de conceitos e categorias do pensamento educacional, político e social. Deste modo, procuramos fazer uso das proposições da Nova História Cultural para investigar a trajetória de Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Nesse viés, estruturamos nossa dissertação em três capítulos. No capítulo 01 (CAMINHOS DA PESQUISA) propomos descrever a construção dos primeiros passos da pesquisa, ou seja, a nossa história como pesquisadora no campo da História da Educação; o porquê da escolha do tema; a relevância social da pesquisa; a delimitação do marco temporal e a definição das fontes da pesquisa.



Nesse capítulo discutimos, particularmente, o trabalho com as fontes escritas (impressos ou manuscritos) e orais que perscrutamos em nossa dissertação. No caso das fontes escritas, como já ressaltamos, foram levantadas nos Arquivos Paraibanos e no acervo do HISTEDBR-GT/PB.

Destacamos também as implicações teórico-metodológicas dos estudos em História Oral, no que se refere a sua contribuição para a constituição de uma história objetiva da subjetividade. Ou seja, mediante o emprego da História Oral como marco teórico-metodológico e da ação da memória dos sujeitos como objeto de pesquisa em nossa dissertação foi visualizado seu aporte para a obtenção de dados que irão além da trajetória educacional de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Assim, elencamos também a história da memória dos acontecimentos da vida dessa professora de acordo com os fatos sociais e as representações concebidas a partir da ação da memória dos sujeitos que foram entrevistados.

Por fim, evidenciamos a relevância do estudo biográfico, haja vista que este campo teórico-metodológico permite narrar não apenas a história dos sujeitos biografados, mas, sobretudo, desvelar a história de toda uma sociedade em que esse sujeito esteve inserido, ou seja, as experiências e configurações sociais de uma época. Contrapondo-se a uma narrativa histórica tradicional da educação, para quem as ações humanas nada mais eram do que subprodutos das forças produtivas e culturais, por conseguinte, negava a possibilidade de interpretar a dimensão dos conhecimentos, das crenças e das atitudes que se expressam em representações e práticas culturais, quer individual quer coletivamente (CHARTIER, 1988).

No capítulo 02 (REMINISCÊNCIA DE UMA INTELLECTUAL), elaboramos uma biografia de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, desde as origens “nobres”, a influência da família em sua constituição como intelectual e formação profissional, sua atuação como educadora em diversas instituições educacionais tradicionais e seus primeiros passos como escritora. Salientamos que essa construção resultou da análise das fontes escritas e orais levantadas no decorrer da pesquisa.

Neste capítulo buscamos trazer à baila seu envolvimento político e social através dos movimentos feministas e as contribuições das publicações, em especial de cunho



feminista para a sociedade. Para tanto, a produção escrita da educadora (livros, poesias, artigos publicados em revista e jornais de circulação no período) foram decisivos na configuração do cenário da Parahyba do Norte.

No capítulo 03 (UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS, POLÍTICAS E SOCIAIS DE OLIVINA OLÍVIA CARNEIRO DA CUNHA), abordamos os aspectos históricos da educação na Paraíba sobre o período que antecede até a atuação de Olivina Olívia Carneiro da Cunha como professora. Visando reconstruir suas práticas pedagógicas, a partir da análise e cruzamento dos conteúdos das fontes orais e escritas. No caso das fontes orais, as mesmas foram coletadas por meio da realização de entrevistas em História Oral Temática. Essas entrevistas foram guiadas por roteiro geral semiestruturado baseado nos objetivos da pesquisa. Através das entrevistas com os sujeitos que conviveram com Olivina Olívia Carneiro da Cunha, procuramos identificar uma articulação mais íntima entre a sua vida e a história dos acontecimentos de um tempo por ela vivenciado, no sentido de estabelecer uma relação incessantemente renovada entre o passado e o presente.

Assim, aderimos às ideias de Chartier (1990, p. 17), para quem o objeto primordial da história é “identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

1.2 Aportes teórico-metodológicos da pesquisa: os estudos biográficos e as vozes que os sustentam

Atualmente, percebemos que os estudos no campo biográfico têm se ampliado e se tornado uma possibilidade de contar por outro ângulo a História da Educação, através dos sujeitos que dela fizeram parte, de forma crítica e relativizada, mas a história nem sempre foi contada dessa forma.

De acordo com Burke (1992), antes do movimento historiográfico que foi realizado na França por alguns intelectuais como: Marc Bloch, Lucien Febvre Fernando Braudel,



Jacques Le Goff, Pierre Nora, dentre outros, que ficou conhecido por Escola dos Annales¹¹, a investigação histórica contava apenas a história dos grandes homens, e de forma factual, descritiva e pouco problematizada, ou seja, uma história baseada em narrativas cronológicas sem preocupações totalizantes e explicativas.

Após a década de 1970, período que também correspondeu à crise dos paradigmas marxistas e estruturalistas, reacendeu-se a preocupação em fazer estudos biográficos mais rigorosos, capazes de demonstrar tensões existentes entre a ação humana e as estruturas sociais, colocando o personagem e seu meio numa relação dialética e assegurando à história o caráter de um processo com sujeito. Como destaca Roger Chartier (1994, p.98):

O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias e os indivíduos. [...] O olhar se desviou das regras impostas para suas aplicações inventivas, das condutas forçadas às ações permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder social, seu poder econômico, seu acesso à informação.

Essas crises paradigmáticas possibilitaram novos caminhos para realização de pesquisas históricas e outros olhares para fontes já estudadas, ampliando a noção de documento e dos inúmeros vestígios como: textos autobiográficos, anotações pessoais, discursos, depoimentos orais, jornais, periódicos, acervos iconográficos dentre outros, produzidos pelo homem, contrapondo o modelo tradicional de fazer estudos históricos, dando visibilidade as pessoas comuns através de suas experiências e opiniões sobre as mudanças sociais. Sendo nomeada por alguns autores como Nova História Cultural, pois dirigiu a historiografia para ser renovada, como ressalva Burke (1992, p. 59):

¹¹ A primeira geração é a dos fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, responsáveis pelo lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale* (1929). Em 1956, com a morte de Febvre, Fernand Braudel tornou-se o diretor efetivo dos *Annales* e ocupou lugar dos mais destacados na historiografia e no sistema universitário francês até sua aposentadoria em 1972, tendo ao seu lado nomes como Ernest Labrousse e Emmanuel Le Roy Ladurie. A terceira geração compõe-se de ampla plêiade de historiadores, entre os quais François Furet, Georges Duby, Jacques Le Goff, Jacques Revel, Michèle Perrot, Mona Ozouf e Pierre Nora.



Mas a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdida, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história.

Nessa ótica, a História Vista de Baixo também permite biografar sujeitos ordinários e reintegrá-los aos seus contextos sociais, sendo representativo de um determinado período histórico. Sobre essa questão acrescenta Ginzburg (1997, p. 27):

Alguns estudos biográficos demonstraram que indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico.

Vale salientar que essa nova possibilidade de escrever a história sob a leitura de sujeitos comuns, no contexto em que estiveram inseridos, não invalida a ideia de que os indivíduos da elite também possam ser biografados.

Ginzburg (1989) versa que cabe ao pesquisador partir das vidas individuais e contextos sociais como fios condutores para a construção de uma nova história social, atenta às relações humanas com os sistemas que o cercam, tendo como escopo reaver as tramas sociais e as multiplicidades temporais a partir de um destino particular.

Ainda, segundo este autor, focar essa “reconstrução do vivido” é a ponte para apreensão da complexidade das relações sociais imersas na construção de uma biografia que, por sua vez, possibilitará ao pesquisador uma leitura mais ampla das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos.

Por fim, concordando com essa assertiva ginzburguiana, compreendemos que as experiências e conhecimentos que os sujeitos constroem ao longo de suas trajetórias de vida são o que efetivamente constituíram as histórias da sociedade em que estiveram inseridos e, conseqüentemente, a história da educação em sua conjuntura. Como acrescenta Paul Valréy



(apud NÓVOA, 2001, p.12): “não é possível escrever a história da educação sem passar por aqueles que a fizeram e a pensaram”.

Daí o crescente uso do enfoque biográfico, na busca de aprofundar representações, tecendo diferentes olhares sobre as experiências educativas e os mecanismos históricos de uma época a partir dos sujeitos que vivenciaram essa história. Como coloca Souza (2006, p.136):

A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos.

Podemos citar como exemplo os trabalhos produzidos no interior do *Projeto de Pesquisa Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações*, onde já foram publicados até o presente momento dois volumes do livro (*Educação e Educadora na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações*), narrando a partir de sujeitos educacionais a história da educação na Paraíba, através de uma pesquisa documental utilizando fontes escritas, orais e iconográficas. O estudo se alicerça nos fundamentos teóricos da Nova História Cultural, e na metodologia da História Oral dando ênfase as questões de gênero. Já que a seu modo a pesquisa biográfica reveste-se de uma pertinência pessoal e coletiva que não só pode concorrer para o diálogo intercultural e a construção da coesão social, como pode, também, estabelecer ligações entre diferentes formas de produção de saber: o saber dominante dos acadêmicos que somos nós próprios, e os saberes experienciais dos sujeitos.

Ratificando sobre o assunto, acrescenta Delory-Momberger (2004, p. 73 apud LECHNER, 2010, p.63):

O sujeito adquire formas (nas narrativas) que traduzem representações da individualidade humana próprias a cada época histórica e domínio cultural, bem como a diferentes concepções do espaço público e privado, da relação entre os indivíduos, o social e o político, da relação do Homem a si próprio.



Outrossim, devemos ter o cuidado de não estarmos elaborando na atualidade biografias que sejam um retorno ao modelo biográfico tradicional positivista, superficial, meramente cronológico, incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual. Parafraseando Le Goff (1989), não podemos perder de vista, o fato de que a biografia lida, primordialmente, com a vida de um indivíduo, supondo ainda um encadeamento narrativo de eventos coletivos ou individuais. Por isso, devemos levar em consideração e recuperar a escrita biográfica em consonância com a consciência crítica despertada pela terceira geração da historiografia dos *Annales*.

Não obstante, essas questões incitam algumas preocupações para nós enquanto pesquisadora, ou seja, o desafio de buscar construir uma biografia que não se constitua num retorno ao velho modo de fazer este estudo, mas, tendo a preocupação de sempre contextualizar nos tempos da memória e da história o sujeito pesquisado, no estudo em tela, a biografia da professora Olivina Olívia Carneiro. Em relação a esta questão ressalta Lechner (2010, p. 46 e 58):

Mais importante é reconhecer (sem receio) que se pode ser capaz de tocar o intocável sem vitimizar uns ou diabolizar outros. É igualmente um dos desafios da pesquisa biográfica sempre profundamente contextualizada nos tempos da memória e da história.

Para a citada autora, “os cenários históricos, sociais e culturais estarão sempre aí para os humanos estudarem como os mares estão para os peixes do mar”. Assim, Lechner (2010, p. 66) coloca esse processo de pesquisa como algo que deveria acontecer de forma natural, respeitando a existência humana, já que esta se torna passível através do que essa autora chama de ‘diversas aclimações’. Isso acontece justamente porque no universo humano, natureza e cultura estão intimamente relacionadas, as vidas dos indivíduos não são apenas puras versões pré-determinadas pelos contextos ‘exteriores’ e contextos ‘interiores’, mas também condicionam as formas de vida humana.



Por essa perspectiva, o biógrafo precisa estar atento a essas questões ao realizar a construção de um estudo acerca do indivíduo e as suas relações intrínsecas na sociedade, ou seja, as práticas culturais pela qual os sujeitos constroem e são constituídas as suas representações, os objetos históricos em sua dimensão cultural (CHARTIER, 1994).

Nesse entendimento, dialogamos com os pressupostos da Nova História Cultural que, nas palavras de Chartier (1990, p.16-17), nos permitem analisar questões históricas, tais como, as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, entre outras questões de enfoque, a exemplo da investigação com vista ao desvelamento da memória da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha e suas práticas educativas (MACHADO, 2006).

Para trabalhar o conceito de memória nos apropriamos das concepções de Le Goff (2004), que evoca a memória como todas as formas de representações do homem, seus vestígios culturais, educacionais e sociais. A memória legítima, portanto, as tradições que constituíram a História, tanto pelo culto público quanto pelo armazenamento de informações no tempo, a riqueza dos arquivos, dos documentos/ monumentos e das práticas que fazem compreender as relações de desenvolvimento das sociedades. Como escreveu Hobsbawm (1998, p. 22, grifo do autor):

O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse 'sentido do passado' na sociedade e localizar suas mudanças e transformações.

No tocante à memória, acrescenta Bosi (1994, p.9):

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não vem só à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece



como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Para Bosi, portanto, a memória nunca será um retrato fiel do passado, mas, uma possibilidade de aproximação deste, sempre considerando o tempo atual. Assim, a memória com base no presente pode sofrer modificações, ou melhor, uma nova roupagem, um olhar diferente. Referindo-se ainda sobre essas questões, Halbwachs (2006, apud BOSI, 1987, p.335) destaca:

[...] cada memória individual é um ponto de visita sobre memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto completo de convergência dos muitos planos do nosso passado. Como transmitiríamos aos nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada embaixo da atual, se não existem mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora?

Dessa forma, buscamos investigar a memória da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, através das vozes dos familiares e ex-alunos, com base na metodologia da história oral, utilizando a técnica da entrevista que, para Lechner (2010, p. 66), são os testemunhos das existências num sentido histórico. Buscamos, também, respaldo nas contribuições de Paul Thompson (1998) que, entre outras tantas importâncias, considera a entrevista um meio eficaz de aproximação entre pesquisador e seu objeto de estudo contribuindo para uma história que seja não apenas mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. Sendo, conseqüentemente, um meio de descobrir documentos escritos e fontes icnográficas, que de outro modo, não teriam sido localizados (THOMPSON, 1992).

Na ótica dessa orientação, realizamos, inicialmente, 07 entrevistas semiestruturadas de duração média de 1h30min cada, primando por analisar a memória, as emoções, as



paixões, os olhares e os sentimentos, peculiaridades indispensáveis para o trabalho com a História Oral (CASSAB E RUSCHEINSKY, 2004). Assim, visitamos os entrevistados em suas residências na cidade de João Pessoa, na perspectiva de elucidar as múltiplas formas pelas quais se sedimentaram as práticas educativas e de escrita da professora Olivina Olivia Carneiro da Cunha, bem como, maiores detalhes em relação a sua biografia, seu cotidiano e suas experiências de vida.

Como não foi possível entrevistar Olivina Olívia Carneiro da Cunha, pois, como já destacamos, faleceu em 1977, limitamo-nos nesta pesquisa, a utilizar a entrevista realizada com ela pelo *Jornal o Norte* em 21 de março de 1977(ver anexo 04). Nessa lógica, corroboramos com Bosi (2003, p. 15) ao afirmar que a “[...] história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais, que se escondem por trás dos episódios. [...]”.

Contudo, é importante ressaltar que o interceptação dessas fontes pode trazer mais veracidade às informações coletadas, cabe ao historiador, ser capaz de discernir o que é falso, avaliando a credibilidade das fontes, sabendo desmistificá-las. No que se refere ao documento acrescenta Le Goff (1984, p.102):

[...] dever principal [do historiador é] a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder.

Dessa forma, compreendemos que a fonte documental, especificamente a imprensa não pode ser considerada um campo neutro, posto que se reveste do caráter político e de poder, não importando sua origem, tem dentro de si a intenção daqueles que a produziram, e os registros que pretendem deixar para a história. Como afirma Maria de Lourdes Janotti, em seu artigo intitulado *O livro Fontes históricas como fonte*, “o uso das fontes também tem uma história [...] (2005, p.10).

Ainda no que se refere à imprensa, Bucholdz ressalta o papel que a mesma assumiu em termos de conteúdos para sociedade:



[...] A imprensa passou a traduzir as novas ideias e hábitos gerados pelas transformações vivenciadas pela população, tornando-se o espaço privilegiado para a discussão dos problemas e rumos da sociedade. Reforçando essa condição, a imprensa do início do século XX era um dos principais canais de informação e de transmissão de valores (2007, p. 23).

Daí a importância de usarmos nesta pesquisa, cientes que a imprensa é uma fonte privilegiada de informações sobre os costumes, valores dentre outros dados de uma sociedade, mas que exige cuidados, atenção, criatividade, sensibilidade e rigor, que não prescinde um trabalho anterior com teoria e com a metodologia da história (GALVÃO e LOPES, 2001).

Sabendo do rigor exigido para se trabalhar com essas fontes voltamos aos arquivos para garimpar novos documentos já que dispomos de diversas fontes escritas levantadas e catalogadas acerca da educadora biografada como: artigos, poesias, atas, decretos, fotos etc. Garimpendo esses arquivos já mencionados, alguns em condições precárias, localizamos uma entrevista realizada pelo Jornal o Norte com a educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, provavelmente poucos dias antes do seu falecimento e publicada em 21 de março de 1977. A citada entrevista compõe a construção do capítulo 2 desta dissertação. Também obtivemos informações através da pesquisa de mestrado de Fragoso¹², quando a mesma faz alusão a Olivina Olivia Carneiro da Cunha em sua dissertação, defendida em maio de 2011, identificando que a educadora foi vice coordenadora e signatária de fundação da *Associação Paraibana pelo Progresso Feminino - APPF*, além de ativa escritora da Página Feminina do *Jornal a União*, publicando cerca de 50 textos, a alguns destes, inclusive, já tivemos acesso, tendo como tema central a incansável luta da educadora pelos direitos políticos, sociais e educacionais das mulheres paraibanas, além da luta pelo bem-estar integral dos seres humanos de um modo geral, dando sempre ênfase à importância da caridade e da religião.

¹² Pesquisadora do HISTED-BR/GT-PB. Dissertação: Associação Paraibana pelo Progresso Feminino: as contribuições educacionais para a mulher paraibana (1933-1939), defendida em maio de 2011, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes.



Dentre as fontes levantadas, tivemos acesso a cerca de trinta fotografias, relacionadas à vida da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Nas imagens identificamos espaços e instituições em que a citada educadora atuou no período histórico investigado. Essas fontes foram contundentes, no sentido de nos aproximar desse passado vivenciado pela educadora. Como destaca Kossoy (2001, p. 45):

[...] toda fotografia é um resíduo do passado, uma fonte histórica aberta a múltiplas interpretações. Apesar do amplo potencial de informação contido na imagem, ela não substitui a realidade tal como se deu no passado. Apenas nos traz informações visuais de um fragmento de determinado fato, selecionado e organizado esteticamente e ideologicamente. Cabe ao intérprete compreender a imagem fotográfica enquanto informação descontínua da vida passada, na qual se pretende mergulhar.

Cabe ressaltar que, mesmo sendo usadas como “fragmento do passado”, subsídio ou sinal, as fotografias como fonte histórica são extremamente relevantes, haja vista que a sua própria seleção constitui-se de uma memória feita de lembranças e esquecimentos. Por isso, compreendemos que a fotografia possui suas especificidades que devem ser consideradas ao serem usadas como fonte histórica.

Ainda sobre o significado e relevância desta fonte, corroboramos com Kossoy (2001, p. 159) que “cada imagem fotográfica informa sobre o mundo e a vida, porém, em sua expressão e estética próprias”. Por esse viés, esse mesmo autor fala sobre a importância do pesquisador ter o cuidado de realizar o cruzamento das informações implícitas e explícitas nessas fontes históricas relacionando-as aos caracteres externos e internos.

Somente pelo contínuo cruzamento das informações existentes (implícitas e explícitas) nos caracteres externos e internos do objeto-imagem poder-se-á determinar com precisão os componentes do processo que geraram essa fonte histórica. Qualquer que seja a fotografia a ser submetida ao exame técnico-historiográfico, a inter-relação entre os caracteres externos e internos deve ser constantemente realizada (KOSSOY, 2001, p. 87).



Devido à complexidade de se trabalhar com essa fonte, não nos propomos a fazer uma análise das imagens das fotografias em sua condição histórica, nesse estudo, apesar de entendermos que esta fonte produz realidades, representações e muitas imaginações sobre o passado (SCHWARCZ, 2009).

Portanto, como nos propusemos biografar a vida, a obra e atuação educacional da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, dedicamos ao longo desta pesquisa, especial atenção aos registros da sua memória educacional, bem como, a seleção cuidadosa das fontes, cuja força está no sua intercepção, na análise e leitura minuciosa dos pormenores, ou seja, elementos aparentemente sem grande valor histórico e que nos permitiram um mergulho mais profundo nas águas do passado, contribuindo, assim, para revigorar partes da realidade complexa e desconhecida que discorremos de forma mais detalhada nos capítulos seguintes desta dissertação de mestrado.



CAPÍTULO 2

REMINISCÊNCIAS DE UMA INTELLECTUAL

2.1 A família como espelho

Em um cenário de efervescência e transição do Império para República, marcado por diversas mudanças no âmbito político, social e econômico paraibano nasceu Olívia Olívia Carneiro da Cunha, em 26 de maio de 1886, na Cidade da Parahyba¹³, capital da então Província da Parahyba do Norte (Estado da Paraíba), atualmente denominada de cidade de João Pessoa, filha de Silvino Elvídio Carneiro da Cunha (Barão do Abiahy) e Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti (Baronesa do Abiahy), descendente de tradicional família paraibana e brasileira, de origem abastada de proprietários de terras.

¹³ No ano da fundação do Estado e do município, no dia 5 de agosto de 1585, a padroeira, Nossa Senhora das Neves, foi a homenageada, dando o primeiro nome ao município, "Povoação de Nossa Senhora das Neves", variando para *Cidade de Nossa Senhora das Neves* em 1589 e *Cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves* em 1600, em homenagem ao rei Felipe da Espanha. Logo após a sua conquista pelos Países Baixos a cidade passou a se chamar Frederikstad, a partir de 1635. Depois do declínio da Nova Holanda e com a saída dos Neerlandeses, a cidade retoma o nome de *Cidade de Nossa Senhora das Neves* em 1655. Depois passando para *Cidade da Parahyba do Norte* em 1817. Sua denominação atual, João Pessoa, é uma homenagem ao político paraibano João Pessoa, assassinado em 1930 na cidade do Recife, quando era presidente do estado e concorria, como candidato a vice-presidente, na chapa de Getúlio Vargas. O fato causou grande comoção popular, sendo praticamente o estopim da Revolução de 30, embora se discuta se realmente houve motivação política no ato, que foi executado por João Duarte Dantas, cujo escritório fora invadido por tropas governamentais, tendo sido suas cartas amorosas à professora Anayde Beiriz trazidas a público. A Assembleia Legislativa Estadual aprovou a mudança do nome da capital em 4 de setembro de 1930.

Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Pessoa >
Acesso em: 20/12/2011

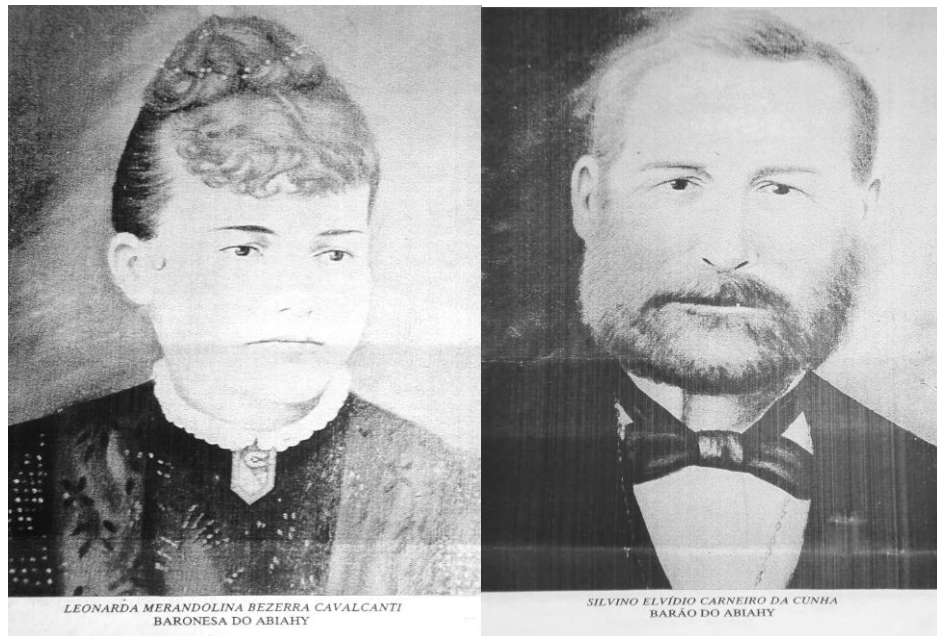


Figura 01: Silvino Elvídio Carneiro da Cunha (1831-1892) e Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti (1854-1935). Pais de Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Fonte: CARTOXA, 1989, p. 33 e 37.

O seu pai, Silvino Elvídio Carneiro da Cunha nasceu em 31 de agosto de 1831, filho do importante senhor de engenho e comendador, Manuel Florentino Carneiro da Cunha, presidente da Província da Parahyba do Norte por várias vezes, e casado com Rita Maria da Mota.

Silvino Elvídio Carneiro da Cunha graduou-se em direito pela Faculdade de Olinda (1853). Foi presidente (governador) das províncias de Sergipe (1866 a 1867), do Rio Grande do Norte (1868 a 1870), Alagoas (1871 a 1872), Maranhão (1873 a 1875) e diversas vezes de sua própria província, a Paraíba. (1869 a 1874). Também foi deputado provincial (1855 a 1871), promotor público, chefe de polícia, secretário geral do governo, diretor da instrução pública, procurador fiscal da fazenda, presidente da Câmara Municipal, provedor perpétuo e benfeitor da Santa Casa de Misericórdia, chefe prestigioso do Partido Conservador, inspetor das Alfândegas da Paraíba, de Manaus e Maranhão. Advogado nos auditórios forenses da Paraíba, Pernambuco e da Estrada de Ferro Conde D'Eu, além de



redator-chefe de conceituados órgãos da Paraíba, entre eles “O Jornal da Paraíba” e “O Monitor”.

Considerado um homem culto, Silvino Elvidio Carneiro da Cunha representou a Província da Parahyba do Norte na Exposição Agrícola de Paris, recebendo, inclusive, o Diploma de Oficial do Mérito e da Legião de Honra da França. Recebeu, ainda, o diploma de Sócio do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, do Liceu de Artes e Ofícios do Brasil e dos Homens Ilustres do Brasil, além de homenagens diversas, recebidas por participação em Sociedades Literárias, Científicas e Artísticas.

Silvino Elvídio Carneiro da Cunha era proprietário de muitas terras na Província da Parahyba do Norte, por isso recebeu o título de Barão, em 08 de agosto de 1888 (ver Anexo C - Título de Barão do Abiahy), concedido pelo Imperador D. Pedro II, que o consultou sobre a nomeação do referido título, pois, costumava-se na época, atribuir-se o nome familiar ao mesmo. Todavia, a ideia Silvino Elvídio Carneiro da Cunha foi sugerir ao título de baronato, o nome da sua propriedade: “Abiahy”, localizada na comunidade de Alhandra e que havia sido herança deixada pelo pai, comendador Manuel Florentino Carneiro da Cunha.

Vale salientar que a amizade entre Silvino Elvidio Carneiro da Cunha e o Imperador Dom Pedro II, já vinha de longas datas, sendo convidado para estar presente nos bailes realizados para recepcionar a família real em sua visita a Província da Parahyba do Norte, entre os dias de 24 e 30 de dezembro de 1859.

Em seu livro, *Presença de D. Pedro II na Paraíba*, Murilo Augusto de Almeida narra os acontecimentos em torno da visita do imperador Dom Pedro II, e o impacto que está visita trouxe à província. Destaca, particularmente, que na festa de despedida do Imperador, coube a Silvino Elvídio Carneiro da Cunha o regalia de dançar com Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti Carneiro da Cunha, a época sua cunhada. Sobre o acontecimento ressalta Almeida (1975, p. 105):

Tiveram a honra de dançar com Sua Majestade o Imperador as consortes do Presidente da Província, do Senador Frederico de Almeida e Albuquerque e do Dr. Antonio de Souza Carvalho. Com Sua Majestade a



Imperatriz dançaram o Ministro do Império, o Presidente da Província e o Senador Frederico de Almeida Albuquerque. Tiveram a honra de ser *vis a vis* de Sua Majestade o Imperador o Dr. Vitorino R. T. Barreto com a consorte do Senador Frederico, o Chefe de Polícia com a consorte do Dr. Francisco de Assis Antonio de Vital Oliveira, e o Dr. Francisco de Assis Pereira Rocha com sua filha, D. Maria. E *vis a vis* com Sua Majestade a Imperatriz o Dr. Francisco Alves de Souza Carvalho com a Senhora Eugênia e filha do Dr. Felizardo Toscano de Brito, o Dr. Silvino Elvideo Carneiro da Cunha com sua cunhada, a *Sra. D. Leonarda*, o Dr. José da Costa Machado com a consorte de Francisco de S. da Silva Retumba.

Rememorando a condição de prestígio e poder da família, declarou Olivina Olívia Carneiro da Cunha em entrevista ao Jornal “O Norte”, em 21 de março de 1977 (ver Anexo D) que, as posses de terras da família, com a ascensão da República foram confiscadas, em 1889. Segundo a educadora, inicialmente as propriedades foram alugadas aos ingleses, que chegaram à Paraíba com intuito de comercializar madeira e abrir estradas de ferro, para o

transporte comercial. Na imagem ao lado, podemos observar a ênfase que o *Jornal O Norte* dá à afirmativa de Olivina Olívia Carneiro Cunha: “a república roubou meu pai”. Suas palavras revelam o sentimento de injustiça nutrido pela educadora em relação à confiscação das terras (ver Anexos E e F) da família.

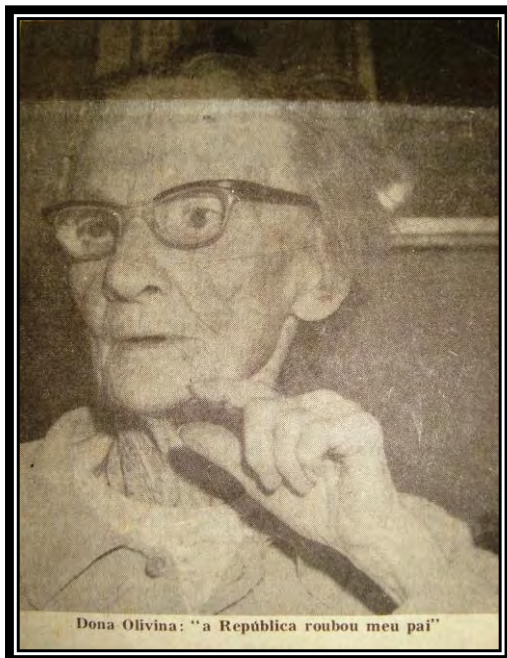


Figura 02: Olivina Olívia Carneiro da Cunha em entrevista ao jornal “O Norte”. Essa foi possivelmente a última imagem da educadora em vida.

Fonte: JORNAL O NORTE, em 21 de março de 1977. A União Cia Editora.

Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, o Barão do Abiahy faleceu em 08 de abril de 1892. Em seu retorno a Parahyba do Norte, após longo processo de estadia no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, para tratamento de saúde e contatos comerciais. O seu sepultamento ocorreu no Cemitério de Santo Amaro, interior de Pernambuco.

Olivina Olívia Carneiro da Cunha, na citada entrevista, faz questão de ressaltar que o pai deveria ser lembrado não pelas posses e títulos



que alcançou em vida, mas, principalmente, pelas realizações na Parahyba da época, tais como: a edificação da Igreja da Nossa Senhora das Neves (Catedral); o primeiro teatro, na Praça 1817 (hoje, Igreja Presbiteriana); a revitalização do Palácio do Governo, a doação de vários terrenos ao Estado, inclusive um foi construída a Praça Venâncio Neiva; a sanção da Lei de criação da primeira Cadeira de Ensino Normal,¹⁴ no Liceu Provincial da Parahyba do Norte em 1874, na tentativa de profissionalizar o magistério. Ainda segundo a educadora, o genitor foi um dos homens mais empreendedores e dignos de reconhecimento que viveram na Província da Parahyba do Norte, tendo priorizado em seus mandatos investir na educação:

[...] foi um grande educador e por todas as províncias por que passou deixou alguma coisa importante. Até a biblioteca pública de João Pessoa é uma obra que meu pai iniciou. Tudo isso e muitas outras realizações do Barão estão reconhecidas apenas num “nomezinho” de rua, permanentemente ameaçada de substituição. (Jornal “O Norte”, 21 de março de 1977).

Na entrevista, Olivina Olívia Carneiro da Cunha deixa também nítida a insatisfação da família pelo histórico desconhecimento ou esquecimento da memória do patriarca, personagem, segundo ela, de grande engajamento na história da Paraíba.

A mãe de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, a baronesa Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti, nasceu em 30 de novembro de 1854, na Província da Parahyba do Norte. Foi a segunda esposa do Barão do Abiahy, haja vista que o mesmo já havia contraído outro matrimônio com sua irmã, Adelina Augusta Bezerra Cavalcanti,

¹⁴ Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, Bacharel formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Academia de Olinda, Cavalheiro da Imperial Ordem da Rosa, e Presidente da Província da Paraíba: Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial resolveu, e eu sancionei a Resolução seguinte.

Art. 1º - Fica criada no Liceu desta capital uma cadeira de ensino normal, tendo o professor os mesmos vencimentos dos atuais lentes daquele estabelecimento.

Art. 2º - Esta cadeira será destinada a preparar os candidatos ao professorado da instrução primária do sexo masculino, as quais, sem aprovação plena nos respectivos exames, não poderão apresentar-se em concurso (*Leis e Regulamentos da Instrução na Paraíba no Período Imperial*, Brasília-DF: 2004, p.128 e 129).



ambas filhas do brigadeiro Claudiano Joaquim Bezerra Cavalcanti e de Maria Etelvina do Carmo Henriques.

Em depoimento concedido à escritora Rosilda Cartaxo, no livro “As Primeiras Damas”, publicado em 1989, Olivina Olivia Carneiro da Cunha revela:

[...] Tendo desaparecido Maria Etelvina Meira Henriques, sua genitora, [...] seu pai contraiu segunda núpcias. Não quis, antes de morrer, deixar os filhos, ainda pequenos, sem um tutor que, não só gerisse seus bens, pois era um abastado comerciante e proprietário o que lhe trouxe riqueza invejável e fabulosa, convidou Silvino Elvídio Carneiro da Cunha para tutor dos cinco filhos, advogado, solteiro e ainda moço, o que era uma responsabilidade grande sobre os seus ombros. Então Silvino Elvídio deliberou internar as meninas no colégio de uma parenta e os dois filhos que eram mais velhos, resolveu mandá-los para o Colégio Militar, no Rio de Janeiro. Passados alguns anos, Silvino casou-se com a mais velhas de suas pupilas, Adelina Augusta que levou para a sua companhia a irmã mais moça, Leonarda Merandolina, após o o casamento de outra irmã, Maria Etelvina, com o juiz de Pernambuco, Joaquim Moreira Lima, Leonarda foi, portanto, criada e educada por Silvino Elvídio, vindo após o falecimento de Adelina, a irmã mais velha, casar-se com o cunhado, Silvino. (CARTOXA, 1989, p. 35).

Do primeiro matrimônio com Adelina Augusta Bezerra Cavalcante nasceram nove filhos: Maria Etelvina Carneiro da Cunha, Manoel Florentino Carneiro da Cunha, Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, José Thomaz Carneiro da Cunha, Rita Maria Carneiro da Cunha, Honório Hermeto Carneiro da Cunha, Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, Olavio Adelio Carneiro da Cunha e Pedro Augusto Carneiro da Cunha. No segundo matrimônio nasceram cinco filhos: Rita Ricardina Carneiro da Cunha, Olivina Olívia Carneiro da Cunha, Claudiano Claudio Carneiro da Cunha, Julita Julieta Carneiro da Cunha, Horácio Hermeto Carneiro da Cunha. Totalizando quatorze filhos nos dois matrimônios. Sua segunda esposa, Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti ficou viúva ainda muito jovem, aos 38 anos de idade, tendo que cuidar e educar os filhos. Segundo as tradições da época, após a morte do marido e provedor, cabia a mulher vestir-se de preto, consolidando a identidade do luto e sofrimento familiar. No caso de Maria Leonarda Merandolina



Bezerra Cavalcanti, por vários anos, vestiu-se com blusas pretas, sempre com as mangas compridas e saias longas.

Rememorando a imagem da mãe, a educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha relata que se tratava de uma mulher inteligente, gostava de ler, tendo predileção literária pelos livros de viagem. Rotineiramente realizava as atividades domésticas cantarolando os versos de seus poetas prediletos, tais como Castro Alves, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. Também era compositora de diversas poesias e prosas, algumas destruídas antes do seu falecimento. Além disso, rememora a genitora como uma mulher paciente, exemplo de caridade cristã, atenta aos cuidados com os filhos e ensinando-lhes a prática da solidariedade com os próprios atos:

Aconselhava aos filhos viverem em perfeita harmonia e união, pois a felicidade do lar somente disto dependia. [...] Considerava os nove enteados verdadeiros filhos; porque os educara, desde muito criança quando faleceu a irmã Adelina aos vinte e oito anos de idade. Jamais aplicou a mais leve pena aos filhos da irmã, relevando suas travessuras infantis. Nunca se queixava do rigor da sorte e submetia-se à adversidade com estoica paciência, dando assim, um raro exemplo de caridade cristã. À sua porta não chegava um pedinte, um mendigo sem que fosse socorrido. Aos arrebaldes pobres mandava uma filha levar remédios homeopatas e alimentos necessários aos doentes que ali havia. Quando ela faleceu em sete de julho de 1935, aos 81 anos de idade, as velhinhas e todos os que a conheceram, vieram com os olhos de lágrimas vê-la pela última vez em seu esquife de veludo e prata coberto de flores. (CARTAXO, 1989, p. 35).

Podemos perceber que ao narrar na entrevista episódios da trajetória de vida da sua mãe, a educadora traz à tona sua própria história. Nesse particular, ressaltamos que as lembranças aparecem como produto de um testemunho ocular da história do seu tempo, como se pudesse elaborar o discurso de forma impermeável às contradições, às interpretações pessoais e às subjetividades, retirando as impurezas externas, tornando-a límpida. (LACERDA, 2000, p 84).



Assim, recuperando os vestígios da memória de sua mãe, escreveu uma poesia, após sua morte em 07 de Julho de 1935. A poesia foi intitulada *Poema da orfandade*, publicada em seu livro *Migalhas de Inspiração*.

Tão triste a nossa casa está
Porque a minha mãe morreu!
[...]
Tão triste a nossa casa está!
É como um ninho que se desfez
As rajadas do vento outonal!
[...]
Hoje, nela habita a dor, em vez
Dos risos de cristal que tornavam o nosso lar
Feliz e desejado,
Porque nela a minha mãe vivia
Tranqüila, ao nosso lado!

E é tanta a minha mágoa, tanta,
Quando parece que a ouço dizer ainda,
Com a voz fugir,
E como para a embalar em seu derradeiro sono,
-Sublime estância finda –
“Minha filha, canta, canta!! [...]”

No poema acima, a educadora discorre sobre a dor da perda de sua mãe e, por conseguinte, a falta que a mesma fazia ao lar. Na figura, a seguir podemos observar o *palacete*¹⁵ descrito na poesia acima, localizado na Rua das Trincheiras, na época espaço residencial das famílias mais abastadas da capital da Parahyba do Norte.

¹⁵ A propriedade foi herdada do seu tio Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, que fez parte da representação da Paraíba, na Assembleia Constituinte, em 1823.

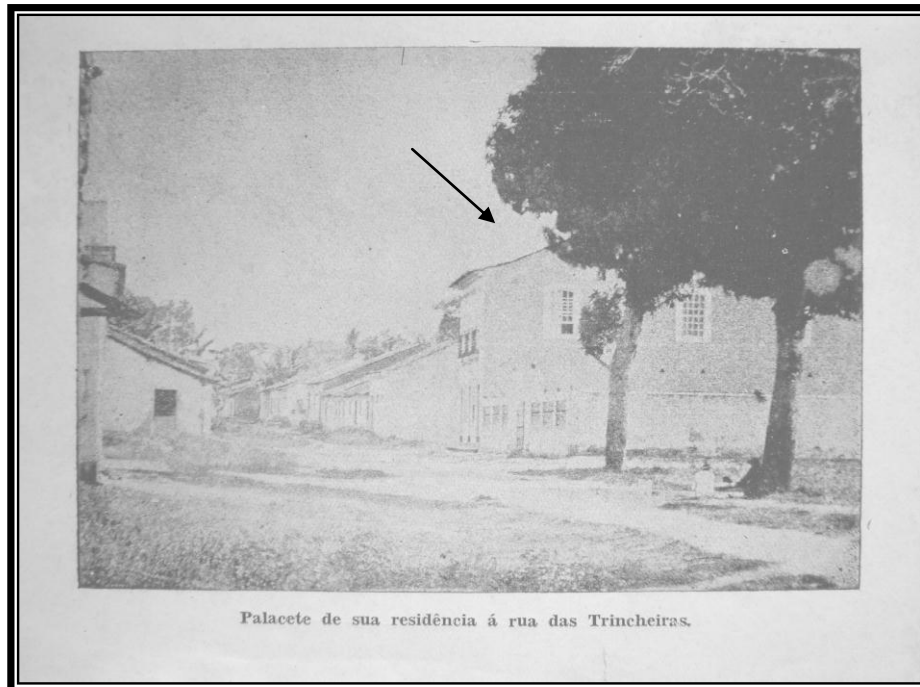


Figura 03: Palacete localizado na Rua das Trincheiras

Fonte: CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da. **Barão do Abiaí.** João Pessoa: A União Cia Editora, 1940, p. 79.

Na imagem a seguir ainda podemos observar esse cenário de forma mais ampla composto pela Praça Venâncio Neiva e o Pavilhão do Chá, tendo ao fundo, o *palacete* do Barão do Abiahy. Atualmente no lugar do palacete foi construído o prédio da Delegacia Regional do Trabalho (ver Anexo G).

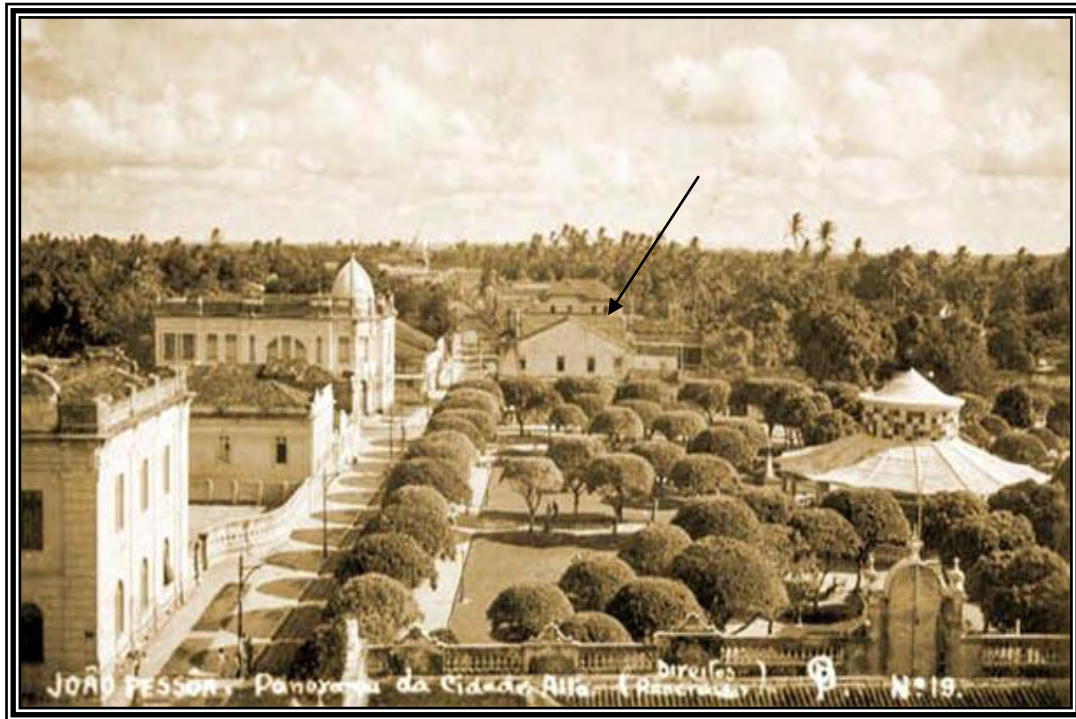


Figura 04: Praça Venâncio Neiva e Pavilhão do Chá. Ao fundo, o palacete do Barão do Abiahy.
Fonte: Acervo pessoal de Edival Toscano Varandas, 1935.

Nos embalos das narrativas de rememoração, a educadora descreve a casa da família como espaço nobre confortável, era de opulência e poder que propiciava a família usufruir de conforto, sem preocupações financeiras, e com o prestígio social do sobrenome *Cunha*.

A dada relevância da identidade *Cunha* na sociedade é descrita, segundo Sales (2005, p. 233), numa crônica publicada no *Jornal do Comércio*, nº 292, de 14 de setembro de 1952. O Dr. Ascendino Carneiro da *Cunha* ao investigar as suas próprias origens, informa que a origem do nome, *Cunha*, em verdade tratava-se de um apelido nobre, advindo de Portugal ao Brasil. Segundo ele, por ocasião da tomada do Castelo de Lisboa aos árabes, D. Payo Gutterres subiu a um das muralhas e nela introduziu nove “cunhas” e como prêmio deste feito, D. Afonso Henriques lhe concedeu o apelido de *Cunha*.

Palmeira (1986, p.41), por sua vez, relata que a residência estava situada em uma área rodeada por plantas e jardins, espaço onde Olivina Olívia Carneiro da Cunha costumava na infância curtir os passeios com a mãe Dona Leonarda, colhendo os frutos e



ervas do pomar, aprendendo lições importantes com as palavras de sabedoria materna: “a vida renasce todos os dias junto com o sol, com as plantas e as flores”. (SALES, 2005, p. 234).

Ainda sobre sua infância, a educadora traz outras lembranças valiosas, como o presente que recebeu do avô materno: o primeiro piano, vindo da França num navio, dentro de um caixa enorme de madeira. Ela e o seu avô, o já citado abastado e proprietário de terras, Sr. Claudiano Joaquim Bezerra Cavalcante, foram buscá-lo no ancoradouro de Cabedelo, cidade portuária da Parahyba do Norte.

Em seu livro “Barão do Abiaí (1940)”, Olivina Olívia Carneiro da Cunha dedica o décimo quinto capítulo para falar sobre a vida familiar no palacete Abiaí, e narra, especificamente, o cotidiano do pai:

[...] Nêsse prédio, no andar térreo, tinha o barão o seu gabinete de trabalho. Todas as manhãs, após um passeio higiênico pela chácara, onde se demorava sempre no pomar, passava algumas horas, ditando a correspondência política ao seu secretário particular, o que fazia, passeando ao longo do salão. Depois do almoço, se dirigia ao palácio onde costumava dar audiências públicas. À noite reunia os amigos políticos em seu palacete. Palestravam, discutiam jogavam o xadrez e a manilha e às 23 horas, era servido o chá. As quintas-feiras abria os salões e recepcionava as pessoas amigas e correligionários. Dançava até alta madrugada; e, distribuindo, com o seu gênio alegre e comunicativo, amabilidades, fazia-se querido e admirado por todos. Os que procuravam, em sua residência, eram por êle ouvidos com atenção. Tinha para essas pessoas uma palavra que confortava e, jamais, procurou enganar a quem quer que fôsse. Para êle o próprio adversário político merecia consideração e respeito. Não guardava rancor e nem tão pouco desejava mal ao seu semelhante. Sua divisa era: “Fazer o bem ainda mesmo com sacrifício da própria vida” e, nisso, consistia o seu princípio de caridade. Costumava na hora das refeições, quando reunia os filhos, dar-lhes conselhos, instruí-los no modo de se portar na vida, com honradez e dignidade. Muitas vezes lhes disse: “Meus filhos, para um homem honesto não há dívida prescrita”. Devemos semear o bem, não esperando recompensa. “Não procuremos odiar os inimigos, antes, perdoá-los”. Essas máximas eram ditadas com sinceridade e elas caíram no coração dos seus filhos que têm procurado seguí-las, á risca. Mandava, diariamente, distribuir aos pobres, farinha e pão; jamais um necessitado se retirou de sua casa sem ser atendido. Muitos se sentaram á mesa dos seus



servos para matar a fome. Êle se compadecia dos desherdados da sorte e, por isso, era chamado –“ O Pai da Pobreza”. (CUNHA, 1940, p. 80-82)

Na longa narrativa acima, a educadora desvela um cotidiano saudosista do pai, a descrição de um cenário marcadamente harmonioso, linear e positivo da imagem do patriarca, no interior da família e da sociedade, na condição de personagem central dos acontecimentos.

Nessa descrição positiva, a educadora também rememora os valores pautados na tradicional formação católica, haja vista, a presença da família nas missas e outras atividades religiosas desenvolvidas, em especial, na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, localizada na Rua João Machado, próximo a sua residência.

Para compreendermos melhor a relação da família Carneiro da Cunha com o catolicismo, citamos um fato histórico descrito no *Anuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte de 1894*, sobre a primeira sede da Diocese da Parahyba¹⁶ que foi canonicamente instalada no dia 4 de março de 1894, com a chegada do seu 1º Bispo, Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques. Em virtude da Diocese¹⁷ não possuir o seu próprio espaço físico, alojou-se até o dia 26 de abril do mesmo ano na residência dos Carneiro da Cunha, que também faziam parte da comitiva de recepção e festejos, por ocasião da posse do citado bispo:

¹⁶ A Diocese da Paraíba foi criada no dia 27 de abril de 1892 pela Bula “Ad Universas Orbis Ecclesias”, do Papa Leão XIII. Foi canonicamente instalada no dia 4 de março de 1894 com a chegada do seu 1º Bispo, Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques. No dia 6 de fevereiro de 1914, pela Bula “Maius Catholicae Religionis Incrementum”, do Papa Pio X, a Diocese da Paraíba foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana. Aos poucos, foram sendo desmembradas partes do seu território e criadas as seguintes Dioceses: Cajazeiras (1914), Campina Grande (1949), Patos (1959) e Guarabira (1980). Disponível em: <<http://www.arquidiocesepb.org.br/index.php?arqui=pages/historia>> Acesso em: 14/05/2012

¹⁷ A Diocese foi transferida em 26 de abril de 1984, para o *Convento de São Francisco*, cedida pela respectiva Ordem, após o desalojamento da Companhia de Aprendizes Marinheiros que ocupava o prédio, há alguns anos.



Creada estava a Diocese da Parahyba, empossado o primeiro Bispo, mas não havia ainda um prédio para residência episcopal. Em vista disso, o Exmo. Snr. D. Aducto resolveu ficar, si bem que temporariamente, no palacete Abiahy, posto á sua disposição pela distincta Commissão de recepção e festejos, por occasião da posse. Ahi permaneceu S. Excia. Revma. até 26 de abril, quando se transportou para uma das dependência do Convento de S. Francisco, que veio a servir de Seminario (ANNUARIO ECLESIASTICO DA PARAHYBA DO NORTE DE 1894, p. 20).

A imagem abaixo ilustra o Palacete onde se instalou provisoriamente a Diocese Parahybana.



Figura 05: Palacete Abiahy, residência provisória da Diocese Parahybana.

Fonte: ANNUARIO ECLESIASTICO DA PARAHYBA DO NORTE. Residência Episcopal, João Pessoa: Estabelecimento- Torre Eiffel 1894, Volume 1, p. 20.

De acordo com, Osíris do Abiahy (2008), sobrinho neto da educadora, essa tradição familiar fortaleceu, certamente, a vocação religiosa de Olivina Olívia Carneiro da Cunha ao longo de toda a vida.

Sobre esse aspecto, é salutar relacionar a história de vida de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, com a formação moral do período investigado. Segundo Nunes (2000, p.14),



essa ligação entre religião e educação, tem as suas origens nos primórdios da sociedade colonial brasileira, advêm da concepção missionária associada ao magistério, profissão feminina tida como condição de sacerdócio, trazida pelos jesuítas e de complexa dificuldade de ruptura.

Cabe, também, ressaltar que as fontes analisadas neste estudo trazem indícios dessa configuração da Igreja Católica, e sua influência na formação dos indivíduos na época, sendo as mulheres, o principal alvo no processo de socialização religiosa, em particular, as educadoras, que em regra eram envolvidas nas inúmeras iniciativas, campanhas assistencialistas e solidárias.

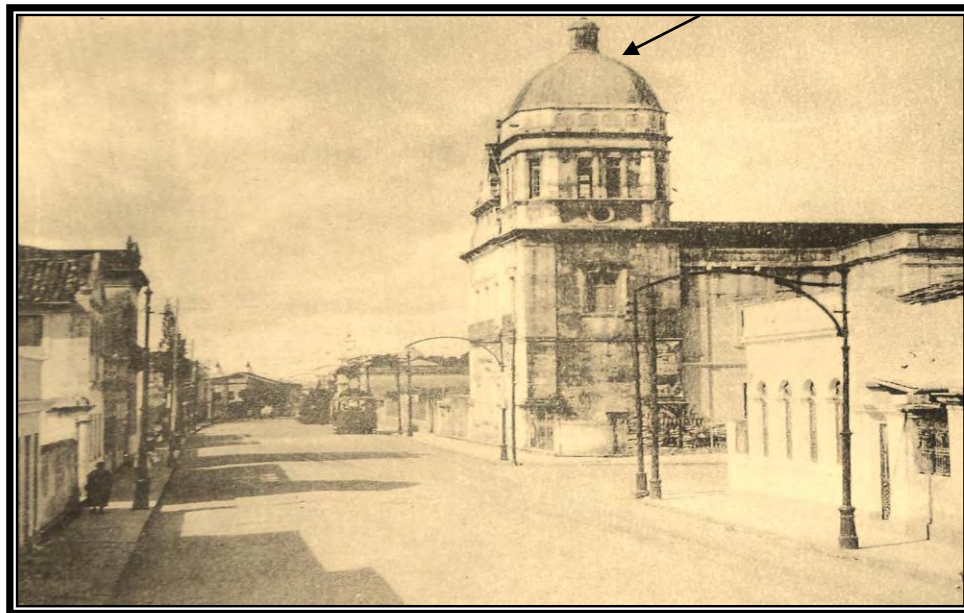


Figura 06: Igreja Nossa Senhora de Lourdes fundada em 1817.

Fonte: RODRÍGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1962.

Na imagem 06, podemos retratar a capital da Parahyba do Norte, em meados do século XX, mais especificamente a Rua das Trincheiras. Nela localizamos ao lado direito a Igreja de Nossa Senhora de Lourdes e ao fundo o bonde elétrico, símbolo da modernidade que estava chegando tardiamente ao estado, considerando que este já existia em outras capitais do nordeste.



Figura 07: Prédio da Igreja Nossa Senhora de Lourdes localizada na Av. João Machado.
Fonte: Arquivo Pessoal das pesquisadoras Márcia Mendes e Viviane Freitas, 2009.

Diferentemente da imagem anterior, nesta (figura 06) identificamos os resquícios de dois séculos. A Igreja Nossa Senhora de Lourdes constituída em um representativo monumento arquitetônico, preservada ao longo dos anos, em meio ao desenvolvimento da capital, atualmente denominada de João Pessoa. Comparando os dois cenários tendo a Rua das Trincheiras como pano de fundo, elencamos dentre as mudanças ocorridas, algumas que são mais nítidas em nossa percepção, como o asfalto de pedra que foi substituído por uma ciclovia moderna e o transporte elétrico trocado pelos automóveis. Ainda sobre o processo formativo de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, é conveniente ressaltar a observação de Barman:

[...] os indivíduos absorvem, consciente e inconscientemente, a cultura em que vivem. Certos aspectos dela são assimilados conscientemente, como se fossem um código de fé e de



comportamento. Em geral, esses aspectos são de tal modo aceitos e interiorizados que as pessoas perdem a capacidade de agir contrariamente a eles. Mas pode-se dizer que outros aspectos da cultura são intuitivos, por serem absorvidos de modo virtualmente inconsciente desde a primeira infância. As pessoas a eles se sujeitam sem perceber (BARMAN, 2005, p.18-19).

Assim, seguindo essa reflexão acima, consideramos como fundamental nos afastarmos da centralidade do personagem estudado, em favor de uma articulação mais íntima entre a vida da biografada e seu meio ou contexto social em que viveu, para compreender determinadas atitudes, pensamentos e práticas que incidiram em sua memória, como podemos indicar a partir das fontes, a condição moral religiosa a que esteve historicamente envolvida Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Além da formação moral religiosa, educativa e intelectual, pudemos levantar nos depoimentos dos familiares e amigos uma imagem de Olivina Olívia Carneiro da Cunha: mulher de estatura baixa, magra, de olhos azuis e pele clara, costumes refinados e de vestimentas elegantes de seda, sempre com estampas florais azuis e em tons claros, com broches e colares, maquiada e com sapatos altos. Ou seja, uma educadora com características bem autênticas, como relata o ex-aluno Joacil de Brito:

Era esbelta, magrinha e andava sempre bem vestida. Usava sapatos de saltos bem altos, o cabelo longo bem penteado e preso por marrafas ornamentais e discretas. Tinha muita simpatia e bom gosto, vestindo roupas sempre claras e leves, às vezes de tecidos estampados, mas sóbrios, bem talhados, como convinha a uma mulher da sua categoria (JOACIL DE BRITTO PEREIRA, entrevista concedida em: 17/11/2008).



Figura 08: Olivina Olívia Carneiro da Cunha com suas irmãs: Julita Julieta Carneiro da Cunha(1890-1965), Rita Ricardina Carneiro da Cunha(1880-1972), a criança trata-se de Helionora de Araújo Abiahy filha do seu sobrinho Osfris Abiahy.

Fonte: Acervo pessoal da família Cunha, 2008.

Celibatária, a educadora mesmo na maturidade continuou residindo em companhia das irmãs, Julita Julieta Carneiro da Cunha (musicista e professora de piano) e Rita Ricardina (poeta). Vale salientar que já não viviam no *Palacete*, mas em uma residência aparentemente inferior, pois era menor e modesta, contudo conservando em sua arquitetura um toque de nobreza, com elementos decorativos de destaque distribuído em sua fachada com janelas grandes que serviam tanto para embelezar como para facilitar a circulação do ar (prevenido a disseminação de doenças contagiosas) e entrada de luz natural.



Figura 09: Residência onde Olivina Olívia viveu seus últimos dias, localizada na Praça Venâncio Neiva, nº 38. A casa foi adquirida pela família dos Carneiro da Cunha em 1912.
Fonte: Acervo pessoal da família Cunha, 2008.

Segundo relato dos familiares entrevistados, cada uma das irmãs possuía o próprio quarto na casa, o que assegurava a privacidade familiar, a exemplo do quarto de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, descrito como de pouco acesso, mobiliado com um oratório, uma cama, guarda roupa e, sobretudo, uma estante com seus livros pessoais, ou seja, os livros que possivelmente apreciava ler com mais frequência.

Com o falecimento das irmãs, Olívia Carneiro da Cunha encontrou-se em condição de absoluta solidão e velhice, passando a ser acompanhada por sua amiga Isabel Braga. Além da companhia desta, a educadora recebeu os cuidados dos sobrinhos netos Osíris do Abiahy e Tigre do Abiahy, que carinhosamente a chamavam de tia Liva.

Olivina Olívia Carneiro da Cunha viveu nessa mesma casa até os últimos dias da sua vida, após sua morte o imóvel foi vendido e passou de Casa de Baronesa já que sua mãe (Maria Leonarda Merandolina Bezerra Cavalcanti) também viveu seus últimos dias nessa residência, a Sede da Associação Paraibana do Ministério Público– APMP.



Figura 10: Professora Olivina Olívia juntamente com seu sobrinho Osíris do Abiahy, sua esposa Yêda Araújo e sua filha Helionora de Araújo Abiahy.
Fonte: Acervo pessoal da família Cunha, 2008.

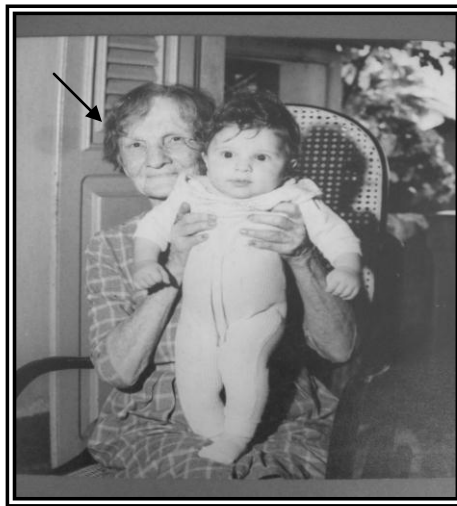


Figura 11: Olivina no colo com Helionora de Araújo Abiahy, filha do seu sobrinho Osíris do Abiahy.
Fonte: Acervo pessoal da família Cunha, 2008.

Na figura (10), podemos observar um momento em família de Olivina Olívia Carneiro da Cunha com seu sobrinho Osíres Abiahy, juntamente com sua esposa Yêda Araújo e sua primeira filha Helionora de Araújo Abiahy. Na imagem seguinte, Olivina Olívia segura no colo a sobrinha neta que, segundo a família, era muito querida por ela. Em entrevista Helionora de Araújo Abiahy rememorou sobre a importância que figura da educadora representou em sua vida:

Eu me recordo que todos tinham muito respeito à pessoa dela [...] ela já estava com muita idade na época, assim [...] já não andava. Ela havia tido na época aquilo nos chamávamos trombose que hoje é AVC, né? [...], ficava numa cadeira sentada, mas falava um pouco embolado quando a gente falava o português errado. [...] meus primos vinham do Rio de Janeiro e Brasília, gostavam muito de gíria. [...] ela tinha muito essa correção do português! Ela era uma pessoa muito altiva com relação à língua portuguesa. Que eu possa me lembrar dela, era uma pessoa muito querida, muito amada por todos. No meu primeiro aniversário tem uns versinhos lindos que ela fez para mim no convite do meu primeiro aniversário. Era uma pessoa de trato simples, tratava todos com muita cordialidade. Não tinha nenhuma afetação pelo nome que ostentava e filha de quem o era, o mais importante é essa lição que ela deixou para todos



nós. O respeito que nós tratamos as pessoas é o mesmo que seremos tratados. Então acho que ela ensinou isso aí. É tanto, que quando ela faleceu a família estava próxima, meus pais como as outras estavam sempre no trato [...], tinham pessoas também os chamados os tratadores de idosos. Ela também tinha pessoas próximas! Quer dizer se fosse uma pessoas difícil, grosseira porque a gente traz do berço essas coisas. Se você é uma pessoa rude, você vai morrer rude. Era uma pessoa muito afável, muito carinhosa, um voz altiva, ela tinha aquela altivez em te dizer “não faça isso, mas ao mesmo tempo muito carinhosa, que eu possa lembrar (Entrevista concedida em: 05/10/2011).

Na memória de Joacil de Britto, ex-aluno da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, a residência da educadora constituía-se em lugar de belas festas com a presença de seus alunos, parentes e amigos.

Lembro-me bem das suas bonitas sobrinhas, que frequentavam as festas da tia Olivina. Recordo, também, Thompson e Tigre do Abiaí, [...], Osíres era menino [...]. Todos filhos de Horácio Hermeto Carneiro da Cunha, que igualmente gostava de receber a visita dos jovens daquele tempo. Nas reuniões das duas casas, a das irmãs e a do irmão Horácio, havia muita alegria sadia e pura. Cantava-se, declamavam-se versos, e se tocavam piano, sanfona e violinos. Aguiamar Dias Pinto, Rômulo Flávio Machado de França e tantos outros enchiam de sons e melodias aquelas residências, onde se bebiam bons vinhos do porto, cerveja e refrigerantes. Tempos bons aqueles... (PEREIRA, 2007, p.145-146.)

Segundo Palmeira (1985), Olivina Olívia Carneiro da Cunha, já com avançada idade, aos 91 anos idade, ainda conservava o porte firme, a voz metálica e decidida, com o seu timbre peculiar. Respeitada e admirada por todos que com ela conviveram ou desfrutaram da sua relação educativa e intelectual na sociedade paraibana.



2.2 Formação e atuação no cenário educacional, político e social

[...] não deixemos de ter presente que nossos destacados educadores foram/são, antes de tudo, seres humanos e, portanto, longe de se constituírem em “super-homens” e “super-mulheres” (ABRAHÃO, 2010, p. 60).

Olivina Olívia Carneiro da Cunha aprendeu as primeiras letras em família, alfabetizada pela mãe Maria Leonarda, personagem que lhe proporcionou, desde cedo, o interesse pela poesia e a leitura de romances. Demonstrando desde criança interesse pelo magistério, ensinando em sua residência, juntamente com sua irmã Rita Ricardina, as primeiras letras para os filhos dos empregados da família. Além do mundo das letras, livros e da natureza, apreciava mergulhar no universo da música. Participando ativamente das aulas de piano com uma professora particular que a presenteava com doces, todas as vezes que conseguia ler a partitura e tocar corretamente a música ensinada (SALES, p.234).

Em 1904, com 15 anos incompletos, Olivina Olívia Carneiro da Cunha diplomava-se pela Escola Normal, consolidando toda a formação anterior, adquirida em família. A época, a referida instituição era considerada o templo do ensino público paraibano, responsável pela formação das primeiras gerações de educadoras, a exemplo de Francisca Moura, Umbelina Garcez, Eudésia Vieira, Analice Caldas, Catharina de Moura e Anayde Beiriz.

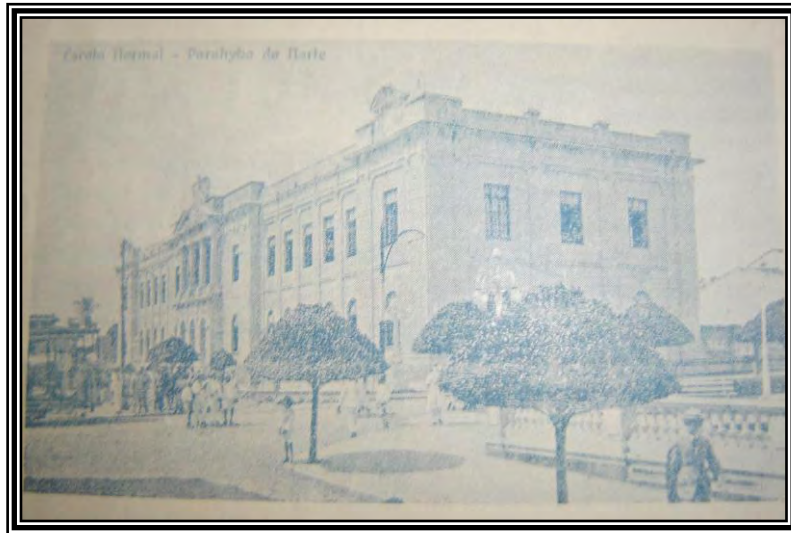


Figura 12: Prédio da Escola Normal Parahyba do Norte, onde Olivina se formou e logo, após, lecionou.

Fonte: REVISTA ERA NOVA, 27 de março de 1921, Anno I, nº 1.

Na fotografia acima visualizamos a parte externa do monumental espaço ocupado pela Escola Normal da Parahyba do Norte. A citada instituição foi criada em 1884, com suas solenidades em 07 de abril de 1885 e regulamentada em 14 de janeiro de 1886. Na época, o debate em torno da sua organização atendia às exigências culturais e econômicas compelidas aos administradores da “coisa publica” e os intelectuais apontavam para a necessidade de investir na formação de docentes. Tendo esses profissionais a reponsabilidade de através da didática sistematizar, organizar e hierarquizar o conhecimento e os saberes escolares (PINHEIRO, 2006), condições que Olivina Olívia Carneiro da Cunha e outras mulheres vivenciaram.

Na citada instituição escolar, Olivina Olívia Carneiro da Cunha, aos 16 anos, foi nomeada em 1905 para lecionar a 9º cadeira, direcionada à formação do Ensino de Música e Trabalhos de Agulha. Já em 1907 foi admitida e remanejada para a 1ª Cadeira, instalada no Grupo Escolar Modelo, a época, anexo à Escola Normal. Sobre sua postura como docente narra Osíris do Abiahy:



No Instituto Comercial Underwood ou Escola Underwood aconteceu um episódio bem interessante. Ela estava dando aula no curso e era início do ano letivo [...] entrou um aluno que havia sido reprovado por ela no ano anterior [...] e abandonou o curso por esse motivo. A professora Olivina acreditava que tinha sido justa em sua decisão e deixou muitos impressionados com esse fato (OSÍRIS DO ABIAHY, entrevista em 04/12/2008).

Olivina Olívia Carneiro da Cunha, na condição de normalista lecionou nas mais diversificadas matérias (cadeiras) e em diferentes instituições de ensino. Em 1917 foi designada pelo presidente do Estado, Antônio Pessoa, para reger a Cadeira de Desenho e Trabalhos Manuais, no Grupo Escolar Dr. Thomáz Mindello, primeiro Grupo Escolar da Parahyba do Norte, fundando em 1916 tendo como patrono do estabelecimento de ensino o professor Thomas Mindello conceituado na elite e apontado pela imprensa local como sendo o principal reformador do “Lyceu Parahybano”, justificando a homenagem prestada pelo governo do Estado (PINHEIRO, 2008). Segundo Lima (2010, 93), a instituição foi muito importante para o desenvolvimento da instrução pública local, introduzindo na sociedade paraibana um recurso de elevado progresso, qualificando os alunos-mestres não apenas na teoria, mas também nas práticas modernas.



Figura 13: Grupo Escolar Dr. Thomáz Mindello em 1920.

Fonte: STUCKERT FILHO, Gilberto. **Parahyba: Capital em fotos**, 2004.



Na figura 12, podemos ver no primeiro plano, o edifício do Grupo escolar Dr. Thomas Mindello, os trilhos do bonde carril (puxado à tração animal), e o antigo Palácio das Secretarias, situado entre as Praças Pedro Américo e Aristides Lôbo, antigo edifício do Tesouro do Estado (LIMA, 2010, p. 54).

Por solicitação do diretor da Escola Normal, Olivina Olívia Carneiro da Cunha lecionou também aulas de Matemática, na falta do titular da cadeira. Entre 1918 e 1920 passou a substituir o mestre de Geografia do Brasil aos alunos matriculados no 1º ano.

Em 1925, o governo designou a educadora para dirigir a 2ª cadeira de Geografia Geral e Coreografia do Brasil. Sem prejuízo dessas funções, a professora, em 1926 substituiu o Professor de Pedagogia, no 4º ano e o de Álgebra e, posteriormente, o titular de Pedagogia, do 3º ano, até o ano de 1928.

No dia 1º de março de 1929, suprimida a 2ª cadeira de Geografia, Olivina Olívia Carneiro da Cunha ficou em disponibilidade institucional, retornando em abril do mesmo ano a lecionar, na condição de auxiliar, a disciplina de Geografia, no 1º ano Curso Normal. Em 08 de setembro de 1930, a educadora foi dispensada sem vencimentos da função de docente da cadeira de Geografia, através de comunicado do interventor Antenor de França Navarro, porém, em 14 de março de 1931, o mesmo governante a nomeou para ensinar Língua Portuguesa na mesma instituição escolar.

Em 08 de abril de 1934, já sob a Intervenção de Argemiro de Figueiredo, Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi nomeada para o exercício docente da cadeira de História da Pedagogia, agora na Escola de Aperfeiçoamento.

Em julho de 1937, foi registrada como docente nos dois ciclos (ginasial e colegial), através de documento expedido pelo então Ministro da Educação e Saúde Pública do Brasil. Mesmo assim, ficou em disponibilidade, até que, a 12 de abril daquele mesmo ano, o governo do Estado aproveitou-a como auxiliar da cadeira de Geografia do Lyceu Paraibano e, em 22 de junho, nomeou-a para exercer, interinamente, o cargo de professora da 1ª cadeira de Português do mesmo Lyceu¹⁸. Nesse período, o Lyceu era tido como “templo do

¹⁸O *Lyceu Provincial da Parayba* foi fundado em 24 de março de 1836, funcionando nos anos iniciais no primeiro andar do edifício da Assembleia Legislativa Provincial. A criação da instituição visava atender a



saber” criado inicialmente para atender à juventude masculina que pretendia se preparar para o ensino superior, ou seja, principalmente, à Academia Jurídica de Olinda/Pernambuco ou para Faculdade de Medicina na Bahia. Seguindo as mesmas diretrizes que caracterizavam o ensino secundário (ou médio) na Parahyba do Norte de todos os outros liceus e escolas secundárias fundadas no Brasil no século XIX (PINHEIRO, 2008, p. 16).



Figura 14: Antigo Prédio onde funcionou o Lyceu Parahybano, 1936.
Fonte: PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Um Roteiro Histórico Educacional na Cidade de João Pessoa (em texto e imaginação)**. João Pessoa: Editora Universitária, 2008, p. 53.

Essas instituições de ensino eram representativas e imponentes até mesmo em sua estrutura física, algo que podemos verificar na figura acima. Nela, a imagem do então Lyceu Parahybano com sua arquitetura clássica, característica do estilo neocolonial, com o brasão do Estado da Paraíba, símbolo de força e poder constitucional.

No dia 24 de agosto de 1940, Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi exonerada das funções da 1ª cadeira de Português, voltando à disponibilidade em que se encontrava anteriormente. Sobre esse episódio na vida profissional da referida educadora, faz-se fundamental indagar: Quais as razões que motivaram essa quebra de contrato, haja vista às fontes revelarem competência e distinção como marca da sua atuação docente? Teria havido alguma motivação política?

juventude masculina preparando para o ensino superior. Na atualidade atende a educação de ambos os sexos tendo mudando sua nomenclatura para *Liceu Paraibano* (PINHEIRO, 2008).



Em 1943, submeteu-se ao concurso de títulos para o cargo de Professora Catedrática de Português, classificando-se em primeiro lugar. O Interventor Federal da época, no entanto, não a nomeou como deveria, impondo o arquivamento do referido concurso. A educadora, porém, apelou para a banca julgadora, pretendendo a reformulação da decisão do governante, mas, a banca se submeteu à decisão hierárquica. Devido a esse imbróglio jurídico e político, a nomeação de Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi por muito tempo adiada.

Vivendo o impasse relativo à nomeação da cadeira, conquistada legitimamente através de concurso, a educadora se submeteu a assumir outra função remunerada de menor relevância durante algum tempo. Todavia, em 1951, Olivina Olívia Carneiro da Cunha obteve, em caráter efetivo, a sua nomeação de Professora Padrão por “J” do Quadro do Estado, consolidando-se institucionalmente e formalmente na profissão, que tanto lutou.

Apesar dos obstáculos enfrentados, a educadora manteve-se firme e comprometida com a docência, ensinando, permanentemente, em três turnos escolares, como afirma Osíris do Abiahy:

Admirava o amor que ela tinha pela profissão já que lecionava os três turnos: no Lyceu Paraibano dois turnos e durante a noite em casa ensinando os alunos que não tinham condição de pagar um cursinho. Era tipo um cursinho preparatório para concursos público e gratuito. (OSÍRIS DO ABIAHY, entrevista realizada em 04/ 12/ 2008).

Em 1956, quando passou à categoria de Professor Catedrático, Padrão “N”, da Cadeira de Português do Quadro Permanente do Estado, no curso noturno do Colégio Estadual de João Pessoa, já era considerada um quadro de formação e reconhecimento na Paraíba.

Em 1960, o Governador Pedro Moreno Gondim designou a educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha para realizar um estágio de observação no Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, durante três meses, com as vantagens e direitos do seu cargo.



No ano de 1961, precisamente em 22 de fevereiro, foi colocada à disposição da Secretária de Educação e Cultura, assessorando ao titular e participando de bancas examinadoras das seguintes matérias: Português, Pedagogia, Música, História da Civilização e do Brasil. Dizia-se, então, que era habilitada em sete instrumentos, ou seja, dominava várias áreas do conhecimento. Elaborou programas de Geografia da 1ª, 2ª e 3ª séries, assim como de Pedagogia das 3ª e 4ª séries.

Em 02 de agosto de 1961, aos 65 anos, devido ao comprometimento de saúde por problemas cardiovasculares, aposentou-se como professora do Estado, recebendo 1.700 cruzeiros mensais. Em sua entrevista ao *Jornal O Norte*, em 21 de março de 1977, Olivina Olívia Carneiro da Cunha afirmou que não tinha mais nada além desse salário, ou seja, insistia em dizer que o Estado lhe devia muito, reivindicando maior reconhecimento por sua condição histórica de educadora. Insistia a educadora que foram anos de trabalho, em particular, no ensino noturno, que não haviam sido contabilizados em seus anos de serviço prestado.

Apesar dos desencantos com a falta de reconhecimento das suas contribuições como docente, a educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha manteve-se firme e atualizada com as inovações da sua época, participando dos debates no campo educacional. Deixou também sua contribuição no campo social no que se refere as mobilizações em defesa dos desfavorecidos, presidindo entidades, assistenciais de cunho religioso e filantrópico, vinculados diretamente a Santa Casa de Misericórdia, da Igreja da Misericórdia. Vale ressaltar que as Santas Casas de Misericórdia foram estabelecidas em meados do século XIX, sendo fundamental à manutenção das colônias portuguesas, centralizando e detendo poderes religiosos, administrativos e políticos. Foram também algumas das poucas instituições a prestarem serviços de assistência aos pobres e desamparados. Nos primórdios de sua organização na capital, também possuía o Hospital de Caridade e o Cemitério da Cidade. Há registros desta edificação, datados do ano de 1589, na obra “Novo Orbe Seráfico” de autoria do Frei Antônio Maria de Jaboatão e do ano de 1595 na ata da “Visitação do Santo Ofício” na capital do estado. (BARBOSA, 1994).



Além das colaborações de caráter sociais o prédio é um exemplo de patrimônio arquitetônico, histórico e cultural de valor inestimável, enquanto testemunho da formação da região Nordeste e de grande parte da história da cidade de João Pessoa e do Brasil (SCOCUGLIA & TAVARES, 2009, p. 22) como podemos notar na figura 14 a seguir da Santa Casa de Misericórdia¹⁹.



Figura 15: Santa Casa de Misericórdia fundada por Duarte Gomes da Silveira em meados do século XVI, situada na antiga Rua Direita, hoje Rua Duque de Caxias, no Centro Histórico da cidade de João Pessoa.

Fonte: Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, s/d.

Ainda em defesa dos desfavorecidos, Olivina Olívia Carneiro da Cunha, participou do Movimento Nacional de Combate à Hanseníase²⁰ e foi líder do Educandário Eunice

¹⁹ Santa Casa de Misericórdia - essa edificação foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 25 de abril de 1938, inscrita no nº 41 do Livro de Tombo das Belas Artes.

²⁰ **Hanseníase ou lepra**, nome pelo qual a enfermidade era conhecida no passado, é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, ou bacilo de Hansen, em homenagem a seu descobridor. É provável que a transmissão se dê pelas secreções das vias aéreas superiores e por gotículas de saliva. Embora seja uma doença basicamente cutânea, pode afetar os nervos periféricos, os olhos e, eventualmente, alguns outros órgãos.

Disponível: <<http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/hansenise-lepra/>>
Acesso em: 19/09/2012



Weaver²¹. Como podemos observar na figura abaixo publicada ao lado da Poesia de Olivina Olívia Carneiro da Cunha intitulada: Olinda. Em que a mesma tenta sensibilizar a sociedade apoiando a “Campanha da Solidariedade” através do amparo aos filhos dos doentes de lepra, declarando ser “um nobre dever de solidariedade humana”.

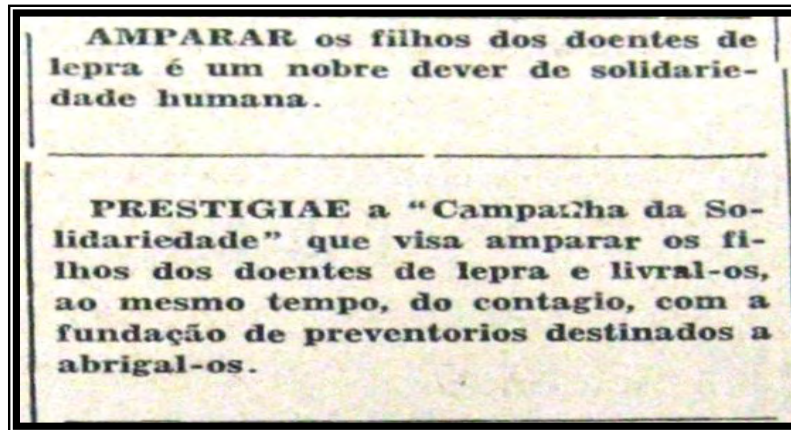


Figura 16: “Campanha da Solidariedade”.
Fonte: JORNAL A UNIÃO, sábado- 4 abril- p.5, nº 77.

No campo musical manteve-se como sócia contribuinte da Escola de Musica da Paraíba, tendo sido uma das fundadoras da Orquestra Sinfônica. Entre os seus principais dotes artísticos, tocava piano nas festas que realizava em sua residência, mantendo uma tradição familiar.

Como principais marcas intelectuais, registramos a sua condição entre as primeiras mulheres a associar-se ao Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP²² e ao Instituto Paraibano de Genealogia Heráldica, em 06 de abril de 1938, funções nas quais permaneceu até os anos de 1970, ou seja, até o fim de sua vida. Segundo Sales (2005, p.240), no período de 1945/55, Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi eleita para exercer o cargo de tesoureira

²¹ **Educandário Eunice Weaver**, criado em 1960, para atender os filhos das pessoas com hanseníase, localizado na Rua Getúlio Vargas, s/n Rio do Meio, na Cidade de Bayeux / PB.
Fonte: Elaboração própria a partir de informações levantadas do Manual de Leprologia – Publicado pelo SERVIÇO NACIONAL DE LEPRA – Rio de Janeiro – Brasil, 1960.

²² O Instituto Histórico Geográfico Paraibano foi fundado em 07 de setembro de 1905.



destas entidades por duas vezes, de 1956/59 e de 1968/1971. Já no mandato de 1974/1977, assumiu a Comissão de Contas como Suplente.



Figura 17: Instituto Histórico Geográfico Paraibano-IHGP.
Fonte: <http://ihgp.net/> acesso em: 15/07/2009.



Figura 18: Academia Paraibana de Poesia
Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras: Viviane Freitas e Márcia Mendes.

Na condição de membro permanente da Academia Paraibana de Poesia fundada em 1949 por Manoel dos Anjos foi presença marcante na sua reestruturação institucional, tendo sido eleita, em 1974, presidente da referida entidade. Logo após a sua morte, deixou aberta a ocupação intelectual da Cadeira n°. 08 que, posteriormente, foi ocupada pela escritora e poeta Balila Palmeira.



Figura 19: Patrona Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras Viviane F. da Silva e Márcia F. Mendes

Em 27 de maio de 2004, foi fundada a Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba e Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi homenageada com o título de patrona da Cadeira 03, que foi ocupada pela acadêmica Clemilde Torres Pereira da Silva.

No território político, candidatou-se ao cargo de vereadora no município de João Pessoa, em meados do ano de 1951. Apesar dos seus esforços históricos pelo sufrágio universal, não logrou êxito no processo eleitoral, conforme comenta Mello, (2001, p. 501):

Entre os pequenos partidos, o PSB e o PR, este apresentando como candidata a professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, filha do barão do Abiahy e remanescente do feminismo de 30 [...].

Para entender melhor esse momento crucial de sua trajetória, ou seja, a sua candidatura à vereadora, seu ex-aluno Oswaldo Trigueiro do Vale rememora:



[...] ela era solteira, já tinha certa idade mais de 60 anos, mas mantinha muita liderança e muito querida em muitos locais e falava muito etc. Tanto é que nos lançamos no terceiro ano no Liceu ela como candidata à vereadora, e fomos em passeata até a casa dela. E lá, tivemos um discurso dela agradecendo [...] Estou dando essa informação para mostrar a ligação extraclasse muito forte que os alunos mantinham com ela, pela amabilidade, pela loquacidade dela, [...] ela falava bastante e ela se expressava muito bem. Então se criou um liame, uma ligação, uma simbiose entre os alunos e a professora que deve ser muito importante em termo de transmissão do saber (OSWALDO TRIGUEIRO DO VALE, entrevista concedida em: 08/04/ 2009).

Como podemos perceber no depoimento acima, diferente da maioria das mulheres de sua época que tinha o comportamento social e político passivo, Olivina Olívia Carneiro da Cunha era ativa, politizada e assumia o papel de protagonista e construtora da história e da história do seu estado. E porque não dizer do país, já que também esteve presente em movimentos em nível nacional.

Não queremos dizer diante o exposto, que estamos tratando nesse trabalho de uma “super-educadora”, parafraseando a epígrafe citada no início desse subcapítulo, mas, a partir das análises das fontes, podemos afirmar que Olivina Olívia Carneiro da Cunha demonstrou ser um personagem de múltiplas atividades, em diferentes âmbitos da sociedade paraibana, atuação que resultou consideráveis contribuições, em particular, os 56 anos dedicados ao magistério.

2.3 Uma mulher entre letras e papéis

Na passagem entre os séculos XIX e XX no Brasil, algumas mulheres arriscam-se num território que ainda lhes era estranho: o da escrita. Não a escrita comum, mas aquela que publicamente pratica lugares antes interditados ao feminino, a da palavra imprensa (SILVA, 2010, p. 89).



A epígrafe acima nos fala das sutilezas das mulheres para conseguirem penetrar em espaços tradicionalmente ocupados pela figura masculina, adotando, especificamente, a palavra como meio eficaz de se fazer presente nas páginas da imprensa; dando intensidade às percepções dos gêneros, singularizando, ainda que fugidamente, as imagens e expressões daquelas que experimentavam sair taticamente do anonimato que se destinava ao feminino.

Para Perrot (1998), as mulheres foram adquirindo influência nas redes de poder dominadas pelos homens, primeiro, pela correspondência, depois pela literatura e, por fim, pela imprensa. Nesse viés, escrever, para estas mulheres, era “escrever-se e inscrever-se” (PERROT apud SILVA, 2010, p. 89).

Contudo, essa abertura da imprensa trabalhava no sentido de corroborar com as principais instituições sociais responsáveis pelo código de comportamento das pessoas, a Igreja e o Estado (NUNES, 2006, p.122). Era uma das estratégias da sociedade desviar a atenção das mulheres da luta por seus direitos, oportunizando que as mesmas publicassem em jornais e revistas, porém, discorrendo sobre assuntos que não interferissem nos valores e os bons costumes. As mulheres que tinham uma postura diferente do padrão eram rotuladas de frustradas, mal amadas, feias e vingativas dentre outros termos pejorativos. Também eram alvos pela imprensa de comentários maldosos e charges com imagens grotescas, como comenta Soihet (2000, p.109, apud NUNES, 2006, p. 122):

Na imprensa a situação não se afigurava mais favorável ao feminismo. Ao logo do tempo, este vinha sendo objeto de grosseiras caricaturas em crônicas e *Charges*, nas quais se buscava passar a mensagem do terror e do grotesco que representaria a participação das mulheres em esferas consideradas próprias dos homens.

No cenário paraibano não era diferente, revela-se uma sociedade também eivada de preconceitos e resistências às mudanças empreendidas pelo feminino. Contudo, algumas mulheres aproveitaram o espaço permitido para discutir questões relacionadas à cultura letrada intelectual e educacional:



Na Parahyba dos anos vinte, mas que no cinema, a “astúcia” feminina ganha contornos nítidos nas páginas da imprensa. [...] Textos escritos por mulheres, fotos femininas, publicidade que a elas se dirigem como consumidoras certas e atentas, assuntos que, estando na ordem do dia não passam imunes às considerações sobre o feminino. Percebemos que, pouco a pouco, o tom de algo que faz parte da intimidade, que muitas vezes envolve o texto ou o silêncio em volta das mulheres, vai se desgastando. O feminino eclode e traz à tona para a imprensa as conversas de bastidores sobre intimidade e, mais ainda, sobre o amor e a sensualidade [...] As discussões sobre a educação e profissionalização das mulheres são as questões que mais frequentemente aparecem na imprensa parahybana dos anos vinte (SILVA, 2000, p. 29-31).

Dentre as intelectuais estava Olivina Olívia Carneiro da Cunha, que começou a publicar na coluna intitulada *Página Feminina*, do Jornal A União²³, criada no ano de 1933, especialmente para o público feminino, tendo como objetivo preliminar socializar textos de autoria feminina e manifestações culturais locais.

Olivina Olívia Carneiro da Cunha que escrevia com frequência poesias, crônicas e artigos sobre educação, feminismo, religião e a prática da caridade, falava da nossa fauna e flora e também discorria sobre homenagens a intelectuais paraibanos, dentre outras temáticas. De acordo com Fragoso (2011), em sua dissertação *Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino: contribuições educacionais para a mulher paraibana (1933 a 1939)*, a citada educadora publicou nesse espaço cerca de 50 artigos, o que demonstra o seu envolvimento intelectual pela causa de cunho feminista.

Em nossas pesquisas nos acervos do IHGP e FUNESC conseguimos localizar inúmeras poesias e artigos de autoria da educadora, alguns publicados na Revista Ilustrada *Era Nova*, criada em 27 de março de 1921, fundada por Severino Lucena, “revista de excelente feição gráfica e editorial” (MELLO, 2000, p. 169), sendo publicada quinzenalmente e circulando até 30 de dezembro de 1925. Também localizamos diversas

²³ O Jornal **A União**, foi fundado em 2 de fevereiro de 1893, pelo presidente da província Álvaro Machado, administrador da Paraíba, conduzido ao cargo pelo presidente da República Floriano Peixoto. Considerado dos jornais publicados atualmente no estado da Paraíba, o mais antigo, tendo 119 anos.



publicações na revista *Manaíra* fundada por Wilson Madrugá e Alberto Diniz em 1939, que teve boa aceitação por parte do público leitor pela variedade de temáticas tratadas em seus artigos. Os idealizadores dessas revistas buscavam contribuir com o movimento literário paraibano, abrindo assim um espaço para a publicação de crônica literária, moda, artes plásticas, anúncios, ficção e poesia.



Figura 20: Olivina Olívia Carneiro da Cunha e Ofélia Lucena Osias.
Fonte: REVISTA MANAÍRA, fevereiro e março, 1944.

A fotografia acima, por exemplo, retrata a educadora em um momento de contato intelectual, juntamente com a amiga e poeta Ofélia Lucena Osias, na redação da *Revista Manaíra*. Vale salientar que ambas foram colaboradoras da revista e estiveram envolvidas com o projeto cultural de uma época. Sobre essa questão reforça Buitoni:

[...], a imprensa feminista no Brasil, as primeiras publicações, ainda no início do século XIX, tinham como tema quase exclusivo a moda. Entretanto, logo apareceram revistas que falavam de política, literatura e cultura em geral, além de culinária e moda (BUITONI apud PINTO, 2003, p.3).



Dentre as poesias de Olivina Olívia Carneiro da Cunha destacamos a intitulada: *Nordéste*, publicada na revista *Manaíra* (1944, p.6) que retrata a beleza da região nordestina, descrevendo sua flora e fauna.

A' luz do sol, as fôlhas brunas,
Crepitando no seco matagal,
Caem de leve. E o canto das graúnas
Junta-se á voz dolente do zagal.

Areias abrasadas formam dunas,
E as abelhas, num séqüito feral,
Passam, velozes, quais áureas escunas
Lavadas por dragão medieval!...

No galho do pau darco sopra o vento,
Que ardente vai quemar tôda a pastagem,
Sem que ao gado lhe fique outro alimento...

E a terra a consumir dos bravos filhos
As gôtas de suor-seiva-que espagem
Quando lavram o campo, em duras trilhas!!!

Em sua tese de doutorado, Sales (2005, p. 237) comenta que além da escritora descrever as belezas naturais de sua terra, também tem a preocupação de escrever em suas poesias sobre os sujeitos excluídos da historiografia paraibana, a exemplo da figura feminina da mulher indígena, como podemos ler no poema *Canto a Manaíra*:

Canta à Manaíra
Selvas absconsas e emaranhas
Desperta Manaíra,
A selvagem de tez venusta,
Que empresta encanto à região
Adusta,
Onde sua tribo valente travou combate
E se firmou altiva.
(CUNHA, s/d).



Ainda em consonância com as análises de Sales (2005), é perceptível nas poesias de Olivina Olívia Carneiro da Cunha a articulação entre cognição e afetividade, falando de sentimentos como: tristeza, dor, saudade, esperança, amor. Mostrando um espírito sensível. Assim, descrito na poesia “Coração de Mulher”, publicada em seu livro *Migalhas de Inspiração* (s/d):

“Coração de mulher, como és profundo”;
Quem o disse, um dia, não pensou entanto,
Ter traduzido certo, neste mundo,
A verdade mais pura...!!! Saber quanto

Sofrendo, êle aparenta, algo profundo,
As dores que calcando o triste pranto,
Deixam florir no lábio, oriundo
Riso da indiferença e doce encanto!

Mas a mulher tem o dom de suportar
Tôda a mágoa que enfrenta, com coragem,
Mesmo a sentir, no peito, algo a queimar...

E, se alguém devassar o seu segrêdo,
Ela, com arte desvia esta sondagem
E o semblante se mostra, sempre, ledó!!
(CUNHA, s/d, p. 86).

No poema acima evidenciamos que Olivina Olívia Carneiro da Cunha expõe através da sua sensibilidade, o espírito imposto à mulher pela sociedade da época. Em sua leitura de mundo, cabia à mulher suportar todas as dores e sofrimentos, sem com isso, desvencilhar-se do sorriso, do semblante alegre. Ou seja, a mulher deveria sublimar condições adversas, consolidando assim, a almejada submissão social feminina.

Como intelectual do seu tempo Olivina Olívia Carneiro da Cunha, amante da poesia e da literatura brasileira, tinha grande admiração por escritores como Camões, Alexandre Herculano, entre outros. No poema “O poeta do tamarindo”, expressa sua homenagem ao poeta e escritor paraibano *Augusto dos Anjos*, reconhecendo o valor estético e a



popularidade das seus escritos denominado pelos estudiosos dos seus trabalhos, como de caráter áspero e de excessiva dicotomia.

Résteas de luz
Coam pelo tamarindo em flor...
Há um silêncio místico
Naquele recanto de suavidade e poesia...
Pasma o olhar do esteta
Ao cair de leve, na herma
Que, alí, nos faz lembrar
O maior poeta!
O ciclar da brisa, passando
Pelo bambual vizinho,
Vai levar, bem longe, esta mensagem
Tão farta de carinho.

A alma do artista confrange-se e estremece,
E, naquele parque onde silente
O pau d'arco altaneiro impera,
Há um contraste na orgia da luz
E no recolhimento da prece!...
E os silfos que rondam
Aquele natureza
A disputar, na magia do arrebol,
Todo o encanto que esta hora empresta,

Dansam ao som de sistros e de banjos
Com as corolas fanadas pelo sol:
Uma apoteóse para encerrar a festa
Da arte
Com que os nordestinos poetas
Vêm exaltar o vate alcandorado
O aedo mortal – Augusto dos Anjos!

No que se refere à temática educacional, é perceptível em suas publicações a discussão de temas atualizados, ou seja, a educadora procurava estar sempre atenta aos assuntos que estavam sendo discutidos no cenário nacional. Podemos citar como exemplo o ano de 1934, onde os brasileiros vivenciavam o processo de implementação da nova Constituição²⁴, que estabelecia a educação em seu artigo 148, como um direito adquirido

²⁴ **Constituição Brasileira de 1934.**

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Constitui%C3%A7%C3%A3o_brasileira_de_1934>
Acesso em: 20/12/2011.



por todos e um dever tanto do Estado como das demais instituições governamentais, junto com a família, em coeducação. Para expor sua opinião e suscitar novas discussões sobre o assunto Olivina Olívia Carneiro da Cunha escreveu um artigo, que foi publicado no *Anuario Parahybano* de 1935, intitulado: “Obrigatoriedade do Ensino” (ver Anexo H).

[...] A obrigatoriedade do ensino foi sempre um thema que me levou a fortes discussões [...] Educadora ha muitos annos, tenho visto passar uma geração escolar, sem comprehender porque nós, brasileiros, não podemos dar um combate renhido e decisivo ao analphabetismo [...] O Brasil tão vasto, tão propicio aos grandes empreendimentos, na exuberancia do seu sólo e na tenacidade de seus filhos, não encontrará um auxilio indigente para livrar-se dessa flagello que o acoita implacável? [...] A obrigatoriedade do ensino é o sustentaculo que se faz mister para impedir a leva de brasileiros analphabetos, entravando o nosso progresso moral, intellectul e material [...] E depois... o espírito alçarã o vôo, indo pairar no festigio de gloria (CUNHA, 1935, p.55).

Através da narrativa acima, é possível identificar sua luta em favor da educação e a relevância dada a mesma pela educadora, fato que também está presente em suas poesias como é observável na poesia *Saudações*, dedicadas às Normalistas pernambucanas.

Aos beijos das mimosas cotovias,
Madrugadoras das manhãs mais frias,
Na tenda do saber,
Entregamos as faces requeimadas
Pelo calor da luta, e já crestadas
Na forja do dever!

Saudemos as briosas Normalistas
Que estendem para além as suas vistas
Vêm da terra dos feitos dos Palmares,
Ao som do clarim que vibrando aos ares,
As levará à história!

No píncaro dos Andes, o condor
Abre as asas diante do esplendor,
Da grandeza do céu,
E alteia-se despido de vaidade...



Assim é o coração da mocidade
Vencendo sem labéu!

Nossa terra – encanto do Nordeste –
Hoje sorri, e de galas se reveste
Para albergar as filhas
Dessa gleba, tão farta de conquistas.

Representada por vós, oh! Normalistas,
Que seguís áureas trilhas...

Seja nossa alegria a saudação
Mais sincera de nossa coração,
Repleto de carinho...

- Aqui, tendas abrigo para os gênios
Que seguirão convosco por milênios,
Aclarando o caminho!!!...
(CUNHA, p. 56, s/d.)

No artigo publicado no *Jornal A União* intitulado *Um livro de estatística*, Olivina Olívia Carneiro da Cunha fala sobre o lançamento da obra clássica “Evolução do Ensino na Parahyba” do educador e historiador José Mello, faz alguns elogios sobre o trabalho cuidadoso, a organização e a qualidade que o autor desenvolveu o livro.

“Evolução do Ensino na Parahyba” é um livro que nos vem afirmar o progresso que a nossa terra há feito até hoje, em matéria de instrução. Trabalho cuidadoso e que salienta as qualidades do autor, exigidas para a bôa organização de estatísticas escolares.

Enumera com precisão, desde o período colonial, até o momento presente, as cifras que nos podem dar uma idéa do que tem sido a evolução do ensino em nossa gleba.

Já se fazia mister o conhecimento perfeito da nossa história educacional, e assim, o professor José Mello enriquece a nossa literata pedagogica com um trabalho que eleva o seu nome entre o professorado parahybano.

[...]

Todo aquelle que ler desapaixonadamente o livro de José de Mello não poderá negar o seu valor, a sua, utilidade.

No campo da instrução se debatem muitas vezes inimigos acerrimos mas de iguaes valores, e por isso é que não têm colhido, de certo modo, os louros que merecem, os intemeratos soldados que se arregimentam sob a bandeira aurifulgente da educação popular.



Nossa terra está de parabens com a publicação dessa obra valiosa que reputo uma nova conquista para o magistério da Parahyba. (JORNAL A UNIÃO, domingo, 10 de janeiro de 1937, p. 08).

Além dos temas já trazidos, e sua dedicação à poesia, Olivina Olívia Carneiro da Cunha também publicou diversos artigos de cunho históricos, tais como: Associações de Outrora (1946), Curemas (1948), As nossas praias e a História (1953), Origem e Evolução da Igreja Bom Jesus (1958), A fundação do Liceu Paraibano (1961), Comendador Joaquim Manoel Carneiro da Cunha (1968); divulgados em revistas e jornais de circulação no período. A educadora, ainda escreveu três livros: *Pérolas esparsas*, *Migalhas de inspiração* (ver anexo 2) e *Paisagem de minha terra*. Guardava especial lembrança pela obra *Barão do Abiaí*, em 1940, já citado em nosso trabalho. Dos livros publicados, tivemos contatos e analisamos dois deles: *Migalhas de Inspiração(s/d)* e *Barão do Abiahy(1940)*.

No prefácio da obra *Migalhas de Inspiração (s/d)*, Álvaro de Carvalho descreve a relevância do seu conteúdo que, segundo o intelectual, a autora Olivina Olívia Carneiro da Cunha constrói de forma espontânea e sensível, conduzindo o leitor aos diversos cenários exóticos repletos de comoções.

[...] Lendo, porém, “*Migalhas de Inspiração*”, a gente sente que a autora é um espírito europeu, meio cosmopolita, exilado da tropicalidade da nossa natureza. A cada passo percebe-se a saudade de paisagem remota e talvez não vista [...] Aqui e ali, um “*Sonho do Oriente*”, a “*Voz do Horto*”, “*A Lenda de Philoë*”, coisas da galiléia, pedaços do Egito distante. Mais adiante, “*Flor de Neve*”, paisagem alpina; “*Helicon*” e “*Hiadas*”, recordação da Grécia antiga; “*Confissões do Danubio*” e até um “*Sol de Meia Noite*”, visão polar, com icebergs, baleias e águas glaciais. Em “*Cantos de Amor*”, há calhandras e nardos, estuar de vida primaveril, em Maio. [...] Leiam-na, com simpatia, e verão. E’ inútil dizer mais, mesmo porque, na chamada democracia do pensamento, as eleições são diretas; só os eleitos das maiorias vingam as culminâncias da glória (CARVALHO, s/a, p. 10).

O livro o *Barão do Abiahy (1940)* foi escrito com a perspectiva de rememorar e homenagear o pai, destacando a sua importância para a história da Paraíba e do nordeste



brasileiro. Como expressa o jornalista Luiz Pinto na ocasião do lançamento da obra no *Jornal a Imprensa* (ver Anexo I):

A educadora paraibana, d. Olivina Olívia Carneiro da Cunha, por nímia gentileza, acaba de entregar-me, pessoalmente, com dedicatória um exemplar do seu livro recém saído da “União Editora”, em que traça o perfil biográfico do seu venerado pai, o Barão do Abiai.

Esse trabalho da escritora conterrânea não deve ser apreciado nem como obra de arte, requintada e pançuzada pelos requebros de um estilo felpudo, que é a característica de um mundo tódo, de um mundo inteiro de nossos publicistas, nem também como punhado de elementos biográficos soltos ao léo, sem nenhuma filiação literária, sem nenhuma rota histórica, sem nenhuma base cultural.

Simple como uma obra didática bem elaborada, claro e sintético, resumido demais na sua conceituação, avaro quanto á adjectivação, “Barão do Abiai” não é uma ruma de conquistas enfardoladas, um enxameio de episódios sem cadência, desordenados, mas um conjunto de fatos bem dispostos, bem apontados, bem distribuídos, em que a autora tem o critério de alumeá-los como a candeia insuspeita da documentação.

A vida de Silvino Elvídio está bem contada por sua filha. O prefulgir da sua caminhada na vida publica, o seu traço de superioridade na politica, não se chafurdando nos conluios empretecedôres, mas sopesando as suas responsabilidades publicas e impondo a sua diretriz proprias aos postos a cuja frente fora colocado, esse paraibano se nos afigura um dos varôse que a historia da Paraíba registra e anota[...] (CUNHA, 18 de Setembro de 1940, p.03).

Vale ressaltar que a referida educadora pouco conviveu com o pai, tendo enfrentado a orfandade paterna ainda na infância. Contudo, segundo a própria Olivina Olívia Carneiro da Cunha relata a seguir, era um compromisso pessoal que tinha feito de deixar registrada sua memória.

Mas os anos decorreram e assumi um compromisso tácito de escrever a sua biografia, para que o seu nome passasse á história de sua terra natal e á qual êle serviu com amor e devotamento excepcionais. Talvez muitas pessôas vejam nesta minha obra um sinal de vaidade; não [...] E’ apenas o espirito de uma filha que, lapidado com o esmeril do trabalho e unguido como óleo da perseverança, vem prestar u’a homenagem sincera áquêle que legou á sua família um tesouro de raras excelsas virtudes e a sua terra



um exemplo honestidade, de civismo e dedicação ao trabalho [...] Há muito amor no coração de uma filha, é certo; mas não me deixarei levar por este sentimento sublime. Aqui, ficará em traços biográficos, a sua história um paraibano que dedicou a sua vida quasi inteiramente, ao engrandecimento de seu berço natal (CUNHA, 1940, p.10).

De uma maneira geral, os escritos de Olivina Olívia Carneiro da Cunha discorrem sobre acontecimentos aparentemente insignificantes e corriqueiros, com estilo leve e simples, enfatizando a mulher, a criança, os mendigos, os indígenas dentre outros sujeitos, uma composição de personagens, acontecimentos, memória. Todavia, são reveladores de comportamentos, tradições e mentalidades de uma época, possibilitando assim, articular o tempo de uma cultura letrada intelectual e educacional. Valendo salientar que as escritoras do passado, a exemplo de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, adornavam seus escritos com estratégias sutis para influenciar aqueles a sua volta, conquistando passo a passo, seu espaço na literatura e sociedade.

2.4 – Uma feminista comportada e de carteirinha

Não se podiam implantar valores novos sem que os antigos fossem questionados. Não se podia penetrar e um mundo de dominação masculina sem reassumi-lo para que fosse modificado. Era necessário deixar um pouco de lados os alfinetes e os bordados que impregnavam a vida feminina e tentar tecer outros rendados históricos em busca de certos ideais (SIQUEIRA, 1995, p. 34).

A década de 1920 assinala um período de muita ebulição no que se refere à insatisfação manifestada em vários setores da sociedade brasileira devido a questões de cunho político, econômico e, também, no comportamento, nas ideias e nos valores. A tentativa de soluções para tais problemas induziu o esforço da intelectualidade, no sentido de dar um novo caráter ao país, buscando integrar as diversidades. Todos esses acontecimentos culminaram em diversos movimentos como: o tenentismo, a fundação do



Partido Comunista, a semana de arte moderna e ampliação do movimento feminista que intencionava o reconhecimento dos direitos da mulher pelo sufrágio universal.

O cenário paraibano dessa década não foi diferente, iniciou-se a preocupação com o ideário do progresso, modernizando os espaços urbanos, ampliando os parques industriais e diversificando as atividades comerciais locais, partidos políticos, imprensa escrita, agremiações literárias alterando-se assim, os comportamentos e influenciando nas assimilações de outros hábitos (BARRETO, 1996).

Dessa forma foi se consolidando a crescente condição de emancipação da mulher. Ou seja, as mulheres buscavam ampliar no espaço público os direitos, historicamente, negados na sociedade patriarcal, a exemplo da educação e participação de cidadania (NUNES, 2006, p. 120). No primeiro momento, apenas as poucas mulheres intelectualmente preparadas levantaram a bandeira em prol destes direitos. Sobre essa questão, ressalta Pinto (2003, p.14):

[...] O feminismo daquele período esteve intimamente associado a personalidades. Mesmo quando apresentou algum grau de organização, esta derivava do esforço pessoal de alguma mulher que, por sua excepcionalidade, na maioria das vezes intelectual, rompia com os papéis para ela estabelecidos e se colocava no mundo público na defesa de novos direitos para as mulheres.

Dentre as mulheres intelectualmente preparadas estava a educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, erguendo a bandeira dos direitos das mulheres nos primeiros anos das décadas de 1930. Destacamos o seu pioneirismo embasados nas análises de alguns artigos catalogados no jornal “A União” nos anos de 1933, 1934, 1936 e 1937, atestando as suas intervenções na fundação da Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino APPF, consolidada em 11 de março de 1933 na Paraíba, tendo as educadoras Lylia Guedes, na condição de presidente e *Olivina Olivia Carneiro da Cunha*, como Vice-presidente, sob a orientação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino FBPF fundada por Bertha Lutz, em 1922. Sobre esse momento singular, o Jornal A União informava:



Tenho a honra de comunicar-vos que a Associação Parahybana pelo Progresso Feminino, fundada por iniciativa da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e installada nesta capital em 11 de março do corrente anno, acaba de elleger, em assembléia geral, um Directorio Central que regerá os destinos da associação no biennio social a terminar em março de 1935, o qual ficou assim organizado: Dra. Lyliá Guedes, presidente; *Olivina Carneiro da Cunha*, vice-presidente; Alice de Azevêdo Monteiro, secretaria; Juanita Borel Machado, 1.^a oradora; dra. Catharina Moura Amstein, 2.^a oradora; Francisca de Ascenção Cunha, thesoureira; Analice Caldas de Barros, bibliothecaria; dra. Albertina Correia Lima, consultora jurídica; Maria Alice Furtado, enc. do serviço de estatística e apontamentos diversos; Dulce P. de Figueirêdo, enc. da tesouraria dos Nucleos; Maria Camerina Bezerra, organizadora do museu de geografia e historia pátria.

A secretaria, a thesoureira e a bibliothecaria escolheram para suas auxiliares como 2.^a secretaria, 2.^a thesoureira e 2.^a bibliothecaria as consocias Ignez Mariz Meira, Ergida Leal Lemos e Hilda de Hollanda Cavalcanti, respectivamente. [...] (JORNAL A UNIÃO, 22 de Junho de 1933, p.3).

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino manteve a estratégia de orientação das diversas associações criadas nos estados da federação. Essa relação propiciava uma comunicação sobre os acontecimentos e avanços que ocorriam em cada região, atualizando-as das questões nacionais relativas ao ensino público, à educação doméstica, ao ensino primário, profissional e comercial, enfim, o magistério e o acesso aos ensinos secundário e superior.

A APPF, em consonância com o espírito de lutas da época, reivindicava os mesmos direitos às mulheres paraibanas, na perspectiva de assegurá-los na Constituição de 1934. Segundo Araújo (2003), em sua obra *O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política*, o Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, regulamentava o alistamento e o processo eleitoral no país, nos âmbitos federal, estadual e municipal, trazendo à baila uma série de inovações, dentre as quais, destacava-se o estabelecimento do sufrágio universal e secreto. Contudo essas reivindicações não eram



bem vistas por alguns intelectuais e setores conservadores, como ressalva Soihet (2000, p. 100):

Autoridade, políticos em geral, juristas negam-se a considerar positivamente as pretensões de autonomia feminina. Respaldam-se na ciência da época, sinônimo, naquele momento, de verdade absoluta. Apelando para tais convicções e para os prejuízos acarretados à família, já que este era visto como o seu espaço prioritário, buscam limitar as mulheres nas suas ações, desejos e emoções, naturalizando determinações histórica e socialmente estabelecidas.

Para os intelectuais de viés conservador, a aprovação do novo código que ampliava o corpo político da nação, trazia, certamente, prejuízos às tradições históricas dos pais e, em particular à família, na medida que concedia o direito à cidadania eleitoral a todos os brasileiros maiores de vinte e um anos, alfabetizados e sem distinção de sexo. (WOOLF, 1996 apud SILVA, 2010, p. 90).

Nesse ínterim, Olivina Olívia Carneiro da Cunha era uma das representantes da FBPF, através da APPF, bem como, no interior da União Universitária Feminina e do Núcleo de “Cultura da Língua Materna”, demonstrando assim, o seu engajamento nas causas sociais e políticas de sua época, como podemos observar através da matéria publicada na *Página Feminina do Jornal a União* de 1934.

Realizar-se-à, amanhã, das 19 às 20 horas, no salão nobre da Escola Normal a sessão literária mensal do nucleo de “Cultura da Língua Materna”, dessa associação. A reunião será presidida pela diretora do referido nucleo, professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Estão inscritas 5 associadas para numeros de prosa e outras 5 para versos. A presidente encarece, por intermedio desta folha, o comparecimento de todas as associadas. A’s 20 horas da mesma noite a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino recepcionará em sessão solene os academicos da Embaixada Universitaria carioca, portadores de uma mensagem da Dra. Carmen Portinho Lutz, presidente da “União Universitaria Feminina” e distinguido membro da Federação Brasileira pelo



Progresso Feminino á Dra Lilia Guedes representante da U. U. F. neste Estado e á Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (JORNAL A UNIÃO, 10 de Julho de 1934, p.1).

No que se refere ao movimento “A União Universitária Feminina” foi criado em 13 de Janeiro de 1929, na casa da Engenheira Carmem Portinho²⁵ no Rio de Janeiro, cujo interesse era incentivar e ajudar as mulheres que se formavam, tendo também a participação de Bertha Lutz. A estratégia do UUF era sempre que uma mulher fosse aprovada na seleção de alguma universidade, dado o fato histórico, seria recepcionada com o “chá das calouras” que as convidava para filiar-se à associação, como indicava a fala da citada engenheira:

[...] resolvemos fundar a União Universitária Feminina, para incentivar e ajudar as mulheres que se formavam. A associação foi fundada em 13 de janeiro de 1929, na minha casa, e de seu início participou também a Berta Lutz. Estavam presentes: Maria Esther Ramalho, Sylvia Vaccani, Natércia Silveira, Ormindá Bastos, Luiza e Amélia Sapienza, além de outras mulheres que agora não recorro o nome. Nós tínhamos a seguinte estratégia: sempre que uma mulher passava no exame para a universidade — em medicina, direito, engenharia ou qualquer outra área — procurávamos por ela e lhe oferecíamos o "Chá das calouras", aliciando-a para a associação. (PORTINHO, 1995)

Assim, as feministas organizavam-se através da União Universitária Feminina para alcançar um dos intuitos da luta feminista no Brasil e no cenário mundial, qual seja: o acesso à educação, pois, por muito tempo foram impedidas de se expressarem publicamente, devido ao conservadorismo patriarcal predominante que delegava apenas aos homens a condição de sujeitos da cultura do engajamento da escrita, condição que começava a ter fissuras a partir dos primeiros anos do século XX, com a inserção feminina

²⁵ Carmem Portinho foi a terceira mulher a se formar engenheira civil na Escola Politécnica da antiga Universidade do Brasil. Engajou-se em duas frentes de luta: a conquista dos direitos civis e políticos e a do reconhecimento profissional para as mulheres.



na literatura e na poesia, expressando ideias e opiniões sobre a sociedade, mesmo que ainda restrito às mulheres da elite.

A revista *Brasil Feminino* acentua o começo dessa mudança, pois, encontrou eco no apoio dos assinantes, em maior parte mulheres, colaboradoras intelectuais que contribuíram para um novo ideal de evolução social. A citada revista também propiciou um intercâmbio com os países estrangeiros, principalmente, a Europa, que influenciou os movimentos feministas na América do Sul e, conseqüentemente, no Brasil. “O movimento sufragista se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, construindo a primeira vaga de feminismo organizado no mundo”. (PINTO, 2003, p. 13).

Na Paraíba algumas mulheres como Olivina Olivia Carneiro da Cunha, Albertina Correia Lima, Analice Caldas, Catharina Moura Amsteim, Lylia Guedes, Alice de Azevedo Monteiro, Juanita Machado, dentre outras, seguindo os passos dessas lutas na sociedade, começaram a conquistar espaços na imprensa, através da publicação de artigos e poesias publicadas na Página Feminina do *Jornal A União e diversas revistas já citadas*, como registra Araújo, no livro *Paraíba: imprensa e vida*, ao rememorar a história da imprensa local:

Um domingo aparece o suplemento dirigido pela Associação Paraíba pelo Progresso Feminino, liga em prol do feminismo, que existia em João Pessoa. Aí colaboram: Olivina Olívia Carneiro da Cunha, Iracema Feijó, Santinha de Sá, Marina de Abreu, Adília de Albuquerque Moraes, Lylia Guedes, Alice Monteiro, Eudésia Vieira, Analice Caldas e outras (ARAÚJO, 1986, p. 261).

Vale salientar que algumas mulheres que ousavam expor o pensamento em favor da luta feminina por seus direitos não eram bem vistas pela sociedade e até mesmo, por outras intelectuais que não hipotecavam solidariedade à causa do direito ao voto. É o que podemos observar no texto da professora Eudésia Vieira, citado por José Joffily (1980, p.4), publicado na revista *Era Nova*:



Temos a sufragista. É sempre uma revoltada que procura abafar seus padecimentos querendo não ser a companheira do homem, mas rival ou mesmo sua antagonista. Merece também compaixão. Foi a infelicidade que a impeliu à extravagância de proceder para destarte sufocar o sentimento latente.

Apesar disso, algumas mulheres, tal como as borboletas, começavam a sair do casulo da submissão e da omissão, assumindo, de forma pública, a luta pelos seus históricos direitos. De acordo com Pinto (2003), podemos afirmar que esse período demarcado por lutas das mulheres, é identificado por um feminismo comportado. Decorrente de uma primeira onda feminista, organizada no Brasil, a partir da década de 1920, tendo como líder Bertha Lutz, cujo movimento ganhou dimensão nacional. Na Paraíba, cabe o destaque às educadoras Lylia Guedes, Olivina Olivia Carneiro da Cunha, Alice de Azevedo Monteiro, Analice Caldas e outras, que estavam sempre unidas na luta pela causa feminista. Como podemos comprovar na publicação do Jornal A União de 1937, a homenagem realizada pelas companheiras e amigas feministas no aniversário de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, destacando-a como “uma das mais belas expressões de inteligência e cultura feministas do norte do país”.



Figura 21: O Natalício de Olivina Olívia Carneiro da Cunha.
Fonte: JORNAL A UNIÃO, domingo, 25 jul-p.2,secção-n136.



A luta pela inclusão feminina se embasava na leitura de que a situação em que as mulheres se encontravam decorria da posição de poder exclusivo dos homens, haja vista que eram valorizadas apenas como esposas e donas de casa. Assim, cabia, às mulheres formarem táticas para decompor essa estrutura histórica e promover mudanças.

Na citação a seguir Olivina Olívia Carneiro da Cunha expõe táticas que deveriam ser usadas como pedras fundamentais de alicerce que sustentaria a obra do movimento, onde “as sacerdotisas (as mulheres) do bem” deveriam pregar a doutrina da ciência, do dever e da caridade.

Para inicio, fundamos os nucleos de brasilidade que servimos para alargar os conhecimentos das congregadas, tornando-as capazes de edificantes e admiraves conquistas no mundo literario e científico. A arte de dizer é uma outra feição de que reveste o nosso sodalicio. A palavra enfeita-se de gala para recepcionar a forma e o estilo e em breve se tornará maravilhosa e divina para convencer. Os jogos educativos, em nossa associação, ocupam lugar de destaque. Com o auxilio dos mesmos, exercitaremos a inteligencia, a atenção, o raciocínio, a reflexão e, sobretudo, desenvolveremos e fortificaremos o sentido muscular que é de importancia precípua em nossa vida um pedagogo conceituado, é uma escola de pensamento e de vontade. A matemática também é ensinada com verdadeiro interesse. Sabemos de quanto é imprescindível o curso para qualquer ramo de vida [...]. O calculo é o esteio fortissimo que nos ajudará a sair dos embaraços que porventura se nos antolhar. As prendas domesticas com fins utilitarios e econômicos, a musica, que auxilia e melhora o espirito elevando-o a gigantescas concepções são outros nucleos que nos prendem a atenção. Finalmente, avulta o mais nobre aquelle que resume um poema de beleza incomparável – o de beneficencia (CUNHA, 17 de agosto de 1933, p. 11).

Os artigos escritos por Olivina Olívia Carneiro da Cunha traduzem de certa forma as táticas de uma luta silenciosa e incansável das mulheres por seus direitos nas esferas política, social e educacional como podemos observar no artigo intitulado: “Pela Mulher”.



Já caducou o princípio: “A mulher é inferior ao homem”. Nesse ponto o poder de sugestão desapareceu. A mulher tem mesma capacidade de trabalho que o homem. Hoje, todos estão convencidos dessa verdade. A evolução, na sua marcha assombrosa, tem-lhe mostrado qual deve ser a ação no campo da luta igual por igual: Não mais esse grilhão que lhe tolhia os passos no caminho do progresso (CUNHA, 12 de dezembro de 1933, p.16).

Podemos dizer que a história de Olivina Olívia Carneiro da Cunha nos permite revisitar um período de luta feminina pela conquista de direitos educacionais, sociais e políticos, bem como, entender a sintonia das suas ideias com outras intelectuais da sua época, a exemplo da feminista Bertha Lutz.

Essas patrícias denodadas tendo á frente a figura de lutadora incansável que é Bertha Lutz têm feito verdadeiras conversões nas hostes contrárias, pela perseverança, pelo interesse constante, pela repetida acção de combate pacífico na defesa incondicional dos nossos direitos (CUNHA, 23 de Setembro de 1934, p.9).

Assim, enfatizamos o significado da presença da educadora e a exposição das suas ideias na imprensa da época, pois, como assinala Palmeira (1985), as suas contribuições para esses jornais e revistas locais se davam sempre de maneira a favorecer a mulher na defesa dos seus direitos de cidadania. “[...] Tenho o espírito independente e não me deixo levar pelo coração, apesar de ser mulher” (CUNHA, 1937, p. 08).

Como ressalva Perrot (2003), sobre a pertinência da categoria gênero na autoria dos seus escritos, as práticas intelectuais nos permitem visualizar diferenças, na medida em que a singularidade das experiências do universo feminino desenvolve visões de mundo, algumas vezes diferenciadas para o homem e a mulher.



2.5 “A morte não apaga uma existência, quando é esta preciosa, reacende-a”

A morte não apaga uma existência, quando é esta preciosa, reacende-a. É isto que acontece aos úteis, aos semeadores da idéias e aos verdadeiros cinzeladores da vida e que, segundo a bela expressão de Stäel, são contemporâneos do futuro (CUNHA, 1940).

A citação acima foi escrita por Olivina Olívia Carneiro da Cunha em seu livro “*Barão do Abiaí*” e faz referência ao seu pai; destacamos neste momento para estabelecer uma relação com a nossa própria condição de autora deste estudo, por compreender as suas contribuições intelectuais nas diferentes esferas da sociedade e que, portanto, não poderiam ser apagadas pelo silêncio do tempo.

Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi uma semeadora de ideias, certamente, uma mulher à frente do seu tempo e uma contemporânea do futuro. Podemos observar a sua importância através da repercussão da notícia de sua morte na imprensa paraibana em 12 de março de 1977, aos noventa e um anos de idade, na cidade de João Pessoa - PB. O Jornal *A União*, de 15 de março, noticiou o seu falecimento com as seguintes palavras:

Era orgulhosa da estirpe e quando não se estava muito para aulas cacetes, preenchidas com regras gramaticais, bastava perguntar pelo nome completo do pai ilustre. A resposta vinha afiada, pronta ‘na ponta da língua’ e daí em diante tinha-se aula de genealogia e de história. A biografia do barão era contada com riqueza de detalhes que uma filha tinha de possuir, até que a vigorosa sineta decretasse o fim do período que lhe cabia na classe. Nenhum favor se lhe fez em vida se foi dito que pertence à galeria dos bons catedráticos do Liceu Paraibano.

Um de seus ex-alunos, Celso Otávio Novaes, que frequentava as festas da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, ao tomar conhecimento do falecimento da educadora, produziu sob o impacto da emoção e da saudade a poesia: “*Professora Iluminada*”.



Que escondia o título de baronesa do Império.
E de quem se dizia com inveja haver dançado com o próprio Imperador.
Refaço no pensamento a tua figura esguia,
Os teus sapatos altos, o vestido solto, o rosto empoado,
Com dupla linha de imperceptível batom.
Tudo permanece asilado na lembrança,
Aquele cuidado, aquele zelo consigo mesma,
Querendo disfarçar a marca dos bens nascidos,
Muito embora preferisse levar uma nobre.
Do que ser apenas mais uma nobre na vida.
Será difícil por certo eu te levar pela mão.
Para te mostrar e te fazer conservar pela mão.
Para te mostrar e te fazer conservar outra vez,
Com os que têm hoje a idade que eu tinha naquele tempo.
Pensando bem, nem sei se gostarias mesmo desse encontro.
Com gente nova, de rostos diferentes, para frente,
Que se compraz em aprender Português em quadrinhos.
Prefiro te recordar subindo as escadarias,
Desfilando altaneira sobre o altar da língua pátria.
Livre e solta no espaço com gestos de bailarina,
Que agora sim, por graça de Deus, estará a dançar com os anjos”
(NOVAES, s/d apud PEREIRA, 2007, p. 146.).

Olivina Olívia Carneiro da Cunha foi sepultada, como era o seu desejo, no *Jazigo da Baronesa do Abiahy*, espaço que já abrigava os restos mortais da sua mãe e suas irmãs. O Jazigo foi construído no formato arquitetônico de um castelo lembrando a origem nobre dos *Carneiro da Cunha* como podemos observar nas imagens que se seguem:



Figura 22: Placa de bronze do Jazigo Perpétuo da Baronesa do Abiahy localizado no Cemitério da Boa Sentença em João Pessoa/PB.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Viviane Freitas da Silva, 2011.



Figura 23: Jazigo Perpétuo da Baroneza do Abiahy localizado no Cemitério da Boa Sentença em João Pessoa/PB.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Viviane Freitas da Silva, 2011.

Poucos meses após a sua morte, segundo informações obtidas junto a Secretaria Estadual de Educação do Estado da Paraíba, foi sugerido pelo Governo de Ivan Bichara Sobreira e oficializada pelo decreto nº 7.352 de 18 de Agosto de 1977(ver Anexo L) o nome como patronesse da Escola Estadual Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Todavia, passado alguns anos de sua morte, a sua memória foi sendo reduzida apenas ao nome da referida instituição escolar, haja vista que na mesma, dentre direção, professores e alunos, poucos conhecem o seu legado no cenário intelectual e educacional paraibano do século XX.



Figura 24: Escola Estadual Olivina Olívia Carneiro da Cunha
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Viviane Freitas da Silva, 2011.

Findamos nossas análises neste capítulo, corroborando com Fischer (2006, p.266), para quem:

Uma biografia – assim como a identidade – será sempre similar a um jogo de quebra cabeça, ao qual faltam algumas peças e, por mais que se queira dar um formato, nunca se chegará a completá-la integralmente.

Concordando com a citada autora, ao concluir este capítulo, tecemos um olhar sobre as fontes orais e escritas analisadas nos caminhos dessa construção biográfica de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Todavia, ainda faltam muitas peças para formar esse quebra-cabeça histórico, no sentido de uma aproximação, sem com isso pretender findá-lo integralmente.



CAPÍTULO 3

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA PROFESSORA OLIVINA OLÍVIA CARNEIRO DA CUNHA

3.1 Aspectos históricos da educação na Paraíba

A história da educação na Paraíba, como em outras partes do Brasil, deu-se inicialmente com os jesuítas, no período Colonial. Os eclesiásticos chegaram a Parahyba do Norte com sua missão pacificadora de proteção aos fracos e de formação espiritual, iniciando um trabalho apostólico, catequizando e civilizando os nativos e fundando núcleos de alfabetização.

Os primeiros ensaios de escolas aconteceram em meio às missões, “entre o domínio e o desespero do vencido” (MELLO, 1956, p.12). Conforme esse mesmo autor, os filhos de colonos e jovens índios mansos receberam nesses arremedos de escolas ou tendas do saber, rudimentos de leitura, cálculos e escrita e as indispensáveis lições de latim, rigorosamente observadas pelos padres da Companhia de Jesus.

Ainda segundo Mello (1956), o início da escolarização pública e não dirigida por religiosos, na Paraíba, que se tem referência, data do ano de 1766, quando o Mârques de Pombal criou, mediante a carta régia de 17 de abril do mesmo ano, uma cadeira de latim, só aprovada, no entanto, em 12 de novembro de 1783, pelo professor João Adolfo. A partir daí, começou a implementação do modelo de organização escolar, na Parahyba do Norte, que perdurou nos períodos colonial e imperial até as primeiras décadas da Republica Velha (PINHEIRO, 2002).

Em 15 de Outubro de 1827 por ordem do imperador D. Pedro II, foi sancionada a Lei de Criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos.



Art. I – Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão escolas de primeiras letras que fôrem necessárias.

Art. II – Os presidentes das Províncias, em Conselho, e com audiência das respectivas Camaras, enquanto não tiverem exercícios os Conselhos Gerais, marcarão o número e localidades das escolas, podendo extinguir as que existem em lugares pouco populosos e remover os Professores delas para as que se criarem, onde mais aproveitem, dando conta á Assembléia Geral, para afinal resolução.

Art. VI – Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de matemática, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, e os princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica apostólica romana, proporcionados á compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

Para Mello (1956, p.25), essa lei foi um grande passo para a construção consciente da nossa nacionalidade, “era a base segura em que repousaria melhor o futuro da nova pátria”. Assim, o ensino primário, até então livre, passaria ao governo geral que teria sob seu controle todo o movimento educacional do país.

No que se refere à educação secundária, as elites ligadas ao processo de independência política, que percebiam a instrução como chave para a difusão do progresso da nova e atrasada *Nação* que estava construindo os paraibanos, começaram a reclamar o estabelecimento de um curso secundário que os livrasse do incomodo de procurarem em outros centros. Sobre o assunto discute Ferronato (2012, p.39):

Na Cidade da Parahyba, naqueles anos, predominavam as aulas avulsas públicas do tempo do Brasil Colônia. Havia, portanto, a necessidade de se criar uma instituição de ensino secundário moderno, mas sobre o controle do Estado e que fornecesse à elite conservadora local uma formação secundária abrangente e distintiva, próprias para este grupo, que, no futuro, ao passar pelas Academias superiores, iria ocupar o mundo do governo imperial e provincial, de forma a garantir a sua hegemonia e a sua expansão.

Nesse viés, inspirada pelas construções iluministas, que circulavam o Brasil, a elite paraibana acreditava que era sua missão espalhar as luzes do conhecimento para que as



trevas da opressão e da ignorância fossem dispersas, contribuindo assim, para elevar o país ao mesmo nível das nações europeias. Deste modo, entre os anos de 1836 a 1884, foi criado o Liceu Paraibano com a finalidade escolarizar os filhos da alta sociedade paraibana preparando-os para os cursos superiores em especial os cursos de *Direito e Medicina*.

O Lyceu Provincial foi, dessa forma, idealizado para servir de referência na Província, inserido na tentativa do governo central de exercer a direção sobre o ensino secundário no país. Tentativa esta que, consideramos, no caso paraibano, foi vencedora, uma vez que nessa Província, [...] esse ramo de ensino continuou nas mãos oficiais durante todo o período imperial. Obviamente, não nos esquecemos aqui de outras questões que poderiam explicar essa predominância do ensino oficial na Província paraibana, como, por exemplo, a falta de recursos do setor privado para que pudesse se impor ao ensino oficial. No entanto, a nossa tese é de que o que tem predominância é o que envolve a precedência na Parahyba do Norte de um pacto liberal-conservador tradicional modernizador, na sua vertente local, uma vez que o Lyceu Provincial foi fundado já em 1836, portanto um ano antes do Colégio Imperial Pedro II, e a força da elite local atrelada à elite nacional, que tinha esse nível de ensino como importante para a conformação e para a construção do Estado Nacional. (FERRONATO, 2012, p.39).

Dando seguimento aos avanços do campo educacional na Paraíba, em 04 de outubro de 1948, o governador D. João Antônio de Vasconcelos compreendeu que era imprescindível à criação da primeira Diretoria de Instrução Pública sendo nomeado para dirigir o novo departamento o padre João do Rêgo Moura.

Com o desenvolvimento da Instrução houve a necessidade de uma reforma no seu aparelhamento, que foi feita pelo Regulamento de 11 de março de 1852, na tentativa de implantar orientações mais práticas ao ensino, adaptando-o às condições e necessidades dos alunos, especialmente em relação às escolas do interior. Sobre o propósito dessa reforma, discursou o Dr. João Capistrano:

“[...] a nossa população do interior, pelo gênero de vida a que se aplica, não considera a instrução primária como necessidade; não faz por isso, em geral, o menor sacrifício para obtê-la. Isto me leva a crer que não é a multiplicidade das escolas o que mais faz progredir a Instrução, mas certo



estado da sociedade em que as diversas profissões que constituem a vida e movimento industrial exigem como preparatório, esta habilitação preliminar, para que possa prosperar, habilitação que ao mesmo tempo dá àquele que a possui uma superioridade de vantagens que fazem reconhecer a todos praticamente, a utilidade da Instrução” (CAPISTRANO apud MELLO, 1956, 36).

Na administração Beaurepaire Rohan²⁶ foram estabelecidas as Escolas Industriais, considerando a necessidade de mão de obra qualificada para prestar serviço às indústrias. Já que o Brasil enfrentava um grande problema na esfera da manufatura, tendo que substituir o trabalho dos escravos pelo trabalho livre, sem quebrar sua produção. Dessa forma, as escolas ou colônias industriais passaram a serem inseridas paralelamente a importação de operários estrangeiros inteligentes para dirigirem as diversas oficinas, visando incentivar a qualificação dos nossos trabalhadores para uma melhor promoção da nossa economia. Para implantar na Província o ensino industrial, deu início a obra de fundação do Jardim Botânico em 1859, na intenção de realizar o projeto da escola de agricultura teórica e prática.

Dentre os esforços empreendidos, Beaurepaire Rohan, podemos citar a educação da mulher a qual impressionava seu espírito (MELLO, 1956, p.44). Fundando através da Lei Nº13, de 04 de novembro de 1858, o Colégio Nossa Senhora das Neves, tendo sua primeira instalação na residência do rico senhor de engenho Duarte Gomes da Silveira e sendo sua primeira professora D. Maria da Conceição Cabral. A finalidade da instituição era de promover a educação moral, religiosa e literária do sexo feminino (SANTOS, 2009, p. 48).

Para Mello (1956, p.44), é inegável o comprometimento e desempenho desse presidente, na tentativa de institucionalizar o ensino para mulheres paraibanas. Esse entusiasmo é expresso por Beaurepaire Rohan em seu discurso:

Nunca tive, durante toda a minha administração, um momento de tanta satisfação como àquele que vi realizado no pensamento da Assembleia Provincial em prol da educação do sexo feminino” e em outro momento quando menciona: “Hoje, possui a Paraíba, no Colégio Nossa Senhora das

²⁶ Foi presidente da Província da Parahyba do Norte, entre os anos de 1857-1859.



Neves, um estabelecimento que oferece aos pais de família os meios necessários para a conveniente instrução de suas filhas.

Nesse contexto, institucionalizou-se as raízes do campo educacional na Parahyba do Norte a exemplo da educação destinada às mulheres.

Durante a administração do Dr. Ambrósio Leitão da Cunha²⁷ foi autorizada através da Lei (n.º6, de 1 de Outubro de 1859), a criação da primeira Escola Profissional, que teve sua solenidade de inauguração no ano de 1866, pelo presidente Dr. Sinval Odorico de Moura, recebendo o nome de “Colégio dos Educandos de Artífices da Parahyba”. Essa escola profissional prometia muito êxito ao futuro dos jovens paraibanos inseridos no mundo profissional. Como afirma três anos depois da inauguração do Colégio o Presidente da Província no período Oliveira Lisbôa: “Ali são educados trinta e quatro meninos desvalidos a quem a Província está dando uma educação e meios de serem úteis a si e ao País, e que entregues à miséria serão maus cidadãos” (LISBÔA apud MELLO, 1956, p.46).

O Colégio dos Educandos de Artífices teve vida efêmera de apenas oito anos, não resistindo às dificuldades da época, foi extinto em 1874, sendo, entretanto, o primeiro ensaio de ensino profissional, deixando sua semente para realizações futuras.

O presidente Silvino Elvídio Carneiro da Cunha²⁸ (Barão do Abiahy) olhava com simpatia o ensino popular sugerindo a Assembleia medidas significativas para educação. Como podemos observar em um trecho da sua mensagem de 1874:

“E’ minha firme opinião que o ensino público do modo por que vai, não nos pode oferecer garantia de progresso, desenvolvimento; precisamos fazer-lhe profunda alteração. Entendo que a primeira é a seguinte: Ensino livre, instrução obrigatória.

[...]

Quem souber ensinar que ensine; quem quiser aprender que procure o seu melhor preceptor. O governo dê instrução pública, a que é obrigado, mas aprenda cada um onde quiser e com quem julgar mais apto.

²⁷ Foi Presidente da Província da Parahyba do Norte, entre os anos de 1859-1865.

²⁸ Governou a Província da Paraíba de 1869 a 1870.



[...]

Não seja o ensino obrigatório em toda Província, que demandaria uma grande despesa para a qual não está atualmente preparada, atenta á necessidade de criar escolas por toda parte; seja-o nas cidades, vilas e grandes povoados para aqueles que neles residem. Já é um bom ensaio a êste importante tentamen.

Além disso, como o não ignorais, a instrução coloca o Estado ou Província no dever de suprir de roupa e livros indispensáveis aos que não tem meios para isto.

Ainda um outro melhoramento indispensável. E' preciso preparar o pessoal docente. Para isto se torna necessário uma Escola Normal para cada um dos sexos onde sejam preparados os que se destinarem ao professorado.

Esta medida é urgente, sob pena de continuar-se a inundar a Província de mestres sem a necessária aptidão com raras exceções.

Colocada a instrução nesse pé e dirigida por um administrador que se compenetre de sua elevada missão, ficai certos de que em dois lustros estará mudada a face da província, nêste ramo do serviço público” (CUNHA, 1874 apud MELLO, 1956, p. 50-51).

Para Silvinio Elvídio Carneiro da Cunha, a educação era uma das prioridades da sua administração, com destaque à instrução obrigatória, à criação de escolas nas cidades, vilas e povoados, bem como, a assistência aos alunos carentes e a formação de professores.

Na tentativa de colocar em prática seus projetos de governo, Silvinio Elvídio Carneiro da Cunha construiu cerca de 20 escolas de instrução primária, sendo 14 do sexo masculino, e 6 do sexo feminino. À exemplo do primeiro prédio da Escola Normal que foi erguido com os seus próprios recursos. Ainda foram criados durante a sua administração, os primeiros cursos noturnos destinados à educação de adultos. Portanto, no seu governo, investiu-se no desenvolvimento da educação em nosso estado, pois, para o mesmo, da educação do seu povo dependia o êxito de um país.

Um país que se rege pelo sistema constitucional representativo e tem diante de si um porvir tão brilhante, não pode deixar de preparar a *educação* dos quais mais tarde têm de dar-lhes dias de glórias em todos os ramos da atividade humana (CUNHA, 1874).



A foto a seguir retrata o primeiro prédio escolar da província da Paraíba, construído durante o período em que Silvino Carneiro da Cunha (Barão do Abiaí) foi Diretor da Instrução Pública.



Figura 25: Primeiro Prédio Escolar da Província da Paraíba.

Fonte: CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da. **Barão do Abiaí.** João Pessoa: A União Cia Editora, 1940, p. 66.

Em seu livro o *Barão do Abiaí*, Olivina Olívia (1940) falou um pouco sobre atenção dada pelo seu pai à educação durante seu governo:

A maior parte de sua atenção era voltada para o ensino, pois reconhecia que só os espíritos iluminados pela instrução poderiam contribuir para o engrandecimento de seu povo. Estava sempre vigilante, para que os encarregados de tão importante ramo de serviço público procurassem dar melhores dias á instrução da província (CUNHA, 1940, p. 31).

Na Republica, período já vivenciada pela educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, a Parahyba do Norte passou por inúmeras mudanças no cenário político, econômico, social e educacional. Dentre as mudanças no campo educacional podemos destacar o processo de Equiparação do Liceu (1896); a Reforma da Instrução Pública



(1886); a criação de uma Diretoria de Instrução Pública e Escola Normal (1906); a formação da Inspetoria Geral do Ensino (1909); os Programas de Ensino e Prédios Escolares (1912); a Reforma de 1917 (construção do prédio da Escola Normal e de 95 escolas primárias). Comemoração a passagem do primeiro centenário da instituição do Ensino Primário no Brasil organizado pela Instrução Pública e a Sociedade de Professores (1927); fundação do Centro Agrícola de Pindobal (1929), destinado a recolher menores abandonados e delinquentes oferecendo instrução primária, ensino agrícola, educação profissional, oficinas de sapataria, carpintaria e serralharia (MELLO, 1956, p.70-94).

No Brasil as décadas de 1910 a 1930, foram marcadas por diversas reformas educacionais que possivelmente, refletiram nas diversas mudanças ocorridas no nordeste, e mais especificamente na Parahyba do Norte, levando a educação a sofrer modificações em sua organização pedagógica.

Dentre as reformas assinaladas no cenário nacional podemos destacar os ventos da Escola Nova ²⁹que estavam soprando, trazendo ideias que seus difundidores alegavam

²⁹ A **Escola nova**, também chamada de **Escola Ativa** ou **Escola Progressiva**, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX[1]. Nascido na Europa e América do Norte, chegou ao Brasil em 1882, pelas mãos de Rui Barbosa, e exerceu grande influência nas mudanças promovidas no ensino na década de 1920, quando o país passava por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas.

O mundo vivia, na época, um momento de crescimento industrial e de expansão urbana e, nesse contexto, um grupo de intelectuais brasileiros sentiu necessidade de preparar o país para acompanhar esse desenvolvimento. A educação era por eles percebida como o elemento-chave para promover a remodelação requerida.

Inspirados nas ideias político-filosóficas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, esses intelectuais viam num sistema estatal de ensino público, livre e aberto, o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais da nação.

O movimento ganhou impulso na década de 1930, após a divulgação do *Manifesto da Escola Nova* (1932). Nesse documento, defendia-se a universalização da escola pública, laica e gratuita. Entre os seus signatários, destacavam-se os nomes de:

- Anísio Teixeira - futuro mentor de duas universidades no país - a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, desmembrada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas - e a Universidade de Brasília, da qual era reitor, quando do Golpe Militar de 1964. Além dessas realizações, Anísio foi o fundador da Escola Parque, em Salvador (1950), instituição que posteriormente inspiraria o modelo dos Centros Integrados de Educação Pública - CIEPs, no Rio de Janeiro, na década de 1980.
- Fernando de Azevedo (1894-1974) - que aplicou a Sociologia da Educação e reformou o ensino em São Paulo na década de 1930
- Lourenço Filho (1897-1970) - professor
- Cecília Meireles (1901-1964) - professora e escritora

Armanda Álvaro Alberto (1892-1974) - educadora e militante feminista



serem inovadoras para educação. Segundo Lima (2010, p.133), visando à disseminação dessas ideias entre os professores foram idealizadas pelo então Diretor do Ensino Dr. José Baptista de Mello, as *Semanas Pedagógicas* ocorridas na Capital paraibana, tendo a primeira ocorrida em 1933, e a seguinte em 1934. Vale salientar que a segunda teve maior divulgação e apoio da Sociedade dos Professores além de ter conseguido os recursos financeiros do Estado na administração do então interventor federal Gratuliano Brito. Para Pinheiro (2002, p. 186) o professor José Baptista de Mello foi um dos principais difusores dos ideais escolanovistas na Paraíba, e uma dos intelectuais mais sintonizados com as políticas educacionais implantadas pelo estado ao longo de toda a era Vargas.

As ideais do escolanovismo eram de superar a “escola tradicional”, propondo para tanto uma ”escola nova”, ou seja, a escola deveria ser voltada para a reforma social tendo em vista a construção de uma sociedade democrática, que levasse em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade, então de acordo com alguns educadores, a educação escolarizada deveria ser sustentada no indivíduo integrado à democracia, o cidadão atuante e democrático. Sobre o desenvolvimento do movimento da *Escola Nova* na Paraíba, destaca Mello (1956, p.100):

A escola nova, vitoriosa em toda parte, veio alterar, completamente, o ensino primário, que, atualmente, obedece a uma orientação mais consentânea às necessidades do aluno.

A escola tradicional vai, aos poucos, sofrendo os influxos dos novos processos pedagógicos, de modo a garantir melhor educação ao nosso povo.

Assim é que, por toda parte, instalam-se novos tipos de educandários, com feição essencialmente prática, transformando o ambiente escolar em

-
- A atuação destes pioneiros se estendeu pelas décadas seguintes sob fortes críticas dos defensores do ensino privado e religioso. As suas ideias e práticas influenciaram uma nova geração de educadores como:
 - Darcy Ribeiro (1922-1997); e
 - Florestan Fernandes (1920-1995).

Acesso em: 11/06/12

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Nova>



verdadeiros centros de trabalho e de socialização. O aluno vai aprendendo executando. É o artífice, é o homem prático do dia de amanhã.
[...] Esforçamo-nos para que o nosso Estado não fique indiferente a esse movimento de renovação que sacode todos os espíritos adiantados.

Tendo em vista a melhor elaboração e execução do programa proposto para a segunda *Semana Pedagógica*, foram instituídas comissões específicas para determinadas etapas do evento, tais como:

- a) **Comissão executiva** – Professores: José Baptista de Mello e Eduardo de Medeiros; dr. Matheus Augusto de Oliveira, mons. Odilon Coutinho, drs. José Gomes Coêlho, Manuel Florentino da Silva, Luiz Gonzaga Burity, José de Seixas Maia, Octacílio de Albuquerque, Oscar de Oliveira Castro, professores Mario Marques, Olivina Olívia Carneiro da Cunha, Sizenando Costa, João da Cunha Vinagre, Aloysio Xavier, Gazzi de Sá, Manuel Vianna Junior, José Bento de Moraes, Leônidas Santiago, Francisco Rangel e Mário Gomes Pereira de Souza.
- b) **Comissão de recepção** – Professores Arnaldo de Barros Moreira, João Vinagre, Joaquim Santiago, Francisco Salles, João Falcão Sylvia de Pessoa e Julita Vasconcellos.
- c) **Comissão de estudos técnicos** – Professores Sizenando Costa, Manuel Vianna Junior, Francisco Rangel, Leônidas Santiago, José Bento de Moraes e Mário Gomes.
- d) **Comissão de publicidade e propaganda** – Professores Mário Gomes Pereira de Souza e Manuel Cavalcante.
- e) **Comissão de festas** – Professores Joaquim Santiago, Alice Monteiro, Benigna Leal, Geny Mesquita, Maria Augusta de Vasconcellos, Daluz Bonavides, Rachel Cantalice, Ecília Lins de Mendonça e Herundina Campello. (A UNIÃO, 09 out. 1934, p. 3 apud LIMA, 2010, p. 1936).

A imagem dos professores que participaram da 2ª Semana Pedagógica, a seguir, expressa um pouco da repercussão da realização desse programa. Vale ressaltar, que a publicação dá destaque ao comparecimento de ilustres famílias da sociedade paraibana a festa promovida no salão nobre da Escola Normal, pelos professores da Capital em homenagem aos seus pares do interior.

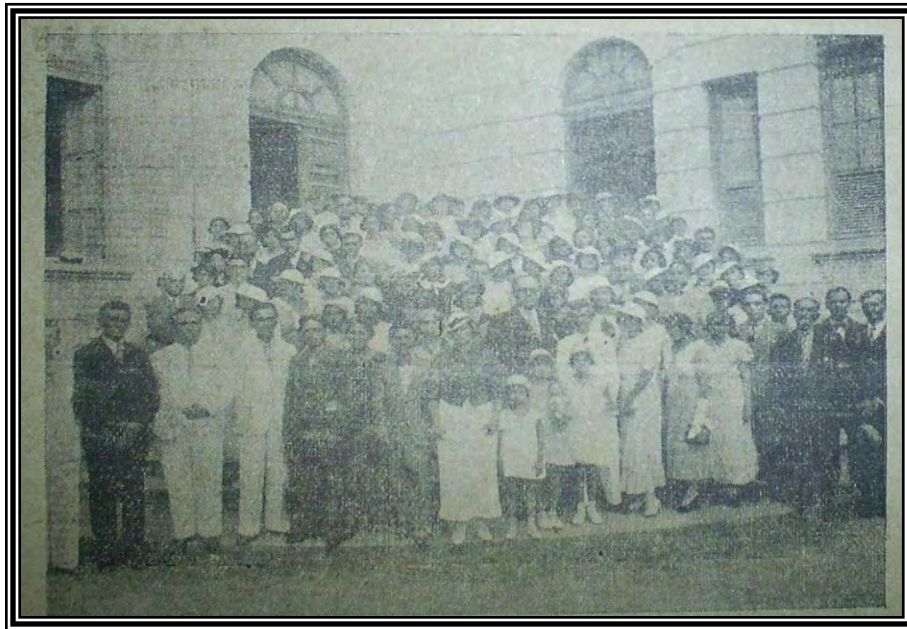


Figura 26: Professores que participaram da 2ª Semana Pedagógica. A imagem que se vê ilustra a notícia publicada na imprensa sob título: —Encerramento da Segunda Semana Pedagógica.
Fonte: A UNIÃO, 13 nov. 1934, p. 4, apud LIMA, 2010, p. 137.

Na comissão executiva estava a professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha que corroborava dos ideais do escolanovismo discutindo sobre esses ideais político-filosóficas na Imprensa Paraibana, articulando os problemas educacionais vividos pelo Brasil como o analfabetismo, as questões políticos, ou melhor, a educadora faz críticas a forma que se governava o país e o valor dado à educação. Como podemos notar no artigo publicado no Anuario de 1935(p.55):

O momento é assaz oportuno para dar a minha opinião sobre um assumpto que considero de grande relevância.

[...]

[...] a série ininterrupta de projectos e leis, falhos de significação, a febre que acompanhou o Brasil monarchia, e, depois, Republica e que ainda hoje nada traduz para glorificar o nosso povo.

Os parlamentares de todos os tempos não têm previsto o fator precipuo para o engrandecimento de nossa patria. Levam a discursar; muitas vezes tratam de questões pessoaes engalfinham-se nua lucta sem idéal.



Emquanto os paizes mais adiantados do mundo não contam analphabetos em suas terras, nós as temos infestados por esses doentes intellectuaes, privados do maior bem que se póde fruir – a saúde do espirito.

[...]

Educar um povo é construir para millenios. O valor do espirito illuminado cresce a proporção do brilho dessa luz. Podemos distinguir melhor, n'uma esphera luminosa, os circulos que ella contém.

[...]

O grande educador romano Marco Catão dizia: “O officio de educar é mais nobilitante que o de governar, pois todo o govêrno é impossivel sem educação, que dá competencia aos governadores”.

[...]

Temos Cruzadas de ensino por toda parte; é muito, mas não é tudo. Desanalphabetizar sem o **ensino obrigatorio** é trabalho arduo e custoso, que precisará de centenas e centenas de annos para chegar a um resultado positivo.

Nosso povo é por indole negligente quando se aborda a questão do ensino. Fale-se em festa politica etc., eil-o prompto, enthusiasmado, vibrante, ao extremo.

Infelizmente, porém, o apetite de conhecimentos intellectuaes é fraco; é preciso um tonificante enérgico – **obrigar a ir á escola** para desanuviar o espirito, aprender a lêr e a escrever.

[...]

Que o ensino seja a maior preocupação dos nossos dirigentes, que os nossos representantes na Camara e no Senado tomem-se de amôr pela causa do nosso bem collectivo verberando, não por questões de valor ephemero, mas pela erecção de um baluarte para não deixar ruir o escudo do nosso valioso nome.

No texto acima fica nítido uma leitura do analfabeto como doente intelectual e a educação como luz que ilumina o espirito tirando-o das trevas daí seu destaque para a obrigatoriedade do ensino. Acreditando na educação como promotora do desenvolvimento nacional, e porque não dizer, como salvadora da pátria, Olivina Olívia Carneiro da Cunha destaca em outras palavras que, o ensino deveria capacitar os brasileiros para enfrentar as necessidades impostas pelo mundo moderno e, assim, desenvolver o potencial econômico e social da nação.

Nesse processo seria fundamental que o pensamento da *escola nova* estivesse arraigado na educação, que para a educadora não se limitava simplesmente ao espaço escolar, mas perpassava outras instancias da sociedade como o cinema que,



especificamente, no período vinha ocupando seu espaço, sendo uma das principais fontes de entretenimento para juventude paraibana. Fato que a preocupava pela forma que vinha se dando sem orientação, apenas apelando para emoção dos jovens como destaca:

Não resta duvida que o “film” para conseguir o seu desejado fim deve ser rigorosamente orientado; não só um appello á emoção, mas tambem um caminho aberto para o progresso intelectual e social da humanidade (CUNHA, domingo, 10 de maio de 1936).

Na percepção da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, o cinema tinha seu valor educativo, mas os educadores deveriam utilizá-lo guiando o interesse dos seus alunos.

[...] E, pouco a pouco, o professor guiando o interesse da classe, a levará á solução dos problemas mais complexos, sem esforços para que possam os jovens definir e compreender a vida na sociedade actual (CUNHA, domingo, 10 de maio de 1936).

Olivina Olívia Carneiro da Cunha considerando-se uma educadora progressista, via na linguagem cinematográfica um veículo difundidor de ideias, ou seja, “revolucionário” por meio do qual a escola Nova encontraria um “poderoso auxílio” como expressa em seu artigo intitulado: *O Cinema e a Educação Social*:

O cinema sob o ponto de vista sociológico é um grande estímulo para a educação dos moços.
Elle visa os elevados ideaes de progresso da humanidade.
E’ certo que este meio de propaganda precisa ser controlado, e é o que em nossos dias, vem preocupando seriamente o educador.
Considero o “film” como Esopo considerava a língua- “o que ha de mais nocivo e perigoso para a humanidade.
Como um despertador de sentimentos e vocações pela variedade de scenarios, de movimentos e meios de acções, o cinema impressiona altamente a criança.



E é por isso mesmo que para o seu valor educativo deve ele ser orientado de modo a se tornar um dos meios mais efficientes da socialização do individuo.

A Escola nova que vem revolucionando todo o programma e ensino, nelle encontra um poderoso auxiliar.

A campanha pró-cinema tem despertado invulgar interesse, em nosso meio, pois, como sabemos, é o cinematographo salutar e bom um agente da cultura em geral

A “film” deve ter como importancia capital o poder intensificador da acção constructiva.

A Historia passa para a tela; torna-se viva ao espirito da criança cuja intelligencia se enriquece com as reconstituições do passado.

Revive-se uma época em que os acontecimentos podem trazer belas lições de moral.

Não é somente a America do Norte que adopta este meio de ensino extraordinariamente efficaz. A França, a Italia com o seu Instituto Cinematographia Educativa, seguindo o exemplo dos “yankées vêm obtendo os mais positivos e valiosos resultados.

O Brasil movimenta-se para acompanhar esses países, onde o cinema educativo preocupa deveras o professor.

[...]

Para que tenhamos uma geração perfeita é bem formada é mister evitar a pobreza da inlligencia e da vontade.

Estas poderão ser desenvolvidas largamente com o auxilio da tela falada, elementos de indiscutível valor, que suggere ao espirito novas ideias, novas actividades, até então desconhecidas.

[...] (CUNHA, domingo, 10 de maio de 1936).

Em suma, de modo eloquente percebemos que Olivina Olívia Carneiro da Cunha, em seus artigos elenca a educação como ponto central de suas discussões articulando sempre as temáticas que estavam em evidência na conjuntura paraibana. A educadora alcançou um lugar de destaque nas mensagens que soube transmitir em seu tempo e que avançam até as gerações presentes, tendo um papel significativo para a construção da história da educação paraibana.



3.2 Rememorando as práticas educativas de Olivina Olívia Carneiro da Cunha

Nesse momento do nosso trabalho, antes de adentrar na análise e cruzamentos dos conteúdos das fontes orais e escritas, com vista a rememorar práticas pedagógicas da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, destacamos o conceito de práticas educativas. Ou seja, em um sentido amplo, compreendemos práticas educativas como fenômeno social e universal necessário à existência de todas as sociedades. Assim, corroboramos com Libâneo (1994, p. 17), ao destacar práticas educativas como sendo “processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente”.

Dessa maneira, faz-se fundamental recorrer às afirmações de Brandão (1995, p. 9), ao discorrer: “[...] não há uma forma única nem único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”.

Ainda de acordo com Brandão (1995), a educação faz parte de um todo na sociedade e, portanto, deve ser para todos. Em sua compreensão, a escola não é o único lugar em que ela ocorre, pois, “todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar [...] todos os dias misturamos a vida com a educação.” (1995, p. 7).

Assim, partindo destas assertivas, situamos as práticas educativas da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, no contexto da sua vida e da sua história, dos acontecimentos do tempo por ela vivenciado, no sentido de estabelecer uma relação incessantemente renovada entre o passado e o presente.

Focamos suas práticas educativas através das narrativas de amigos e ex-alunos do Liceu Paraibano que conviveram com a citada educadora, entre os anos de sua atuação na instituição: 1937-1961 e amparados, também, em seus diversos escritos perscrutados.

Sobre as entrevistas, o primeiro depoimento que trazemos é para retratar o Liceu Paraibano do início do século XX, como tendo sido uma escola de tradição na Paraíba e em todo o Nordeste. Os alunos que lá estudavam entravam apenas por meio de concursos que eram publicados através dos editais no Jornal Oficial do Estado “*A União*” e, também,



posteriormente, com a publicação da lista dos aprovados. Segundo Oswaldo Trigueiro do Vale (ex-aluno do Liceu/ professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba), os alunos do Liceu tinham muito respeito e admiração por seus professores. Estes possuíam grande influência no que se refere ao comportamento e a formação dos alunos.

[...] na época o comportamento do aluno e do professor, era um comportamento respeitoso. O professor quando entrava em sala de aula, isso era tradição europeia e portuguesa de maneira particular, nós nos levantamos e cumprimentávamos os professores, quando ele se sentava nós nos sentávamos. O silêncio era considerado, e ficávamos em silêncio absoluto, não que nós não tivéssemos alegria, havia naquela época, e era muito adiantada, havia uma cantina onde os alunos se reuniam para conversar, manter a parte social etc. (OSWALDO TRIGUEIRO DO VALE, entrevista em: 08/ 04/ 2009).

O escritor e ex-deputado federal, Joacil de Brito Pereira, complementando as informações sobre a referida instituição escolar, destaca em sua narrativa a influência da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha as muitas gerações de alunos que por lá passaram:

[...] fui seu aluno, no velho Liceu, e posso dar depoimento de sua abnegação ao magistério e da sua capacidade. Muito aprendi com ela sobre nossa língua, sobre as literaturas nacional e portuguesa, assim como sobre os grandes autores estrangeiros. Ensinou-me os segredos do estilo e as belezas da arte de escrever. (JOACIL DE BRITTO PEREIRA, entrevista em 17/11/2008).

Sobre o rigor em relação à língua portuguesa, a própria educadora expressa em seu artigo *A arte de dizer na escola primária*, a importância do cuidado que as professoras deveriam ter para com os alunos ao pronunciarem as palavras, para que não viessem a cometer erros suprimindo determinadas letras, mas entonassem bem às palavras e acentuações. Na concepção da referida educadora, essas questões eram determinantes para



classificar um “bom professor” que deveria ser, também, um “artista que, com palavras educadas, conduzissem os alunos a desvendar o segredo da califasia”.

[...]

O menino, comumente, tem uma pronuncia defeituosa.

Desde o seu início na escola, a professora deve ter absoluto cuidado de fazê-lo pronunciar as palavras com exatidão, não deixa-lo suprimir os “rr” e “ss”, fazer a rigorosa pontuação, sem o que se tornará viciado a leitura.

E’ o motivo por que não é capaz de interpretar bem o que lê. Da clareza da frase, depende a beleza da expressão.

E’ preciso ter em vista as ligações e a acentuação tonica; não deixar proferir um termo sem a devida correção.

Tenho lutado grandemente em minhas classes para conseguir que os alunos leiam pausada e corretamente; em geral, trazem um pronuncia má – partindo as palavras, empregando o acento musical onde não se faz mistér; respirando a cada instante, deturpando assim as palavras mais e mais.

Não observam os valores qualitativos das vogais, a quantidade e tonicidade das sílabas, e, daí provém um timbre de voz que, muitas vezes, nos fére o tímpano e nos enerva.

Reconheço que mór parte, o defeito é da primeira educação.

[...]

E’, então o professor que executa o papel de agiosimandro, a badalar, instante a instante, a ouvidos igualmente imperfeitos.

[...]

O bom professor não deve consentir que o aluno responda por meio de um monossílabo; e sim auxiliá-lo, de começo, na frase com que êle tenha de dar a resposta á pergunta formulada.

[...]

Sou de opinião, todavia, que deve nas escolas primarias uma professora – artista que, com palavra educada, conduza os alunos a desvendar o segredo da califasia, arte que bem exercitada, nos faz conseguir uma perfeita dicção.

[...]

A criança de hoje poderá, no futuro ser um orador e, para que isso, é preciso que possúa não só as qualidades por excelencia – o talento e a imaginação, mas também uma aparência agradável (CUNHA, 01 de outubro de 1933, p.11).

A respeito da sua rigidez em relação à língua portuguesa seus ex-alunos acrescentam através de depoimentos:



[...] Ela não usava livro não, era tudo na cabeça acho que em questão de português ninguém tinha condição de saber mais do que ela não. Ela sabia e ensinava bem, ela aplicava as provas e não deixava ninguém filar não... Agora ela era muito vaidosa, muito; só andava perfumada, vestido de linho, sapato alto, o sapatão tinha bem um palmo. O importante é que a gente aprendeu a escrever e ler. Ela ensinava a gente a ler um texto, ler, não só passar por cima não “tem que ler como quem tá rezando”. Ela dizia isso tem que ler um texto com atenção para poder absorver aquilo. E escrever ela mandava fazer dissertações sobre isso, sobre aquilo e ia comparar, olhar, e ela dizia esse aqui tem tendência para escrever, esse aqui é analfabeto pronto (DORGIVAL TERCEIRO NETO, entrevista concedida em: /06/2009).

[...] No ensinamento da matéria do Português que eu estudei com ela, aprendi o português [...] ela contribuiu bastante mesmo. Devo a ela e a dona Argentina a minha formação no estudo do Português não é grande coisa, mas dá pra o gasto (HAROLDO LUCENA, entrevista concedida em: 04/ 05/2009).

Ela conhecia a vida, era tida como uma grande conhecedora do português tanto da parte da língua, como de literatura e gramática.

Em 1947 quando houve a Assembleia Constituinte do Estado, o presidente da Assembleia Flávio Ribeiro, designou uma comissão de professores para fazer uma espécie de revisão do texto gramatical e ela fazia parte, juntamente com outros dois professores: Luiz Gonzaga Buriti e José Batista de Melo, que era meu pai. Então, a professora Olivina fez parte da Comissão, também ela era reputada merecidamente como boa conhecedora da língua portuguesa.

Ela tinha sido professora do meu pai na antiga Escola Normal e depois veio a ser colega dele no Instituto Histórico Geográfico Paraibano. [...] Não havia uma amizade mais íntima, mas se encontravam esporadicamente, se davam bem! (HUMBERTO CAVALCANTE DE MELO, entrevista concedida em: 09/09/2011).

É perceptível nos depoimentos destacar aspectos referentes à formação da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, tais como, o domínio da língua portuguesa no que se refere a literatura e a gramática.

As narrativas também enfatizam bastante a metodologia de ensino praticada pela educadora, cuja característica maior estava na técnica de soletrar e decorar as letras e



palavras a serem aprendidas. Assim, não havia nenhum questionamento por parte dos alunos ou da professora acerca dessa aprendizagem que se dava de acordo com a capacidade do aluno em memorizar o conteúdo ensinando.

No artigo publicado na *Página Feminina*, do Jornal *A União* (Um leve conceito) destacamos a valorização que a educadora atribuía a formação inicial dos educandos pré-escolares, pois, segundo ela, estes deveriam concluir essa etapa de formação sabendo ler e escrever corretamente, algo que considerava deficitário na época e que por conseguinte, acarretaria uma “desorganização da sociedade”.

Nesse mesmo artigo, Olivina Olívia da Cunha, ainda discute o papel da família na educação dos filhos, apontando esta como um fator natural. Por sua compreensão, vencida esta etapa humana, caberia ao professor a tarefa de identificar as qualidades pessoais de cada educando, respeitando suas tendências hereditárias, talentos e dotes pessoais de cada indivíduo, contribuindo assim, com o desenvolvimento da sociedade. Olivina Olívia Carneiro da Cunha, ainda destaca que, embora o educador tenha tantas responsabilidades em suas mãos no que se refere à formação do cidadão, não era reconhecido nem recompensando por seu árduo trabalho.

A educação, considerada como um fato natural, tem por fim a acomodação do indivíduo ao meio que êle vive [...] No lar, elas recebem a primeira educação. E' bem verdade que os pais, levados pelo afêto, não procuram pesquisar mais as tendencias e os interesses da criança para melhor desenvolverem a sua obra educativa [...] E, se esse problema de tão alta significação não fôr resolvido com acerto, daí resultará a desorganização da sociedade futura, falha no caráter do individuo [...] O educador precisa ter em vista as qualidades pessoais de cada um educando, muitas vezes uma herança, que devem conservar e não destruir [...] Apurar o que na criança ha de aproveitável, respeitar em parte as tendencias hereditárias: faculdades de talento e dotes que revelem um caráter rígido [...] Cabe ao educador uma grande parte dessa responsabilidade, bem sei; mas a tarefa árdua a que êle se entrega com devotamento, não tem, quase sempre, a merecida recompensa que se lhe impõe [...] (CUNHA, 1933, p. 10).

Durante o longo período em que foi professora no Liceu, Olivina Olívia Carneiro da Cunha viveu muitas histórias que marcaram a memória de muitos alunos do Liceu. O



historiador José Octávio Arruda de Melo presenciou uma desses acontecimentos quando era aluno do Liceu paraibano e narrou:

Eu sei que uma vez o diretor era Guibiston, e as lambretas começaram a prosperar aqui na Paraíba e os padres aderiram as lambretas [...] Guibiston que era muito presepeiro, diretor e hoje professor do Lyceu. Através dele soubemos que dona Olivina ia chegando no Lyceu rodando em uma lambreta e ele disse: nessa hora, eu suspendo vocês se forem vaiar dona Olivina. Ela era muito moderna, era uma mulher avançada para a época [...] (JOSÉ OCTÁVIO DE ARRUDA MELO, entrevista em: 19/09/2008).

O relato do historiador entrevistado traz à tona o espírito moderno e avançado que Olivina Olívia Carneiro da Cunha possuía em relação à época em que viveu. Linalda Melo, atualmente professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba, também entrevistada, fala um pouco sobre a autenticidade de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, tanto no seu modo de ser, como de viver e se comportar em sala de aula.

Cada pessoa deve ser autêntica, ela viveu a autenticidade dela, nenhum professor era como ela, do jeito dela, nem no jeito de ensinar, nem do jeito de conviver na sala de aula, era autêntica! Ela não seguia padrão, ela era seu próprio padrão, não se importava de ser diferente, nem sei se ela entendia que era diferente, se ela percebia que era diferente! Ela era ela, cada um deve ser o que é, não se encabular! Ela era espontânea não se encabulava com nada não, ela saía de boletim, o vestido era de alça e o boletim era de organdi, pra ela não havia o ridículo, não havia o espalhafatoso, não. Ela era ela, ela gozava o padrão da eterna juventude, viver com autenticidade, viver o que é, quando cai em imitação de outro, sem se envergonhar, ou se sem se camuflar, mas ser o que é, mostrava o que era na frente de todo mundo. Gostava de suas preferências, por um por outro em determinados momentos, suas preferências pelos alunos homens, mas acho que era por isso, era mais fácil lidar com homens e então ela com os homens chamava: Meu filho! O aluno diante de um erro espantoso, de alguma coisa espantosa, de uma pergunta espantosa, ela fazia: *Meu filho, que isso que eu estou ouvindo? Meu Deus!* Quando eram as meninas, ela avistava um olhar assim de banda, envergando a



cabeça assim, num olhar reprovador: *Você não tem vergonha de não saber uma coisa dessa?* Bem espontaneamente assim! (risos) Não era preferência não, era nada, era a maneira dela! Muito boazinha [...] (LINALDA ARRUDA MELO, entrevista concedida em: 07/05/2009).

Numa perspectiva diferente, Linalda Melo (2009) relata, portanto, o jeito de ser da educadora, como uma contribuição para a formação pessoal de seus alunos “É por isso que quando as pessoas falam dela falam com um respeito muito grande!”.

Nessa entrevista pudemos perceber como a memória é um terreno complexo, não linear, pois, às vezes acontecem fugas e lapsos com relação aos acontecimentos vivenciados pelos indivíduos. Ao reviver sua história educacional, a entrevistada Linalda Melo narrou momentos até então no território do esquecimento e que vieram à tona ao mergulhar nas lembranças do período em que foi aluna da de Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Sobre a sua competência como educadora, no que diz respeito às questões pedagógicas, ou seja, sua didática em sala de aula, alguns ex-alunos ainda revelam:

[...] o Lyceu era uma casa de muita expressão pedagógica e ao mesmo tempo era dirigida por dona Daura Santiago e tínhamos vários professores de renome. Dona Olivina era professora de Português [...], ela era uma grande professora, [...].

[...] as aulas eram de quadro negro mesmo, mas ela distribuía com os alunos uma espécie de apostilas, de resumos de aulas para que nós continuássemos, fazia a repetição de texto pra que o aluno saísse dali sabendo ler e escrever [...] (OSWALDO TRIGUEIRO DO VALE, entrevista concedida em: 08/ 04/ 2009).

[...] os professores levavam um caderno já decorado tudo o que tinha, mas tinha que ter o caderno para ser todo ano aquela mesma coisa. O caso dela, não era esse não, ela era muito competente e transmitia a aula com muita clareza. Naquele tempo todo professor usava o quadro negro. Ela tirava conceitos às vezes de certos textos de uma poesia, de uma leitura pra se fazer uma análise daquele trecho. Dona Argentina também fazia a mesma coisa, mas dona Olivina, eu não vejo muita diferença assim entre uma e outra a não ser o aspecto físico e a forma de agir uma mais rígida e outra muito tranquila. Dona Argentina era muito tranquila parecia uma mãe de família, parecia à mãe da gente que estava ali; todas as duas



solteiras. Mas cada uma tinha uma forma de se conduzir. (HAROLDO LUCENA, entrevista concedida em: 04/ 05/2009).

Fui aluno de Olívia três anos [...] as aula dela eram aulas agradáveis, ela era uma professora muito esforçada, muito dinâmica, muito comunicativa. Ela se realizava através do ensino. Também era exigente, ela não aceitava muita desculpa não! (CAIO MUCIO NETO PEIXOTO DE VASCONCELOS, entrevista concedida em: 06/11/2011).

[...]. Ela exigia muito redação da gente [...]. A gente começava a redigir do curso primário, desde a primeira fase, com 8 e 9 anos já começava a fazer descrições[...].

Ela exigia muito questões de gramática tanto na grafia, na semântica, na pronúncia bem correta, alguns vícios de linguagem que ela tentava corrigir [...] alguns vícios de linguagem que ela tentava proibir [...] mas ela tinha uma boa didática, ela ensinava de uma maneira que a gente aprendia, muito compreensível [...].

Naquele tempo o sistema de avaliação [...] tinha provas, fazia exercícios e tínhamos sempre uma prova final. [...] Ela cobrava mesmo a parte redacional, também o conhecimento do aluno, tinha a parte de literatura também [...].

Havia prova escrita e prova oral obrigatoriamente. A oral era um prova que dava certo medo [...]. Era o seguinte, havia vinte pontos e então havia o sorteio de um ponto, o próprio aluno chegava tirava o ponto, pronto à matéria é essa [...]. Os professores às vezes perguntavam você quer falar ou quer que eu pergunte? Os professores geralmente davam essa liberdade [...]. O professor então aplicava a nota alí na hora [...]. Era um sistema de avaliação distinto.

Ela fazia acompanhamento em sala de aula com exercícios periodicamente com a gente, mas tinha que fazer prova final obrigatoriamente [...] (HUMBERTO CAVALCANTE DE MELO, entrevista concedida em: 09/09/2011).

Ancorando-nos nestas breves evidências históricas é possível ter um vislumbre de suas práticas tradicionais em sala de aula, aspecto que segundo os seus ex-alunos não interferiam na qualidade do aprendizado, pelo contrário, os mecanismos tradicionais como quadro negro e giz, redação, acompanhamento contínuo por meio de exercícios, provas orais e escritas e a introdução dos valores morais e cívicos no ensino asseguravam o êxito



educacional. Nesse viés, a escola devia constituir-se na principal formadora do caráter, pois, o caráter estava ligado à grandeza moral dos educandos, era condição necessária à manutenção do “conservadorismo e *status quo*” (PINHEIRO, 2002, p. 168).

Em relação ao desenvolvimento da educação na Parahyba do Norte, o professor José Coelho fez sua avaliação, encaminhada à diretoria da Instrução Pública, em 1919:

O ensino nas escolas publicas [...] restringe-se a um termo entre ensino classico, livresco, mnemonico, e o moderno das nações anglo-gemanicas. Não é essencialmente bom, nem pode ser taxado de mau: é o melhor possivel na situação actual das escolas, resultante das condições materiaes das aulas, da capacidade pedagógica dos mestres, e da reacção do meio social naturalmente conservador, desconfiado, com razão ás vezes, de inovações (COELHO apud PARAHYBA DO NORTE, 1921, p.01).

Conforme sentenciou esse professor era difícil romper o “ensino classico, livresco, mnemonico” e modernizar a educação já que os educadores estavam centrados nos aspectos metodológicos tradicionais.

Para Olivina Olívia Carneiro da Cunha, a educação era a “base primordial do homem” que o levaria a ter êxito em outras áreas da vida. Essa compreensão de “educação” está presente em suas práticas educativas e em seus escritos como expressa no artigo “Em torno de uma idéia”:

O poder da vontade cresce e avoluma-se esta é cuidadosamente educada. Vence todo aquele que confia no exito desta força extraordinaria que nos leva aos fins mais ardentemente desejados. Esta faculdade de querer, o homem a possui na sua compleição nervosa, bem como sabemos; entretanto, ela só poderá atingir o expoente maximo pela ação energica e imediata de uma robusta educação. Desta atividade inteligente resulta uma exemplar conduta, um caráter modelar. O habito de saber querer, orientado por uma vontade superior, leva-nos á conquista de um ideal bellissimo (JORNAL A UNIÃO, 20 de agosto de 1933, p.110).



Por fim, ao analisarmos e interpretarmos os documentos levantados sobre suas práticas e concepções educativas podemos concluir que a professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha era detentora de práticas e concepções educacionais conservadoras em alguns momentos e em outros era adepta e difundidora dos novos métodos pedagógicos, baseados nos pressupostos da Escola Ativa, coerente com processuais de modernizações implementados na sociedade paraibana.

Todavia, seus ex-alunos ressaltam que o aprendizado adquirido com a educadora foi de grande valia para formação profissional dos mesmos, colaborando para ocuparem, postos de destaque nos diversos segmentos da sociedade paraibana.

Esses relatos foram anunciando cada qual a seu modo, minúcias das práticas educativas, detalhes do cotidiano e da convivência com a educadora pesquisada, contribuindo assim, para desvelar a sua memória.

Isso não significa dizer que desvelamos por completo essas memórias, no que se refere especificamente as suas práticas educativas, mas, estamos avançando um primeiro olhar, avistamos apenas a ponta do iceberg, indicando novos caminhos para se velejar, no plano mais amplo e por mares distantes. Significa dizer, parafraseando Machado (2006), que aspectos comuns do cotidiano, aparentemente banais possibilitam através de fragmentos das lembranças, das imagens, das trajetórias de vida, de lugares diversos da sociedade como: a rua, a escola, os amigos, os familiares a igreja; reacender a imagem de sujeitos que foram submergidos e ignorados pela história oficial.



4. PALAVRAS FINAIS

De uma maneira geral, este estudo se incumbiu de reavivar parte da história e memória educacional de Olivina Olívia Carneiro da Cunha e, como vimos, ao longo desta pesquisa, entender a sua trajetória no cenário histórico do seu tempo, particularmente, na condição de educadora, formadora de toda uma geração letrada da Paraíba, demarcando um lugar de relevância cultural no século XX, através de suas práticas e representações educacionais.

Para isso, contamos com a colaboração das reminiscências de ex-alunos da professora, historiadores paraibanos, amigos e familiares de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Os entrevistados narraram experiências cotidianas e educacionais, indicando leituras das suas memórias individuais no conjunto das memórias coletivas, ou seja, permitindo uma releitura dos acontecimentos de uma época, em particular, as práticas e ideais da educação de uma dada época.

Como é facilmente observável nas entrevistas, a presença e influência dessa educadora foi muito marcante na vida dos seus ex-alunos, seja pelas práticas cotidianas, disciplinares, religiosas ou aspectos referentes à moral. Por outro lado, as fontes escritas e icnográficas pesquisadas nos permitiram dialogar com esse passado narrado, sendo possível revigorar uma leitura das práticas e ideias educacionais preconizadas e vivenciadas por Olivina Olívia Carneiro da Cunha, contribuindo assim para uma ampliação da história educacional da Paraíba.

Nesse sentido, por entender que este estudo constituiu-se de tecer um olhar sobre as fontes que estavam disponíveis e que muitas ficaram emudecidas no passado, recusamos a ideia de um trabalho totalmente concluído, apesar do percurso e das fontes que nos aproximaram da história e memória das práticas e ideias preconizadas e vividas pela educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Assim, as lacunas existentes neste trabalho são, particularmente, parte de um processo de aprendizagem historiográfica, uma vez que o silêncio enigmático por si só



revela novos indícios que ajudarão a decifrar uma figura, uma personagem e, especialmente, uma realidade possível, em outro momento de pesquisa.

Nessa compreensão, percebemos a complexidade de penetrar numa realidade afastada pelo tempo, perscrutando a vida de uma determinada personagem, no campo da historiografia, ou seja, um verdadeiro labirinto de ideias no universo teórico-metodológico da Nova História Cultural.

Conscientes da transitoriedade da conclusão deste estudo, sabemos que uma etapa está sendo fechada no que se refere a história e memória das práticas e ideias da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha, etapa em que puxamos fios da existência de uma mulher de grande inquietude intelectual e de presença marcante na educação de sua época. Acreditamos, portanto, que nossa pesquisa servirá de bússola, indicando o caminho para novas pesquisas, retirando do porão do passado a história e memória de outras educadoras que contribuíram, decisivamente, com a história da educação da Paraíba, dando seguimento ao proposto e investigado no projeto de investigação *Educação e Educadoras na Paraíba do século XX: leituras, práticas e representações*.

Por fim, do que foi exposto e analisado nesta dissertação, demos um passo decisivo, se não inédito, certamente, aprofundado, por entender a relevância deste à história da educação da Paraíba, em particular, na identificação e destaque analíticos das elaborações biográficas de educadoras paraibanas.



REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Alguém sabem quem foi Zilah Mattos Totta? In: PASSAGI, Maria Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Orgs.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

AGUIAR, WELLINGTON HERMES V. DE. **De Casa de Baronesa a Sede da Associação Paraibana do Ministério Público**.

Disponível em:

<http://www.apmp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=3>

Acesso em: 14/05/2012.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bessanezi, (Org.), **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

ALMEIDA, Murilo Augusto de. **Presença de D. Pedro II na Paraíba**. Recife, Mousinho Artefatos de Papel, 1975, p. 105.

ARAÚJO, Cássia Barbosa de Araújo. **O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política**. Institutos de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, vol 17, Set/Dez, 2003.

ARAÚJO, Fátima. **História e Ideologia da Imprensa na Paraíba**. Paraíba: Secretária de Educação e Cultura, 1983.

BARBOSA, Cônego Florentino. **Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1994.

BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX**. Tradução de Luiz Antonio Oliveira Araújo. – São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 18-19.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. A Educação das Mulheres no Pensamento da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino (1922-1931). **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, Uberlândia, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Editoria EDUSP, 1987.



_____. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social.** São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

BUCHOLDZ, A. P. **Diário dos Campos.** Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

BURKE, Peter. **A Escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. Tradução Magda Lopes.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. **Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral.** Biblos. Rio Grande: v. 16, p.7-24, 2004.

CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da. **Barão do Abiaí.** João Pessoa: A União Cia Editora, 1940.

CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da. **Migalhas de inspiração.** João Pessoa, s/d. p. 55-56.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.17.

_____. **A história hoje:** dúvidas, desafios e propostas. Estudos históricos. Rio de Janeiro. Volume 7, n. 13. 1994.

FISCHER, Beatriz T, Daudt. Arquivos pessoas: incógnitas e possibilidades na construção de uma biografia. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **Tempos, narrativas e ficções:** invenção de si.1.ed. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS e EDUNEB, 2006. v.1. p. 263-278.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: _____. **A micro - história e outros ensaios.** Tradução de Antônio Narino. Lisboa. DIFEL, Rio de Janeiro - Brasil, Editora: Bertrand I, 1989.

_____. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

JANOTTI, M. L. O Livro Fontes históricas como fonte. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.



JOFFILY, J. **Anayde Beiriz**: paixão e morte na Revolução de 30. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1980.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2 ed. Rev.- São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Lílian de. **Álbum de Leituras**: memórias de vida e histórias de leitores. São Paulo: Editora UNESCO, 2003, p. 29.

LECHNER, Elsa. Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: contributo para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. In: SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; CUNHA, Jorge Luiz da. **Práticas de Formação, Memória e Pesquisa(Auto) Biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 46-58 (Série Artes de Viver, Conhecer e Formar).

LEIS E REGULAMENTOS DA INSTRUÇÃO NA PARAÍBA NO PERÍODO IMPERIAL. In. CURY, Cláudia Engler; PINHEIRO, Antônio Carlos (Orgs.). **Coleção Documentos da Educação Brasileira**. Editora Brasília-DF: 2004, p.128 e 129.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão: 5 ed. Campinas. São Paulo: Editora UNICAMP. (Coleção Repertórios), 2004.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1984.

_____. Documento/ Monumento. In: **História e Memória**. 3 ed. Campinas Editora da Unicamp, 1994.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994 (coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LOPES, Eliane Marta Teixeira, GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**: ensaios. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Mulher e educação**: história, práticas e representações. João Pessoa - PB. Editora Universitária/UFPPB, 2006.

MACHADO, Charliton José dos Santos; SILVA, Viviane Freitas da; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira. Olivina Olívia Carneiro da Cunha (1886-1977): desvelando memórias educacionais. In: **Anais do 19º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**. João Pessoa, PB: UFPB, 2009, p. 1(CD-ROM).



MACHADO, Charliton José dos Santos. **Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações** (Projeto de pesquisa PIBIC/ CNPq/ UFPB) João Pessoa: Mimeografado, 2008.

MANUAL DE LEPROLOGIA – Publicado pelo Serviço Nacional de Lepra – Rio de Janeiro – Brasil, 1960.

MELLO, José Octávio de Arruda. A Paraíba e a década de vinte. In: BASTOS, Abguar; JOFFILY, Geraldo...[et al.]; (Orgs.). **Exposições e debates do II Seminário Paraibano de Cultura Brasileira**. João Pessoa: Secretária de Educação e Cultura, 1979.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistências**. 6.ed. João Pessoa, Editora Universitária UFPB, 2000, p.169.

NÓVOA, A. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **História e Histórias de Vida - Destacados Educadores Fazem a História da Educação Rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 12.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista, EDUSF, 2000, p.14).

NUNES, Maria Lúcia da Silva. A imprensa paraibana e os Direitos da Mulher: textos publicados no jornal a União na década de 1920. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MACAHDO, Charliton José dos Santos (orgs.). **Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira**. Campinas-São Paulo: Autores Associado, 2006.

PALMEIRA, Balila. **Barão do Abiahy: sua vida, sua obra, seus descendentes**. João Pessoa: editora, 1986, p. 41.

PALMEIRA, Balila. Mestre imortal: uma vida dedicada à educação. In: **Revista Sol** – set./ out. 1985, p. 91.

PERROT, Michelle. **Mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares**. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade de São Francisco, 2002.



PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Um Roteiro Histórico Educacional na Paraíba Cidade e João Pessoa (em texto e imagens)**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFP, 2008.

_____, As “**Peculiaridades**” da instrução pública e particular na Província da Parahyba do Norte (1860 A 1889). In: **Anais do VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, p. 1-16 (CD-ROM).

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

REIS, José Carlos. **Novelle histoire e tempo histórcico**: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994, p. 18-19.

RODRÍGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1962.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulheres e relações de gênero: balanço preliminar da década de 90. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Org.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC; Ed. 34, 2002, p.203.

SILVA, Alômia Abrantes da. Escritas e inscritas: mulheres na imprensa dos anos 1920. In: ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos (Orgs). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

SILVA, Viviane Freitas da; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira. As múltiplas faces de Olivina Olívia Carneiro da Cunha (1886-1977). In: **Anais do IX Congresso Iberoamericano de História da Educação: educação, autonomia, identidade na América Latina**. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2010, p. 1(CD-ROM).

SILVA, Viviane Freitas da; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. Tecendo Memórias Educacionais Paraibanas: Olivina Olívia Carneiro da Cunha (1886-1977). In: MACHADO, Charliton José dos Santos et. al (Orgs.). **Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações**. Volume I. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009, p. 27-40.

SILVA, Viviane Freitas da; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva. Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações. In. **Anais do VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” História, Educação e**



Transformação: tendências e perspectivas. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2009, p. 408 (CD-ROM de Resumos).

SILVA, Viviane Freitas da. **Olivina Olívia Carneiro da Cunha (1886 – 1977):** histórias e memórias da educação na Paraíba. Monografia. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2009.

SILVA, Viviane Freitas da; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira. O desvelar de uma memória: Maria Tércia Bonavides Lins (1903 - 1982). In: **Anais do VIII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação:** infância, juventude e relações de gênero na história da educação. São Luís, Maranhão: UFMA, 2010, p. 1-14 (CD-ROM).

SILVA, Viviane Freitas da; MENDES, Márcia Cristiane Ferreira; MACHADO, Charliton José dos Santos. Olivina Olívia Carneiro da Cunha (1886-1977): reminiscências históricas da educação na Paraíba. In: **Anais do II Seminário de Gênero e Práticas Culturais:** culturais, leituras e representações. João Pessoa, PB: UFPB, 2009, p. 1-12 (CD-ROM).

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. Dos alfinetes aos ideais. In: FERREIRA, Luzilá Gonçalves et al. Um discurso feminino possível: pioneiras da Imprensa e Pernambuco (1830-1910). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.

SCCUOGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti; TAVARES Marieta Dantas. História e Memória da Igreja da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba. In: **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 6, n. 8, out.-nov.-dez./2009, p.12-33 - ISSN 1806-700X.

Disponível em: <www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio>

Acesso em: 15/05/2012

SOIHET, Raquel. “A pedagogia do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz”. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, Autores Associados, n. 15, p. 97-117, set./out./nov./dez, 2000.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: Interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempo, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre-RS: EDPU CRS: EDUNEB, 2006.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **De olho em D. Pedro II e seu reino tropical.** São Paulo: Claro Enigma, 2009.



THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2.ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, E.P. **História Oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Dissertações e Teses Pesquisadas:

BARRETO, Maria Cristina Rocha. (1996), **Imagens da cidade**. A ideia do progresso nas fotografias da cidade da Parahyba. Dissertação, João Pessoa, MCS-UFPB.

FERRONATO, CRISTIANO DE JESUS. **DAS AULAS AVULSAS AO LYCEU PROVINCIAL**: as primeiras configurações da instrução secundária na Província da Parahyba do Norte (1836-1884). , Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. João Pessoa: 2012, 274 páginas.

FRAGOSO, Verônica de Souza. **Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino**: Contribuições educacionais para a mulher paraibana (1933 a 1939). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, maio de 2011, 150 páginas.

LIMA, Rosângela Chrystina Fontes de. **Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello e a cidade**: espaços de difusão dos ideais modernos (1916-1935). Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. João Pessoa: [s.n.], 2010, 232 páginas.

SALES, Ana Maria Coutinho de. **Tecendo fios de liberdade**: escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX. Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Tese de Doutorado. Pernambuco: 2005, 275 páginas.

SANTOS, Tatiane de Medeiros. *Magistério em declínio*: histórias e memórias de ex-alunas do magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2009.

SILVA, Alômia Abrantes da. **As escritas femininas e os femininos inscritas**: imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 20. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, Recife: maio de 2000.

Entrevistas

ABIAHY, Osíris. Sobrinho de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Entrevista concedida a Viviane Freitas da Silva e Márcia Cristiane Ferreira Mendes. João Pessoa: 04/12/2008.



ABIAHY, Helionora de Araújo. Sobrinha e neta da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Entrevista concedida as pesquisadoras: Ferreira Mendes. João Pessoa: 05/10/2011.

MELO, Linalda Arruda. Ex-aluna de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Entrevista concedida a Viviane Freitas da Silva e Márcia Cristiane Ferreira Mendes em: 07/06/2009.

MELO, Humberto Cavalcanti Luiz. Ex-aluno da professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Entrevista concedida as pesquisadoras: Ferreira Mendes. João Pessoa: 06/09/2011.

NETO, Dorgival Terceira. Ex-aluno de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Entrevista concedida a Viviane Freitas da Silva e Márcia Cristiane Ferreira Mendes em: 11/06/2009.

MÚCIO, Caio Peixoto. Ex-aluno de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Entrevista concedida as pesquisadoras: Viviane Freitas da Silva e Márcia Cristiane Ferreira Mendes. João Pessoa: 06/11/2011.

PEREIRA, Joacil de Britto. Ex-aluno de Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Entrevista concedida as pesquisadoras: Viviane Freitas da Silva e Márcia Cristiane Ferreira Mendes. João Pessoa: 17/11/2008.

PORTINHO, Carmem. Entrevista concedida a Vera Rita da Costa publicada em 1995.
Disponível: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/carmen_portinho_22.html>
Acesso em: 26/04/2012.

Fontes Documentais Impressas e manuscritas:

Periódicos:

ANNUARIO ECLESIAITICO DA PARAHYBA DO NORTE. Residencia Episcopal. João Pessoa: Estabelecimento- Torre Eifel, 1894, volume 1, p. 20.

CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Obrigatoriedade do Ensino. In: **ANNUARIO DA PARAHYBA**, 2º Anno. Director Bacharel Samuel Duarte. Imprensa Official- João Pessoa 1935, páginas: 55 a 57.

DUARTE, Samuel (org). **Anuario da Parahyba**. João Pessoa: Anno II, 1935, p. 23.

JORNAL A UNIÃO, 22 de Junho de 1933, p. 3.

JORNAL A UNIÃO, 17 de agosto de 1933, p. 11.



JORNAL A UNIÃO, domingo, 10 de janeiro de 1937, p. 08.

JORNAL A UNIÃO, domingo, 01 de outubro de 1933- n°221-p. 11.

JORNAL A IMPRENSA, quarta-feira, 18 de Setembro de 1940, p. 03.

JORNAL A UNIÃO, 10 de Julho de 1934, p. 1.

JORNAL A UNIÃO, domingo, 25 julho-p. 2 ,secção-n 136.

JORNAL A UNIÃO, domingo, 10 de maio de 1936.

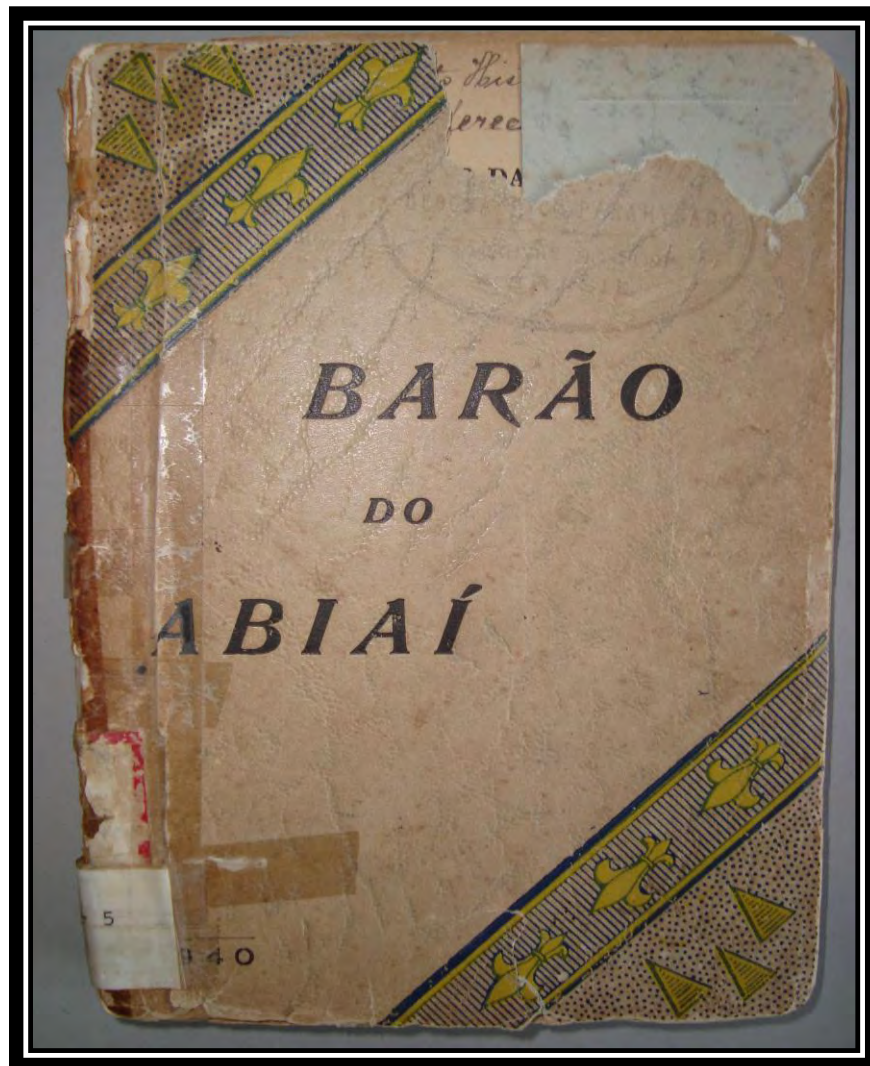
JORNAL IMPRENSA, quarta-feira, 18 de Setembro de 1940, p. 03.

JORNAL A UNIÃO, 15 de março de 1977.



ANEXOS

ANEXO A: Capa do livro *Barão do Abiaí* de Olivina Olívia Carneiro da Cunha



Fonte: Instituto Histórico Geográfico Paraibano-IHGP



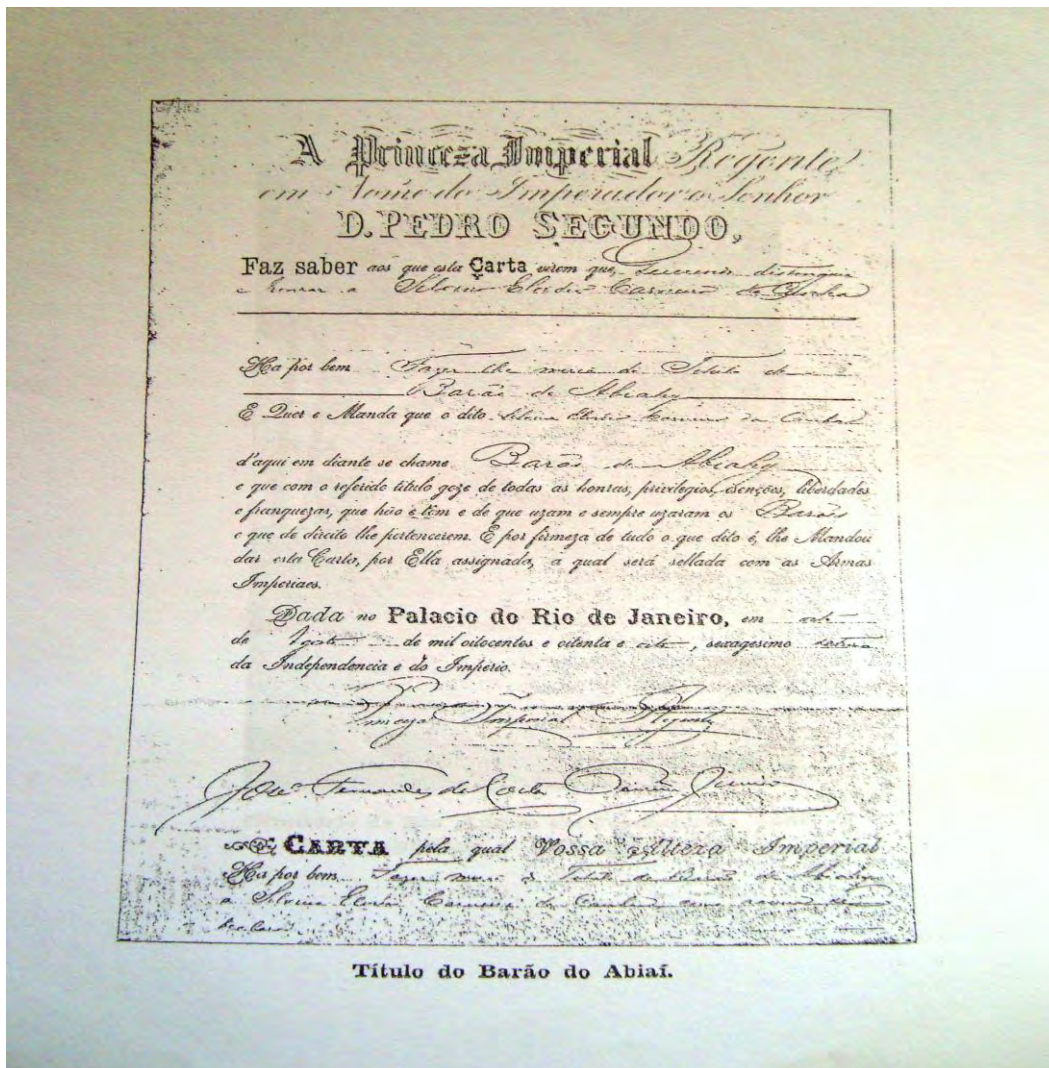
ANEXO B: Capa do livro de poesia *Migalhas de Inspiração* de Olivina Olívia Carneiro da Cunha a obra não tem o ano de publicação.



Fonte: Instituto Histórico Geográfico Paraibano-IHGP



ANEXO C: Título de Barão do Abiahy



Fonte: CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da. **Barão do Abiaí**. João Pessoa: A União Cia Editora, 1940, p.77.



ANEXO D: Entrevista de Olivina Olvívia Carneiro da Cunha ao Jornal O Norte

**DONA OLIVINA
NINGUÉM RECORDA O QUE FEZ
O PAI DA BARONESA DE ABIAÍ**

Se o mundo não tivesse mudado, a professora Olivina Olivia Carneiro da Cunha seria atualmente uma das maiores proprietárias de João Pessoa, aos noventa anos de idade e há noventa e cinco da Proclamação da República, o grande acontecimento que a reduziu de baronesa a uma humilde professora de província.

Mestra de várias gerações de paraibanos, dona Olivina Carneiro de Cunha, lúcida e atualizada, lamenta que tão poucos a cumprimentem ou a visitem. Alias, apenas um de seus numerosos e ilustres ex-alunos, vai visitá-la e abraçá-la frequentemente: Dorgival Terceiro Neto.

Os demais a ela não se referem, entre outros Humberto Nobrega, Claudio Leite, Mario da Gama e Melo, o primeiro reitor da Universidade Federal da Paraíba, o segundo deputado federal e o terceiro vereador em João Pessoa. Mas, mais do que isso, ela lamenta que a obra de seu pai, o rico e poderoso Barão do Abiaí, tenha caído quase definitivamente no esquecimento em sua própria terra.

ROUBADO

O sr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, nascido em 31 de agosto de 1831 e casado com a sra. Leonarda Merandolina Carneiro da Cunha, era proprietário de imensas terras em Alhandra, a maior das quais chamava-se Abiaí, daí o nome de seu título de nobreza, conquistado a 8 de agosto de 1888. Essas terras foram roubadas pela República, em 1889. Alugadas a ingleses, eles usaram abaixo toda a floresta virgem que existia, para vender madeira às estradas de ferro. O barão foi ao Rio tratar do assunto com os altos escalões do país, mas tudo terminou como os altos escalões queriam. Na volta, a bordo do vapor "Olinda" e antes de chegar a Recife, Silvino Elvidio morreu de desgosto. Era o dia 8 de abril de 1892. Ele era filho do importante senhor de engenho e comendador Manuel Florêncio Carneiro da Cunha, presidente da província da Paraíba por várias vezes e de Maria Etelvina Cavalcanti Carneiro da Cunha.

ESQUECIDO

Ele devia ser lembrado não pelas terras que tinha ou simplesmente por ter sido o pai da mais antiga professora viva do Liceu Paraibano, e sim pelo que fez pela Capital: a Igreja de Nossa Senhora das Neves (Catedral), o primeiro teatro, na Praça 1817 (hoje, Igreja Presbiteriana), a primeira escola normal da Paraíba, a recuperação do Palácio do Governo, a doação de vários terrenos ao Estado, inclusive o em que foi construída a Praça Venâncio Neiva (e não Barão do Abiaí). Tudo isso e muitas outras realizações do Barão estão reconhecidas apenas num nomezinho de rua, permanentemente ameaçado de substituição.



Dona Olivina: "a República roubou meu pai"

"Meu pai foi um grande educador e por todas as províncias por que passou deixou alguma coisa importante. Até a biblioteca pública de João Pessoa é uma obra que meu pai iniciou", relembra dona Olivina com irreprimível emoção.

QUEM FOI

O Barão do Abiaí era bacharel em direito pela Faculdade (1853) foi presidente (hoje governador) das províncias de Sergipe (1866 a 1867), do Rio Grande do Norte (1868 a 1870), Alagoas (1871 a 1872), Maranhão (1873 a 1875) e várias vezes de sua própria província, a Paraíba.

Foi deputado provincial de 1855 a 1871, promotor público, chefe de polícia, secretário geral do governo, diretor da instrução pública, procurador fiscal da fazenda, presidente da Câmara Municipal, provedor perpétua e benfeitor da Santa Casa de Misericórdia, chefe prestigioso do Partido Conservador, inspetor das Alfândegas da Paraíba, de Manaus e Maranhão, Advogado nos auditórios forenses da Paraíba, Pernambuco e da Estrada Ferro Conde D'Eu, além de redator-chefe de conceituados órgãos da Paraíba, entre eles "O Jornal da Paraíba" e "O Monitor" e ainda membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, e outros títulos.



DONA OLIVINA

Dona Olivina Olivia Carneiro da Cunha vive, hoje, em companhia da amiga Isabel Braga, faz uns dois anos, no castelinho da Praça Venâncio Neiva. Isabel foi criada por um sobrinho da ilustre e agora esquecida baronesa.

Vive da aposentadoria como professora do Estado, percebendo 1.700 cruzeiros mensais. Não tem mais nada além disso, mas insiste em afirmar que o Estado lhe deve muito. Na década de sessenta, afirma haver ensinado à noite durante quatro anos. Não recebeu um centavo por esse trabalho. Foi várias vezes a Secretária de Educação reclamar direitos sem, no entanto, receber o que reclama: duas vezes aposentada, pois era professora de dia e de noite, profissão que exerceu por mais de meio século.

Na década de sessenta também foi candidata a vereadora, mas os votos que esperava de milhares de ex-alunos foram dados a outros candidatos. Perto dos noventa anos, não quer outra coisa, a não ser apenas que o Estado reconheça a importância de seu pai como um dos homens mais empreendedores e dignos de reconhecimento que viveram na Província da Paraíba.

Baronesa do Abiaí: 90 anos de idade

Fonte: JORNAL O NORTE, 21 de março de 1977. A União Cia Editora.



ANEXO E: Terras do Barão do Abiaí localizadas no atual Município do Conde.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador Cristiano Ferronato, 2011.



ANEXO F: Casarão do Barão do Abiaí, localizado no atual município do Conde.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador Cristiano Ferronato, 2011.



ANEXO G: Atual prédio da Delegacia Regional do Trabalho, local onde se situava o Palacete onde Olivina Olívia Carneiro da Cunha residiu.



Fonte: Arquivo Pessoal das Pesquisadoras Viviane Freitas e Márcia Mendes. Foto tirada em 2009.



ANEXO H: Artigo sobre a “Obrigatoriedade do Ensino”

Obrigatoriedade do Ensino

(Especial para o ANNUARIO DA PARAHYBA)

Professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha

O momento é assaz oportuno para dar minha opinião sobre um assumpto que considero de grande relevancia.

A obrigatoriedade do ensino foi sempre um thema que me levou a fortes discussões.

Educadora ha muitos annos, tenho visto passar uma geração escolar, sem comprehender porque nós, brasileiros, não podemos dar um combate renhido e decisivo ao analphabetismo.

O Brasil tão vasto, tão propicio aos grandes empreendimentos, na exhuberancia do seu sólo na tenacidade de seus filhos não encontrará um auxilio ingente para livrar-se desse flagello que o açoita implacavel?

Acompanhemos as causas determinantes desse mal que não temos podido debellar até hoje.

Sabemos que a historia educacional do Brasil appareceu com os Jesuitas.

Não venho fazer o panegyrico de Manuel da Nobrega, Aspilcueta Navarro, Blasquez e Anchieta.

A historia não nos deixa ignorar quaes os inestimaveis serviços desses apostolos e educadores abnegados.

Sob Pombal, em 1759, fôram expulsos os bemfeitores de nossa patria, dando logar a um desastrado exercicio no ensino com reformas que longe estavam de satisfazer á premente necessidade de instrução naquela época.

Começa, então, a série ininterrupta de projectos e leis, falhos de significação, a febre que acompanhou o Brasil monarchia, e, depois, Republica e que ainda hoje nada traduz para glorificar o nosso povo.

Os parlamentares de todos os tempos não têm previsto o fator precipuo para o engrandecimento de nossa patria. Levam a discursar; muitas vezes tratam de questões pessoases engalfinham-se nua lucta sem idéal.

Emquanto os paizes mais adiantados do mundo não contam analphabetos em suas terras, nós as temos infestados por esses doentes intellectuaes, privados do maior bem que se póde fruir – a saúde do espirito.



Quando pensamos que em épocas remotíssimas já os hebreus não contavam entre elles uma só analphabeto!

Entre os persas a escola era obrigatoria no periodo dos 6 aos 16 annos quando o alumno se preparava para a pratica dos deveres civicos.

Em Athenas, o Estado fiscalizava o ensino e a instrucção era obrigatoria. Carlos Magno, em 802, estabeleceu o “dogma da obrigatoriedade do ensino”.

Com a reforma lutherana tempo depois, ella reaparece. Os dirigentes obrigam os subditos a mandar os filhos á escola.

Na idade moderna, Charles Demia, em 1666, fundou uma escola para meninos pobres; iniciou a sua grande obra, ensinando a lêr, desanalphabetizando as creanças. Não só estas. O povo ignorante achou onde estudar. E com as sancções religiosas. La Salle, em 1685, impoz a obrigatoriedade de ensino.

Lakanal era pela instrucção obrigatoria. Nos Estados Unidos, Horacio Mann, o forte adepto da co-educação, criando a escola publica na America, achava que esta devia ser gratuita e imposta por lei. Que vemos no Uruguay e Republica da Argentina? O coefficiente de alphabetizados é elevadissimo porque o ensino nesses dois paizes da America Latina é obrigatorio.

As republicas da America Central estatuem a obrigação escolar. E nós, no Brasil, que fazemos? Quando se fala em obrigatoriedade de ensino respondem: “O Brasil é pobre, não pode custear taes despesas”.

Que se faz do nosso dinheiro, então? Um paiz tão extenso, tão fertil... E' por que a sua renda é tão diminuta que não chega para as despesas de primeira necessidade?

E' preciso bôa orientação, combater a febre da politica malsã, não desviar absolutamente os dinheiros dos cofres publicos para obras que não sejam de real utilidade.

Educar um povo é construir para millenios. O valor do espirito illuminado cresce a proporção do brilho dessa luz. Podemos distinguir melhor, n'uma esphera luminosa, os circulos que ella contém.

Treva no espirito, entrada impedida para o ascensor do triumpho.

O grande educador romano Marco Catão dizia: “O officio de educar é mais nobilitante que o de governar, pois todo o govêrno é impossivel sem educação, que dá competencia aos governadores”.

Por que persistir no erro quando reconhecemos que elle nos acompanha? E' tempo de sanar um mal que nos avilta e que nos põe inferior aos habitantes dos paizes onde o analphabetismo não medra.

Tenho pena de nós mesmos! Não é preciso sophismar. A questão resolve-se simplesmente com uma lei que é facil de ser elaborada – a obrigatoriedade de ensino.

Quem não alcança ser esta a decifração do grande enigma não interpretado até hoje?!

Temos Cruzadas de ensino por toda parte; é muito, mas não é tudo. Desanalphabetizar sem o ensino obrigatorio é trabalho arduo e custoso, que precisará de centenas e centenas de annos para chegar a um resultado positivo.

Nosso povo é por indole negligente quando se aborda a questão do ensino.

Fale-se em festa politica etc., eil-o prompto, enthusiasmado, vibrante, ao extremo.



Infelizmente, porém, o apetite de conhecimentos intellectuaes é fraco; é preciso um tonificante enérgico – obrigar a ir á escola para desanuviar o espirito, aprender a lêr e a escrever.

D. Pedro II, o brasileiro magnanimo, todo carinho, todo amôr, todo bondade; o sábio o polyglotta, a quem Afronio Peixoto, irreverentemente e mal inspirado, cognominou de “mediocre governante”, velava pela instucção. Nem mesmo a vaidade que é innata ao homem, o aguilhou quando lhe quizeram erigir uma estatua pelos grandes bens dispensados á nação que elle sabiamente governava. Disse ao ministro do Imperio: “Desejaria fosse quantia arrecadada em subscripção popular, empregada na construcção de edificios apropriados ao ensino das escolas primarias e o melhoramento do material de outros estabelecimentos de instrucção publica”.

Que exemplo dignificante!

Um espirito de tal elevação deve ser admirado em suas altruisticas concepções.

E’ de Condorcet, sábio e philosopho, autor do “Espoço de uma quadro dos progressos do espirito humano”, a seguinte phase: “Anarchia ou despotismo é o quinhão dos povos não educados”.

Esta maxima vem corroborar o que vemos pelo nosso Brasil, onde a indisciplina toma proporções gigantescas e assustadoras.

E esta indisciplina actual arrasta-nos vertiginosamente para o desmoronamento de nossa sociedade. Evitemos essa hecatombe. Façamos luz nesses espiritos apropinquados ao erro.

Que o ensino seja a maior preocupação dos nossos dirigentes, que os nossos representantes na Camara e no Senado tomem-se de amôr pela causa do nosso bem collectivo verberando, não por questões de valor ephemero, mas pela erecção de um baluarte para não deixar ruir o escudo do nosso valioso nome.

A obrigatoriedade do ensino é o sustentaculo que se faz mister para impedir a leva de brasileiros analphabetos, entravando o nosso progresso moral, intellectual material.

Escolas nas tendas, nas choças, nos telheiros, nos jardins, nos campos, sob as arvores, nas praças, nos templos, em todos as estações do anno e na differentes horas do dia.

Uma verdadeira expansão de luz espiritual.

Em cada letra uma fulguração estranha; em cada syllaba uma absconsa alegria e em cada palavra uma conquista brilhante.

E depois... o espirito alçará o vôo, indo pairar no fastígio de gloria.

Fonte: CUNHA, Olivina Olívia Carneiro da Cunha. Obrigatoriedade do Ensino. In: **ANUARIO DA PARAHYBA**, 2º Anno. Director Bacharel Samuel Duarte. Imprensa Official- João Pessoa 1935, páginas: 55 a 57.



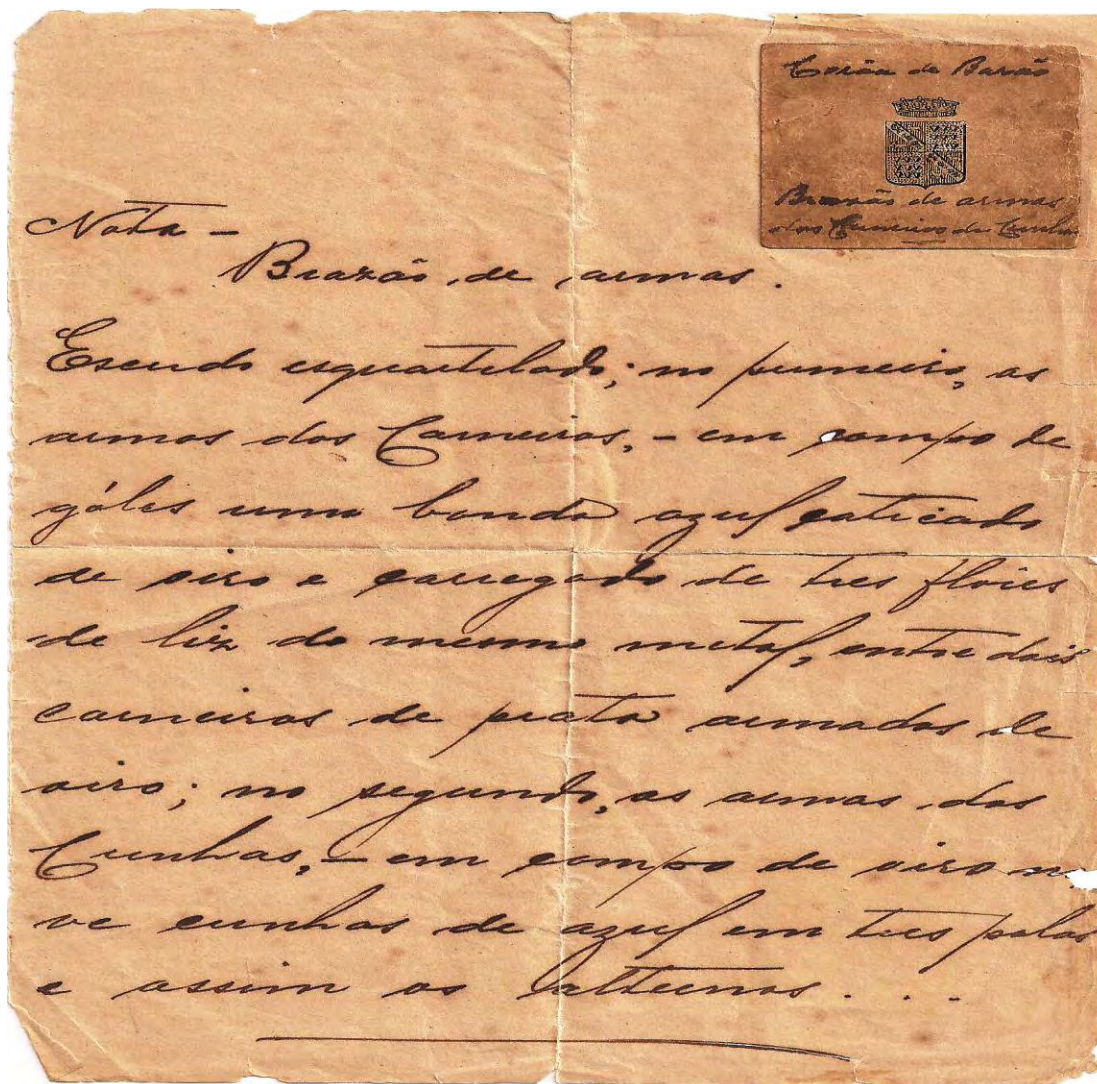
ANEXO I: Artigo sobre a publicação do Livro "Barão do Abiaí"



Fonte: JORNAL IMPRENSA, quarta-feira, 18 de Setembro de 1940, p.03.



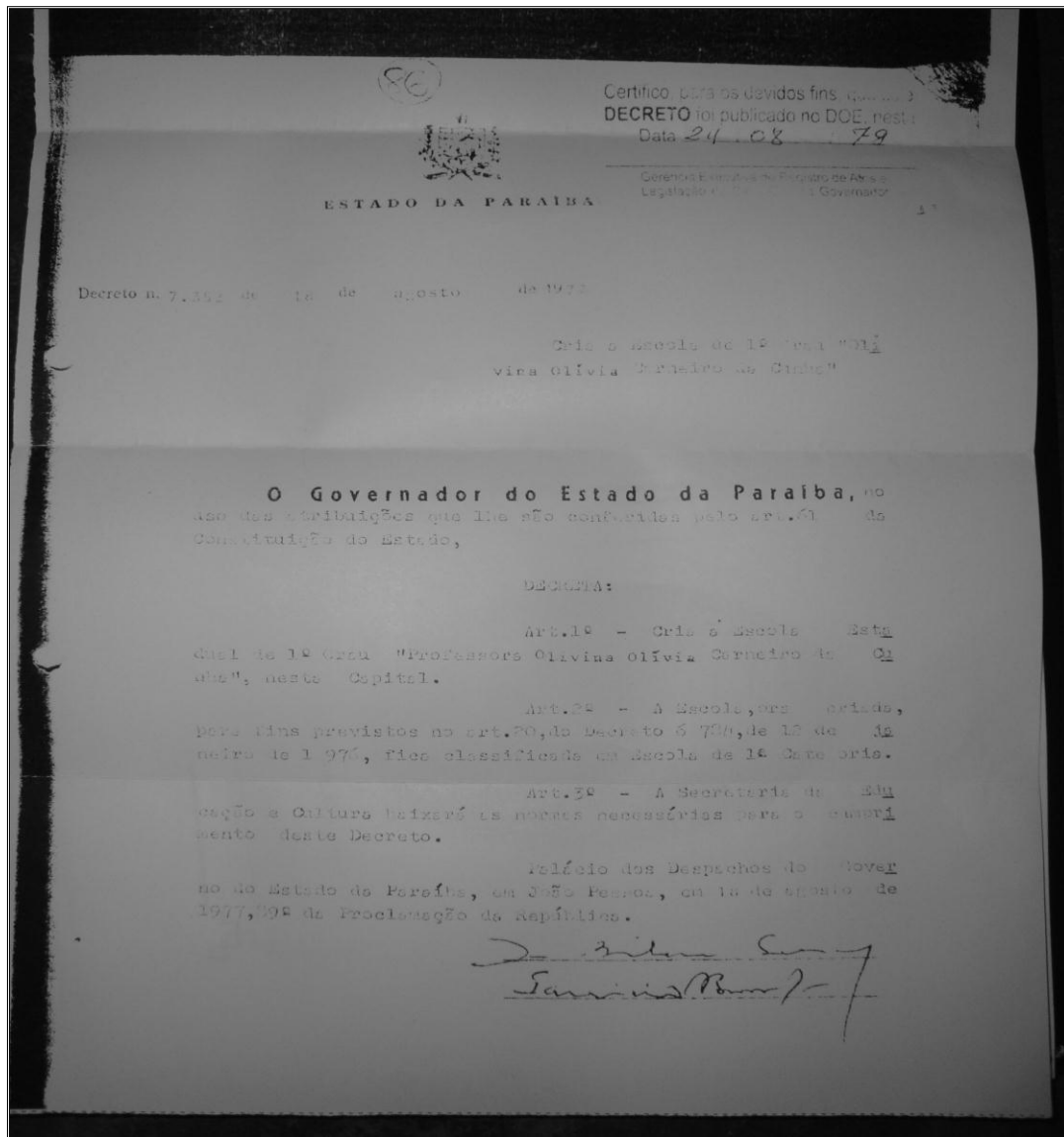
ANEXO J: Título de “Barão do de Armas” recebido por Silvino Elvídio Carneiro Cunha.



Fonte: Documento cedido pela família Abiaí, 2011.



ANEXO L: Decreto de Criação da Escola Estadual Olívia Olívia Carneiro da Cunha.



Fonte: Secretária Estadual de Educação do Estado da Paraíba, 2009.



ANEXO M: Carta reposta ao Sr. Dr. Irineo Joffily

Exmo. Sr. Dr. Irineo

Respeitosos cumprimentos

Conquanto desconheça o motivo que o levou a dirigir-me a carta que ora respondo, cumpre-me o dever, entretanto, de satisfazer o pedido que nella me faz.

O procedimento do Snr. na Escola Normal, onde sou professora é digno de louvor por todos aquelles que sabem fazer jus aos predicados que deixam transparecer a sua belleza moral.

Reconheço no Snr. um homem de uma educação esmerada e, portanto, incapaz de tratar com grosseria a qualquer pessoa.

Eu, por exemplo, tenho sido alvo de excessiva polidez da parte do Snr. e considero-o um esteio poderoso para a instrução pelo character recto e elevados conhecimentos que tem revelado possuir, durante o curto espaço de tempo, em substituição ao nosso distincto director dr. Xavier Junior. O Snr. poderá fazer o uso que lhe aprouver desta carta e considerar-me uma

Cra. respa.

Olivina O. C. da Cunha.

Exmo. Sr. Dr.

Fonte: JORNAL IMPRENSA, segunda-feira, 19 de maio de 1913, p.02.